

## **Dedicatória**

Aos meus pais pelo apoio cúmplice e incondicional neste e em todos os projectos em que me envolvo.

## **Agradecimentos**

Agradeço,

À minha Orientadora pelas palavras de experiência acurada e estímulo, bem como pela confiança que depositou em mim, permitindo que, com liberdade, chegasse a bom porto e concluísse o meu trabalho.

Aos meus superiores no Centro Regional de Braga e na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, nomeadamente ao Senhor Professor Doutor Pio Alves de Sousa e a Professora Doutora Maria da Graça Alves, pela amizade, apoio e confiança em mim depositadas.

Ao Senhor Professor Doutor Luís A. de Oliveira Ramos pelo incentivo e motivação para continuar a progredir e apostar na minha formação académica e pessoal.

Aos Conselhos Executivos das Escolas EB 2,3 de Lamações e Amares por viabilizarem este estudo.

Aos meus amigos António Calheiros, Vera Duarte, Bernardino Silva, Raquel Oliveira, Helena Vilas Boas e Igor Carrasco pelo carinho e paciência nos momentos difíceis, pela sua disponibilidade, empréstimo de livros, sábios conselhos, incentivos, revisões e correcções.

Ao jovem grupo de entrevistados pela consideração e disponibilidade com que acolheram o meu pedido e me dispensaram o seu tempo.

**Obrigada!**

## Resumo

É verdade que desde os primórdios da humanidade estamos dependentes das tecnologias, mas hoje mais do que nunca isso se verifica. São exemplo disso, o telemóvel e o Messenger. Estas duas recentes e populares tecnologias de informação e comunicação da sociedade contemporânea cativaram as crianças não sendo, por isso, de estranhar o modo apaixonado como utilizam e manipulam no quotidiano estas tecnologias que privilegiam a escrita.

Enquanto actores sociais, as crianças assumem um papel pioneiro no que diz respeito às tendências tecnológicas em voga na sociedade de consumo globalizada. Contudo, a forma como as crianças usam estas tecnologias na gestão do dia-a-dia comunicacional e relacional é, ainda, pouco documentada cientificamente.

Há uma nova geração, com características de mobilidade e interactividade próprias, cujo quotidiano, subordinado às novas tecnologias, assenta numa forma de comunicar, relacionar e viver ainda desconhecido para nós.

Este estudo quantitativo visa estudar como crianças do 5º e 6º ano de duas escolas do distrito de Braga utilizam o telemóvel e o Messenger; aferir se são dependentes destes meios de comunicação; e verificar se as características sócio-demográficas têm alguma influência na utilização destas tecnologias.

## **Abstract**

It is true that from the origins of the humanity we are dependent on the technologies, but today that happens more than ever. The mobile phone and the Messenger, two of the most recent and popular information and communication technologies of the contemporary society are an example of that. They fascinate children and, therefore, it is not strange the way they use and manipulate in everyday life these technologies that privilege the writing.

While social actors, children assume a pioneer role concerning the technological tendencies of nowadays globalized consumption society. Nevertheless, the way children use these technologies in the management of day to day communicational and relational life is still very little scientifically documented.

There is a new generation, which everyday life is subordinated to the new technologies, with its own characteristics of mobility and interactivity and a way of communicating, relating and living, still unknown for us.

This quantitative research aims to study how children of the 5th and 6th grade from two schools on the district of Braga use the mobile phone and the Messenger; to check if they are dependants of these media; and verify if social-demographic characteristics influence in the use of these technologies.

**Índice geral**

	Página:
Dedicatória .....	III
Agradecimentos .....	IV
Resumo .....	V
Abstract .....	VI
Índice geral .....	VII
Índice de figuras .....	IX
Índice de quadros .....	X
Índice de gráficos .....	XI
Índice de tabelas .....	XII
Siglas e Abreviaturas .....	XIII
Introdução.....	1
Contextualização e importância do Estudo .....	2
Objectivos do Estudo .....	3
Organização da Dissertação .....	4
Capítulo 1. O Homem criador de ferramentas tecnológicas .....	5
1.1. Da Era Agrícola à Era Digital .....	7
1.2. Os anos 70 e a emergência do paradigma tecnológico .....	8
1.3. A emergência de um novo sector: as Tecnologias de Informação e Comunicação .....	12
1.4. Definição de termos .....	14
1.4.1. Tecnologia .....	14
1.4.2. Informação .....	16
1.4.3. Comunicação .....	16
1.4.4. Tecnologias de Informação e Comunicação .....	17
Capítulo 2. As crianças e as TIC na Cibercultura .....	18
2.1. Um novo paradigma comunicacional e relacional .....	24
2.1.1. O paradigma da mobilidade e a emergência das tecnologias de comunicação móveis .....	26
2.1.2. A comunicação mediada por computador (CMC) .....	28
2.2. O mundo na palma da mão .....	34
2.2.1. O telemóvel .....	35
2.2.2. Tipos de relação utilizador-telemóvel .....	36
2.2.3. Crianças, telemóvel e status social.....	37
2.2.4. O fenómeno dos Short Message System .....	40
2.2.4.1. Factores de popularidade do SMS .....	42
2.2.5. Do <i>Chat</i> à cultura Messenger .....	44
2.2.5.1. Factores de popularidade do Messenger .....	49
2.2.6. Uma nova grafia digital emerge: uma escrita criativa ou empobrecida? .....	50
Capítulo 3. Metodologia .....	55
3.1. Desenho do Estudo .....	55
3.2. O questionário .....	56
3.2.1. A construção do questionário .....	57
3.2.1.1. Estudo preliminar para a elaboração do questionário .....	57
3.2.1.2. Desenho do questionário e validação .....	61
3.2.1.3. Estrutura final do questionário .....	62
3.2.1.4. Descrição do questionário .....	62
3.3. Definição das Variáveis .....	64
3.4. Procedimentos prévios à aplicação dos questionários nas escolas .....	64
3.5. A amostra .....	64

3.5.1. Constituição da Amostra .....	65
3.5.2. Localização geográfica da amostra .....	66
3.5.3. Critérios de selecção da Amostra .....	67
3.5.4. A dimensão da Amostra .....	68
3.5.5. Caracterização da Amostra .....	68
Capítulo 4. Apresentação dos resultados do questionário .....	77
4.1. Estatística Descritiva aplicada aos questionários .....	77
4.1.1. O Telemóvel .....	78
4.1.2. O Messenger .....	84
4.1.3. Telemóvel versus Messenger .....	88
4.2. Cruzamento de variáveis .....	93
Capítulo 5. Conclusões .....	103
5.1. Recomendações para futuros estudos .....	107
5.2. Estudos que apoiam a investigação realizada .....	108
5.3. Reflexões finais .....	108
Referências Bibliográficas .....	110
Webografia .....	115
Anexos .....	116

## Índice de figuras

	Página:
Figura 1. Comunicação unidireccional .....	29
Figura 2. Comunicação Bidireccional .....	30
Figura 3. Serviços de conversação <i>on-line</i> .....	47
Figura 4. Localização geográfica da amostra .....	67

## Índice de quadros

	Página:
Quadro 1. Campanhas de tarifários .....	43
Quadro 2. Exemplos de abreviaturas utilizadas na Comunicação Mediada por Computador .....	52
Quadro 3. Exemplos iconográficos utilizadas na Comunicação Mediada por Computador .....	53
Quadro 4. Ficha técnica .....	64
Quadro 5. Sobre a importância de ter telemóvel .....	81
Quadro 6. Sobre a importância de ter Messenger .....	86



**Índice de gráficos**

	Página:
Gráfico 1. Dados sobre a profissão do pai.....	73
Gráfico 2. Dados sobre a profissão da mãe. ....	74
Gráfico 3. Dados sobre a profissão do pai – EB 2,3 Lamações .....	75
Gráfico 4. Dados sobre a profissão da mãe – EB 2,3 Lamações .....	75
Gráfico 5. Dados sobre a profissão do pai – EB 2,3 Amares .....	76
Gráfico 6. Dados sobre a profissão da mãe – EB 2,3 Amares .....	76
Gráfico 7. Possuir telemóvel .....	78
Gráfico 8. Idade em que tiveram o primeiro telemóvel .....	79
Gráfico 9. Há quantos anos tem telemóvel .....	79
Gráfico 10. Desligar ou não o telemóvel .....	81
Gráfico 11. Possuir Messenger .....	84
Gráfico 12. Contactos do Messenger que conheceu via Internet .....	87
Gráfico 13. Controlo dos pais ao tempo de uso do telemóvel .....	88
Gráfico 14. Controlo dos pais ao uso do Messenger .....	89
Gráfico 15. Dependência do telemóvel .....	89
Gráfico 16. Dependência do Messenger .....	90
Gráfico 17. Quem é mais dependente do telemóvel .....	91
Gráfico 18. Quem utiliza melhor as funções do telemóvel .....	91
Gráfico 19. Quem é mais dependente do Messenger .....	92
Gráfico 20. Quem utiliza melhor as funções do Messenger .....	92
Gráfico 21. 1º contacto que cedem .....	93
Gráfico 22. Ficar sem telemóvel_variável sexo .....	94
Gráfico 23. Ficar sem telemóvel_variável ano de frequência .....	95
Gráfico 24. É divertido (com os smiles, fotos, cor de letra...) _sexo masculino..	96
Gráfico 25. É divertido (com os smiles, fotos, cor de letra...) _sexo feminino...	96
Gráfico 26. Quem é mais dependente do telemóvel _sexo masculino .....	98
Gráfico 27. Dados sobre quem é mais dependente do telemóvel _sexo feminino .....	98
Gráfico 28. Quem é mais dependente do Messenger _sexo masculino .....	99
Gráfico 29. Quem é mais dependente do Messenger _sexo feminino .....	99
Gráfico 30. Quem utiliza melhor as funções do telemóvel _sexo masculino .....	100
Gráfico 31. Quem utiliza melhor as funções do telemóvel _sexo feminino .....	100
Gráfico 32. Quem utiliza melhor as funções do Messenger _sexo masculino ....	101
Gráfico 33. Quem utiliza melhor as funções do Messenger _sexo feminino .....	101

**Índice de tabelas**

	Página:
Tabela 1. Variáveis independentes caracterizadoras da amostra .....	63
Tabela 2. Esquematização da chave de leitura do questionário .....	63
Tabela 3. Idade dos inquiridos .....	69
Tabela 4. Idade dos inquiridos por escola .....	69
Tabela 5. Distribuição dos inquiridos por sexo .....	70
Tabela 6. Distribuição dos inquiridos por sexo e por escola .....	70
Tabela 7. Ano de frequência escolar dos inquiridos .....	70
Tabela 8. Ano de frequência escolar dos inquiridos .....	71
Tabela 9. Local de residência dos inquiridos .....	71
Tabela 10. Local de residência dos inquiridos por escola .....	72
Tabela 11. Em que situação desligam o telemóvel .....	82
Tabela 12. Em que situação tira o som ao telemóvel .....	82
Tabela 13. O que sentem quando ficam sem telemóvel .....	83
Tabela 14. Ficar sem telemóvel. Outro. Qual? .....	83
Tabela 15. Quando utilizam o Messenger .....	84
Tabela 16. Quando utilizam o Messenger. Outra. Qual? .....	85
Tabela 17. Como procede quando não gosta do comportamento de uma pessoa no Messenger .....	87

## **Siglas e Abreviaturas**

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

ARPANET – Advanced Research Project Agency Network

WELL – Whole Earth 'Lectronic Link

CMC – Comunicação Mediada por Computador

SMS – Short Message System

IRC – Internet Relay Chat

MSN – Messenger Network

## **Introdução**

### **Contextualização e importância do Estudo**

### **Objectivos do Estudo**

### **Organização da Dissertação**

---

---

## **Introdução**

*“Somewhere, something incredible is waiting to be known.”*

Carl Sagan

A tecnologia, como se sabe, não é uma invenção recente, acompanha-nos desde sempre, demarcando a sua presença e assumindo-se como prolongamento da nossa corporeidade e identidade. Assim, desde o fogo de Prometeu que “coze os alimentos, endurece a argila, funde os metais, alimenta a máquina a vapor, corre nos cabos de alta tensão, arde nas centrais nucleares, explode nas armas e engenhos de destruição” (Lévy, 1997: 22) aos nossos dias, foi percorrido um longo caminho que passou pela descoberta de tecnologias como o fogo, a roda, a escrita, a imprensa, o telégrafo, o telefone ou o computador. É um facto que, desde sempre, a invenção, desenvolvimento e implementação de novas tecnologias chamou a atenção de estudiosos, oriundos das mais diversas áreas do saber, que se interessaram por estudar as transformações, evoluções e revoluções que as tecnologias operam no seio da sociedade.

É verdade que, se desde os primórdios da humanidade estamos dependentes das tecnologias, hoje mais do que nunca isso se verifica. As tecnologias são algo de extremamente poderoso que, ao longo da história, tem tido efeitos profundos nas nossas vidas. Deste modo, instrumentos como a televisão, o telemóvel, o computador fazem parte integrante do nosso quotidiano e do nosso cenário urbano social, contribuindo para o desenvolvimento da civilização, para o nosso bem-estar e qualidade de vida, que é deveras inibidor imaginar um futuro sem estes objectos tecnológicos. Embora seja verdade que “a melhor e mais útil tecnologia do mundo não pode impor-se a um público não preparado” (Kerckhove, 1997: 31), por outro lado, as tecnologias quando “finalmente integradas na nossa vida podem gerar uma espécie de obsessão fetichista nos utilizadores” ou, no caso das crianças, “uma espécie de vício” (*ibidem*).

Segundo Bonder (2002), a influência das tecnologias alterou os vários domínios da nossa vivência: no trabalho, na educação, na política, na saúde, no entretenimento ou nas relações interpessoais, poder-se-ia afirmar que este deslumbramento não escolhe sexo, idade ou classes sociais. Veja-se o exemplo da comunicação via telemóvel e computador que, apesar de recente, se alastrou com uma celeridade alucinante às gerações mais novas, sendo ainda escassa a investigação em torno desta temática. Por outro lado, dada a vertiginosa evolução da tecnologia, incorremos no risco de encontrar literatura desactualizada com apenas alguns anos, já que estes tipos de estudos se tornam obsoletos, e por vezes contraditórios, num espaço de tempo muito curto.

Assim, é neste contexto que se propõem esta investigação que pretende aferir de que modo se processa a utilização quotidiana das novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o telemóvel e o serviço de conversação instantânea – Messenger, por crianças do 5º e 6º ano de escolaridade.

## **Contextualização e importância do Estudo**

Embora o tema específico da infância tenha suscitado o interesse de investigadores desde o início do século XX, admite-se existir ainda um número escasso de estudos sobre a criança, tendência que apenas se começa a inverter a partir dos anos oitenta e noventa. No final do século passado, o interesse pela investigação em torno das crianças foi crescendo e foram se multiplicando os estudos de carácter transversal sobre este objecto do conhecimento, com o intuito de perceber o lugar e papel da criança na sociedade. A investigação sobre a infância não é um processo simples, já que, como advoga Qvortrup, uma dificuldade que lhe é inerente reside no facto de a construção social da infância ser feita pelo olhar dos adultos, já que “as crianças pertencem ao único grupo etário que não realiza pesquisas” (1999: 5).

As novas tecnologias digitais em voga na sociedade contemporânea cativam não só os adultos, mas em particular as crianças, não sendo, por isso, de estranhar o modo apaixonado como estas os utilizam e manipulam no quotidiano. Porém, segundo Sarmiento e Barra a maior parte dos estudos que englobam tecnologias de informação e comunicação (TIC) e crianças “tentam demonstrar as potencialidades e benefícios” das TIC em relação às crianças e, entretanto, “o que as crianças fazem das tecnologias – é muito menos documentada na pesquisa” (2002: s/p). A acrescer a este facto, e na linha de investigação de Cristina Ponte e Cátia Candeias, “é ainda escassa em Portugal a

pesquisa sobre as relações de crianças e jovens menores de 18 anos com as novas tecnologias, apesar da liderança que caracteriza estes grupos etários no conjunto da população no que se refere ao acesso e usos diversificados de meios como a Internet ou o telemóvel. Apesar do potencial positivo destes meios, nomeadamente na construção das suas identidades e culturas, sabe-se muito pouco sobre as características dos seus usos “privados” (em casa, na solidão do quarto, com os amigos, noutros ambientes informais)” (2006: s/p).

Por esta razão, optamos nesta investigação por duas das mais populares tecnologias de informação e comunicação utilizadas entre os mais jovens: o telemóvel e o serviço de conversação ou mensagens instantâneas designado por “Messenger”. A popularidade destes dois instrumentos, ao serviço da comunicação interactiva, deve-se às características de portabilidade, ubiquidade, sociabilidade e versatilidade que lhes são próprias.

A partir da experiência das crianças, procuraremos perceber o transformado mundo da mobilidade conectada e em permanente evolução, que implementa novas utilizações, comportamentos, estilos de relacionamento e interacção com os pares, família ou comunidade em geral. A criança conversa não no face-a-face, mas no ‘tela-a-tela’ (Palmiere, 2005) ou, ainda, a ‘conversa escrita-teclada’ o que a levou a adquirir de novo o gosto pela escrita (Fabbri, 2000 e Betti, 2006).

## **Objectivos do Estudo**

O principal objectivo desta investigação é contribuir para o estudo das tendências de utilização do telemóvel e do Messenger por crianças do 5º e 6º ano do ciclo do ensino básico.

Em função deste objectivo geral, e no seguimento da recolha documental e bibliográfica efectuada e da aplicação de um questionário propõem-se os seguintes objectivos específicos:

- Compreender a importância, frequência e modos de utilização que atribuem a estes dois dos mais populares meios de comunicação assentes na escrita;
- Compreender a relação de dependência que as tecnologias de informação e comunicação: o telemóvel e o Messenger exercem na vida de crianças do 5º e 6º ano;

- Compreender se as características sócio-demográficas das crianças influenciam na utilização do telemóvel e do Messenger.

## **Organização da Dissertação**

De seguida, passa-se a descrever de que modo se organizou o estudo que se apresenta à leitura.

A presente dissertação está estruturada em seis capítulos.

A introdução e os capítulos 1, 2 compõem a contextualização teórico-conceitual da investigação.

A introdução contempla algumas considerações de modo a apresentar, justificar e contextualizar o tema escolhido para a investigação que se segue, bem como os objectivos propostos.

No capítulo 1, proceder-se-á a uma revisão bibliográfica e teorização breve e genérica, histórico-evolutiva, que passará por apontar: o protagonismo e importância que as tecnologias assumem no seio da vida civilizacional; a conjuntura que permitiu a emergência das tecnologias de informação e comunicação no último quartel do século XX; a explanação de alguns conceitos-chave.

Ao longo do capítulo 2 será percorrido um caminho mais incisivo na problemática apontada, através do qual se faz a contextualização do estudo propriamente dito, situando a nova geração de crianças no espaço da cibercultura e de um novo paradigma comunicacional e relacional que tem no telemóvel e no Messenger a sua expressão mais imediata.

No capítulo 3, explicar-se-á o estudo propriamente dito: metodologia utilizada; construção e descrição do questionário; procedimentos e sua aplicação no decurso da investigação; descrição da amostra.

O capítulo 4 descreverá os dados recolhidos, obtidos a partir do questionário.

Do capítulo 5 constarão as conclusões e reflexões finais a retirar do estudo efectuado, bem como recomendações para estudos futuros.

## **Capítulo 1. O Homem criador de ferramentas tecnológicas**

### **1.1. Da Era Agrícola à Era Digital**

### **1.2. Os anos 70 e a emergência do paradigma tecnológico**

### **1.3. A emergência de um novo sector: as Tecnologias de Informação e Comunicação**

### **1.4. Definição de termos**

#### **1.4.1. Tecnologia**

#### **1.4.2. Informação**

#### **1.4.3. Comunicação**

#### **1.4.4. Tecnologias de Informação e Comunicação**

---

---

## **Capítulo 1. O Homem criador de ferramentas tecnológicas**

“Not everything that can be counted counts,  
and not everything that counts can be counted.”

Albert Einstein

Era uma vez um homem que foi criado à imagem e semelhança de Deus para dominar, em Seu nome, sobre todas as coisas que Ele havia criado. Este homem, que vivia no paraíso e era dono de um poder “quase” absoluto, era feliz até que um dia, assolado pela ideia que era apenas uma cópia imperfeita, precipitou-se numa queda inevitável que resultou na sua expulsão do paraíso. Destinado a viver a sua miséria terrena, este ser humano desenvolveu a capacidade de imitar Deus e assim começou a criar as primitivas invenções tecnológicas. É através de uma fábula de carácter teológico que José Luis Molinuevo (2004), professor catedrático de Estética e Teoria das artes da Universidade de Salamanca, nos introduz a explicação do homem como ser criador de ferramentas tecnológicas. Segundo este filósofo, é no seu errante destino terreno, que o ser humano desenvolve uma capacidade criadora e criativa que se traduzirá na resposta tecnológica que, ao longo da história, irá variar consoante a época (Alvarez, Martínez, Méndez, 1993 e Bassala, 2001), a cultura (Bassala, 2001) e o povo (Alvarez, Martínez, Méndez, 1993) e a pessoa (Bassala, 2001).



Segundo estes autores a criação e diversidade tecnológica prendem-se com os seguintes princípios:

1) **Necessidade.** Este princípio deve ser visto numa dupla perspectiva, ou seja, existem invenções tecnológicas que visam satisfazer necessidades como foi a da invenção roda, e outras que surgem para criar necessidades no homem, como por exemplo, o automóvel. Dentro deste contexto, José Ortega y Gasset define a tecnologia como a produção do supérfluo já que é este o verdadeiro motor justificativo da variedade tecnológica.

2) **Utilidade.** A questão da utilidade também se prende com a época, dado que há tecnologias que podem ser úteis e depois tornarem-se obsoletas.

3) Teoria da **evolução** orgânica aplicada ao mundo tecnológico. A Evolução tecnológica pode resultar de actos isolados de inovação, dos quais resultam as invenções ou como efeito de um contínuo aperfeiçoamento tecnológico.

4) **Domínio** do meio natural que resulta numa adaptação ao meio, aproveitando os recursos disponíveis e de uma adaptação do meio, construindo o que não existe.

5) **Imaginação** que alimenta o desejo do não estritamente necessário mas em busca pela satisfação da procura. Assim, as invenções tecnológicas não resultam apenas do colmatar de necessidades de sobrevivência, de adaptação ao meio e adaptação do meio, se a tecnologia resultasse apenas das necessidades haveria menos tecnologia e menos variedade tecnológica. O que explica a diversidade três vezes superior que existe no mundo tecnológico em comparação com o mundo orgânico é o facto de os seres humanos serem “criações do desejo, não da necessidade” (Gaston Bachelard citado por Bassala, 2001: 14) e como tal as invenções são principalmente reflexo dos seus anseios, aspirações, sonhos e desejos.

Independentemente das razões que justificam e estão por trás do que move a genialidade tecnológica do ser humano, o percurso histórico da tecnologia entranha-se no percurso diacrónico do ser humano que, com a sua inteligência e imaginação, contribui para o invento de novos artefactos de repercussão social e cultural, bem como para a teorização e reflexão em torno do assunto.

Sendo que a tecnologia é tão antiga quanto a civilização (Derry & Williams, 1986, Davis, 1998, Basalla, 2001), para percebermos a história das civilizações será necessário investigar a história das suas técnicas.

## 1.1. Da Era Agrícola à Era Digital

Ao longo do período pré-histórico o progresso tecnológico deu-se lentamente. O homem vivia em pequenos grupos migratórios, subsistindo da recolção, da caça, da pesca e da pastorícia, procurando responder a necessidades básicas como a busca de alimentos, defesa e abrigo. Os primeiros artefactos eram feitos com os materiais que estavam à mão: pedras, ossos, peles, madeira... Com o fim da última glaciação, o homem dedica-se à agricultura, criação de gado, pesca e caça e, entretanto, aperfeiçoa e refina os instrumentos tecnológicos. Com os primeiros métodos de irrigação e utensílios como o arado, enxadas, foices, o homem começa a trabalhar metais como: ouro, prata, cobre, estanho. Com o trabalhar dos materiais, assoma-se a necessidade de transportar matérias-primas. Então, surgem os primeiros meios de transporte (por terra e por mar) e desenvolvem-se os primitivos meios de comunicação. O ser humano começa a agrupar-se em aldeias e povoações e as sociedades ganham uma estrutura social hierarquizada e uma organização económica. Despontam alguns inventos importantes: o moinho de vento no século XII; a pólvora no século XIII; o relógio mecânico no século XIV; a imprensa por Gutenberg no século XVI. Com o Renascimento adopta-se uma postura enérgica face ao conhecimento científico o que desencadeia um acelerado compasso ao nível da inovação tecnológica que põe termo aos 10 mil anos que durou a Era Agrícola ou a primeira vaga, segundo a classificação de Toffler (1980).

Por volta de 1750, principia a Era industrial, a segunda vaga toffleriana que teve maior incidência na Grã-Bretanha. As principais mudanças verificam-se, não só a nível económico e social, mas também a nível científico e tecnológico, com a máquina a suplantar o trabalho humano e a manufactura (Alvarez, Martínez, Méndez, 1993, Castells, 2002 e Quintanilla, 1989). É inventada a máquina a vapor e começa a funcionar o primeiro instrumento de comunicação quase instantânea: o telégrafo com fios.

Cerca de cem anos mais tarde, enceta-se a segunda revolução industrial, desta feita com particular notoriedade nos Estados Unidos e na Alemanha. A electricidade surge como uma nova fonte de energia; o aço é usado em substituição do ferro; prolifera a indústria automóvel com a invenção do motor de combustão interna, originando uma (r)evolução nos transportes sem precedentes: a locomotiva; o navio a óleo; o automóvel; o avião. No domínio das tecnologias de comunicação sucede o telégrafo sem fios, e é inventado o telefone. (Castells, 2002: 39-40).

Por volta de 1950, obliterando as vagas anteriores, o mundo mergulha na terceira vaga introduzida pela invenção do computador e as primeiras viagens comerciais a jacto. Redefinem-se mentalidades, comportamentos, e concepções de espaço e tempo.

Sintetizando, considerando a classificação de Lewis Mumford (1950), a evolução técnico-social da civilização percorreu cinco fases:

- A **era Litotécnica**, a mais antiga, corresponde à época pré-histórica e às primeiras invenções tecnológicas feitas a partir de madeira, ossos, pele, sílex. Estes artefactos serviam as necessidades de subsistência básicas do homem como caçar ou vestir;
- Com a **era Antropotécnica** introduzem-se os metais no fabrico tecnológico. Surgem os primeiros meios de transporte: o carro de roda e a embarcação;
- A **era Eotécnica** prepara a revolução industrial, assim, com a invenção da imprensa e do relógio mecânico dão-se os primeiros progressos do conhecimento científico;
- A **era Paleotécnica** é caracterizada pela revolução do carvão e do ferro, constrói-se o primeiro barco a vapor e a locomotiva. As distâncias encurtam-se, é o auge da revolução industrial;
- Por fim, a **era Neotécnica**, que assenta no desenvolvimento de novas formas de energia como a electricidade, o petróleo e o gás, corresponde à era do átomo e da automatização da máquina.

## 1.2. Os anos 70 e a emergência do paradigma tecnológico

Segundo Mattelart (1996), existe uma relação estreita entre o progresso científico e tecnológico e os conflitos que eclodiram durante o século XIX e XX. Consequentemente, a partir da guerra da Crimeia (1853-1856) e no decorrer da 1ª e 2ª Guerra Mundial (1914 – 1918 e 1939 – 1945) assiste-se ao aperfeiçoamento e nascimento de invenções revolucionárias no âmbito das tecnologias de informação e comunicação tais como: o telégrafo, o cinema, a rádio, a televisão e o computador que visavam a transmissão de notícias e mensagens de carácter estratégico e militar. É no limiar da década de 50-60 que nasce o primeiro computador de transístores que colocaria o mundo na rede da Sociedade de Informação. Nos anos 70, em França, o Minitel e nos Estados Unidos, a ARPANET (Advanced Research Project Agency Network) são as predecessoras da Internet. Através de uma ligação em rede, os computadores

dos centros de pesquisa comunicavam com o Departamento da Defesa e serviam de referência para a rede mundial de final de século tal como a conhecemos.

Apesar de importantes invenções, no âmbito das tecnologias de informação e comunicação, poderem ser observadas desde sempre, foi durante e no pós Segunda Guerra Mundial que se fizeram descobertas verdadeiramente revolucionárias tecnológicas em electrónica. Exemplo disso é a invenção do primeiro computador<sup>1</sup> programável e o transistor e na década de 60 a Internet.

Com a década de 70 a convergência de som, imagem e texto e a possibilidade da sua difusão à escala planetária, acelerou e potenciou uma mudança de paradigma social, comunicacional e cultural. Já na década de 80 dá-se a aproximação da informática às telecomunicações e ao audiovisual e começam a fazer-se sentir os primeiros efeitos dessas mudanças sociais, comunicacionais e culturais. Os meios de comunicação e informação estão acessíveis às massas e invadiram o espaço urbano público e privado. Os acessórios tecnológicos como o *Walkman*, a máquina fotográfica, vídeo-jogos, televisão, vídeo gravador VHS modificaram as rotinas e a gestão dos tempos do lazer e do ócio. Pela primeira vez, existe a possibilidade de gerir e seleccionar o que se quer ver e quando, bem como gravar e guardar momentos e acontecimentos que se vêm, revêem e partilha. A memória ganha uma nova elasticidade e plasticidade, porque se perpetua e emoldura ao sabor da vontade individual. A memória passa a ser passível de ser arquivada, apagada e gerida num ‘corpo’ externo que podemos partilhar com outras pessoas.

A diversidade, flexibilidade, mobilidade e portabilidade das tecnologias começa a fazer-se sentir, potenciando o advir dos anos 90, marcados pelo multimédia off-line e on-line (Rieffel, 2003) e pelas «tecnologias de la libertad» (Sola Pool citado por Castells, 1996:16). Com esta nova era começa a remodelar-se uma nova sociedade sob os signos da mobilidade e da ubiquidade que as novas tecnologias potenciam.

Abandonada a associação exclusiva do conceito da tecnologia à produção industrial de artefactos mecânicos, na década de 70, nasce nos Estados Unidos (Califórnia) um novo paradigma tecnológico, organizado em torno das tecnologias de informação. Este paradigma tecnológico característico da sociedade *pós-industrial* de Daniel Bell ou *informacional* de Simon Nora e Alain Minc, surge na sequência da aplicação de políticas liberais e neo-liberais, que se começam a fazer sentir na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América. A informação é a matéria-prima, o mercado

---

<sup>1</sup> Embora o computador tal como o conhecemos tenha sido inventado no séc. XX, a história do computador remonta à China (por volta de 1600 a.c.) e à invenção do ábaco, a primeira máquina de calcular. Esta realizava as quatro operações elementares e rapidamente se difundiu por todos os continentes. No século XVII, John Napier descobre o conceito de logaritmo e é inventada a régua de cálculo. Por volta de 1642, Blaise Pascal concebe a primeira máquina de calcular, a “Pascaline”. No século XIX, Charles Babbage apresenta ao mundo a “Máquina Analítica”, capaz de realizar operações programadas. (Pinto:2002)

globaliza-se, apoiado no desenvolvimento de novos meios de comunicação e de transporte, e consolida-se, assim, a era da revolução tecnológica. Os grandes complexos industriais, a indústria química, a electrónica, a energia nuclear, a biotecnologia, a robótica, a engenharia genética e a nanotecnologia resultam de uma série de macro e mini-invenções que contribuem para uma nova remodelação, cada vez mais célere, da sociedade da Era Digital (Junqueiro, 2002). As tecnologias ampliam a sua presença um pouco por todo o mundo desenvolvido e subdesenvolvido e alteram o *modus vivendi* contemporâneo.

As plurisectoriais mutações sentidas não só ao nível da informação e comunicação, como também nos meios de transporte, promoveram uma «aceleração» da história que, em 1948, era anunciado por Daniel Halévy<sup>2</sup> e num «encolhimento» metafórico do espaço traduzido pelo conceito dilatado de «aldeia global», antevisto por McLuhan nos anos 60, ou, se preferirmos, «Sociedade de Comunicação» de Gérard Leclerc (1999), «sociedade pós-industrial» de Daniel Bell, «terceira vaga» de Alvin Toffler (1979), do «directo» de Paul Virilio (Leclerc, 1999: 62) ou, ainda, «sociedade da ubiquidade» de Cazeneuve (Leclerc, 1999: 62). Embora seja evidente o boom de denominações que proliferaram para classificar esta nova era, segundo Toffler (1980), estas terminologias não eram as mais adequadas, já que não revelam o dinamismo das transições e dos conflitos, próprios da mudança, que esta nova época trouxe.

Face às transformações sociais sentidas com o advento das invenções tecnológicas contemporâneas, ao longo da história, foram várias as opiniões pró e contra a tecnologia, alternando entre panaceia para todas as coisas e a origem de todos os males sociais.

Assim, para Vítor Sáez (2004) existem três correntes possíveis relativamente à tecnologia: tecnófoba, tecnocêntrica ou indiferença.

Os **tecnofóbicos** repudiam as tecnologias e defendem que nada de bom pode vir destas, já que estão ao serviço do capitalismo global e dos interesses políticos e económicos, fomentando a desigualdade social. Os tecnofóbicos consideram que estas ferramentas estimulam uma vida de alienação que favorece o isolamento individual, desprovido de valores.

À tradição tecnófoba associam-se figuras malignas da ficção como Prometeu, Fausto e Frankenstein, enredos futuristas como *2001: A Space Odyssey*<sup>3</sup>, *The Machine*<sup>4</sup> ou

---

<sup>2</sup> Cf. *Essai sur l'accélération de l'histoire* (1961).

<sup>3</sup> Filme de ficção científica de Stanley Kubrick (1968).

*Blade Runner*<sup>5</sup> ou o relato apocalíptico como *1984*<sup>6</sup> que abalam crenças e teorias e desinquietam ética, axiológica e filosoficamente o ser humano. Esta é a posição defendida pelos deterministas tecnológicos. Os deterministas tecnológicos argumentam que as mudanças na tecnologia estão na origem da mudança social. Segundo Miles (1998), Daniel Bell adverte para uma mudança social, assente na informação e no conhecimento, que terá repercussões nos valores políticos, sociais e culturais enquanto que MacKenzie e Wajcman são da opinião que a sociedade tem maior efeito sobre a natureza da tecnologia do que a tecnologia tem sobre a natureza da sociedade, sendo que a tecnologia responde aos desejos consumistas e se submete a imperativos económicos que forçam a evolução tecnológica.

Segundo Rheingold (1996) os **tecnocêntricos** optimistas, como Alvin Toffler, John Naisbitt, Peter Drucker e George Gilder, defendem com uma crença exacerbada as tecnologias como remédio para todos os males sociais. Esta tradição ocidental tecnófila ou tecnocêntrica, marcou profundamente o período entre o século XIII-XVII, sob a autoridade de intelectuais como Roger Bacon e Francis Bacon<sup>7</sup>.

Por fim, os **indiferentes**, tal como o nome indica, crêem que nada tem a ver com nada.

É um facto inegável e visível que existe, sem sombra de dúvida, uma forte relação de interdependência e simbiose entre o homem e a técnica, verificável desde o ano zero da civilização humana. Pierre Lévy (1997) é de opinião que as tecnologias não são boas, não são más e não são neutras e que nesta questão não existem protagonistas, como tal, não é o fabrico de tecnologias que provoca mudanças sociais, mas sim o uso intensivo dessas mesmas ferramentas, interpretadas dentro de um contexto espacial e temporal. A tecnologia engloba um conjunto de conhecimentos multidisciplinares e transversais a que o homem recorreu com vista à construção de uma sociedade perfeita. Como tal, as tecnologias não são a causa determinadora, mas as

---

<sup>4</sup> Obra de ficção, escrita por E. M. Foster em 1909, na qual prevê um mundo onde todas as pessoas estão conectadas por uma rede electrónica. Um mundo onde todos se isolam nos seus quartos e se mantêm em comunicação constante através da 'máquina'.

<sup>5</sup> Filme de ficção científica, realizado por Ridley Scott (1982), cuja acção se passa em 2019.

<sup>6</sup> Obra literária de George Orwell (1948).

<sup>7</sup> Na obra "Nova Atlântida" Bacon imaginou um paraíso da técnica, um grande laboratório experimental e o homem teria o saber científico para dominar a natureza, seria a era do *regnum hominis*. O homem que reina graças à tecnologia. Segundo Sartori (2000) este homem já não existe porque está submetido à tecnologia e às máquinas que inventou.

mensageiras de uma utilização que reflecte escolhas face a possibilidades e opções culturais e sociais que não existiriam sem a sua presença.

### 1.3. A emergência de um novo sector: as Tecnologias de Informação e Comunicação

É durante a década de 70 que na Califórnia, surge um movimento de «contra-cultura» com o nascimento do chamado *personal computer* ou computador pessoal. O computador ao liberta-se da tutela dos especialistas em informática, e passa a estar acessível ao utilizador comum sem qualquer especialização técnica. A informática ao perder, aos poucos, o estatuto técnico e industrial altera, para sempre, o significado social da informática e ao fundir-se com as telecomunicações, a edição, o cinema e a televisão, dá início a uma nova sociedade sob o signo do multimédia e das suas múltiplas possibilidades interactivas e de convívio, como foi o caso dos jogos de vídeo.

Com os anos 90 e o advento da Internet emerge um espaço de trabalho, comunicação e partilha, de suporte informático, cada vez mais «transparente» e em «convívio» ligado em rede potencialmente alargado a todos os seres humanos. Deste modo, desencadeia-se um novo movimento social, económico e cultural, pela mão de jovens profissionais da metrópole e do *campus* universitário americanos e que se alastrou mundialmente. O crescimento exponencial do número de pessoas que passam a comunicar entre si através da Internet assenta, segundo Pierre Lévy (1997), em três princípios elementares: a interligação, por oposição ao isolamento; a criação de comunidades virtuais, assentes na partilha cooperativa de afinidades, interesses, conhecimentos independentemente da sua distância geográfica; e a inteligência colectiva à escala planetária. A comunicação deixou de ser um privilégio exclusivo de uma minoria e democratiza-se o seu consumo. Com a rede, aumenta o número de mensagens que é trocado com um número cada vez maior de pessoas.

Segundo Lévy (1997) as comunidades virtuais constituem um lugar social desmaterializado, cujo desenvolvimento se sustenta na interligação e na partilha de afinidades, interesses e conhecimentos reguladas por um código moral não escrito. Estas comunidades não substituem os encontros cara-a-cara mas complementam-nos.

Rheingold, a partir da sua experiência na WELL<sup>8</sup>, define as comunidades virtuais como agregados sociais que surgem na Rede “quando os intervenientes de um debate o

---

<sup>8</sup> A WELL (Whole Earth 'Lectronic Link) é uma comunidade virtual.

levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (1996:18). O fenómeno das comunidades virtuais tende a crescer, já que “sempre que a tecnologia de Comunicação Mediada por Computador (CMC) se torna acessível em qualquer lugar, as pessoas inevitavelmente constroem comunidades virtuais com ela, tal como os microorganismos inevitavelmente se constituem em colónias” (1996:19). “Nas comunidades virtuais escrevem-se palavras num écran para contar anedotas, discutir, envolver-se em dialécticas intelectuais, negociar, trocar conhecimentos e apoio emocional, fazer planos e *brainstorming*, contar mexericos, apaixonar-se, fazer amigos e perdê-los, jogar, namorar, criar algumas obras-primas e produzir muita conversa fiada. As pessoas das comunidades virtuais fazem tudo o que as pessoas na vida real fazem, mas estão desprendidas dos seus corpos. Claro que não se pode nem beijar nem esmurrar o nariz a ninguém, embora muito possa acontecer dentro desses limites. Milhões de pessoas sentem-se atraídas, mesmo viciadas, pelas comunidades unidas por computador” (1996:15-16).

Para Palmer (1995) os avanços tecnológicos, no domínio da comunicação humana foram, sem sombra de dúvidas, os maiores feitos do século XX porque introduziram a civilização na idade da informação e conduziram ao “nascimento de um novo mundo” (Junqueiro, 2002: 247). Assim, na viragem do século XX para o século XXI, os progressos no sector das tecnologias de informação e comunicação e dos meios de transporte resultam numa nova concepção de espaço e tempo que assenta num revivalismo de um renovado nomadismo social que pauta novos ritmos à sociedade globalizada cuja manipulação do ‘aqui e agora’ é elevada à escala planetária como nunca antes se sonhou.

Neste ‘novo’ mundo assumem-se e incorporam-se novos rituais que passam por uma visita diária ao computador em busca ‘daquele’ amigo (de perto ou de longe) a quem queremos falar ou apenas cumprimentar, tirar uma dúvida, pedir uma opinião, partilhar um sentimento ou pedir uma informação; ou, talvez, pegar no telemóvel para enviar uma mensagem só para saber ‘se está tudo bem’ ou, ainda, telefonar para avisar que estamos ‘quase, quase a chegar’ ou que ‘voltamos a ligar’... Usamos e abusamos do telemóvel, multiplicando diálogos em que se fala de tudo e de nada. Tudo isto se passa na vida real e em tempo real. A vida social contemporânea pauta-se por critérios como conectividade, interacção e a simulação permeadas pelo ecrã do telemóvel ou do computador, a ténue fronteira que nos liga ao mundo líquido e fragmentado da comunicação e a um mundo sem fronteiras. Manter o mesmo nível de contacto, no passado, seria impossível ou mais difícil de gerir, já que exigia uma maior disponibilidade de tempo, de meios e de dinheiro. O tempo deixa de ter a conotação



cronológica clássica e passa a sofrer da aceleração vertiginosa dos acontecimentos de modo que “without even leaving, we are already no longer there” (Nikolai Gogol, citado por Virilio, 1997:10). Por outro lado, o encurtamento do espaço é alienador, ou seja, “getting closer to the ‘distant’ takes you way proportionally from the ‘near’ (and dear) – the friend, the relative, the neighbour – thus making strangers, if not actual enemies, of all who are close at hand, whether they be family, workmates or neighbourhood acquaintances” (Virilio, 1997:20). A inevitável e decorrente reorganização do tempo e do espaço, bem como a introdução de novos processos sociais, resultou na adaptação de novos usos e costumes e na participação mais activa e reivindicativa do cidadão no quotidiano social.

#### 1.4. Definição de termos

*“A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.”*

Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*

*“(...) porque as palavras têm muitas vezes efeitos contrários aos que se haviam proposto (...)”*

José Saramago, *As Intermittências da Morte*

Tendo em conta as transformações que sofreram as tecnologias de informação e comunicação, ao longo da história, é importante aportar e sistematizar o que queremos dizer quando se empregam os termos: **tecnologia**, **informação**, **comunicação** e **tecnologias de informação e comunicação** à luz de uma reconfiguração actualizada da sua significação.

##### 1.4.1. Tecnologia

Não se sabe com certeza quando é que o conceito ‘tecnologia’ foi utilizado pela primeira vez. Segundo a pesquisa de Montardo “o paradigma cartesiano e a ciência newtoniana, a partir do século XVII, fornecem a base filosófica que funde ciência e técnica, com o que se chega ao conceito de tecnologia “ (2005:7) no entanto a autoria do termo é possível de atribuir a três autores entre o século XVII e XVIII: Blount (1670), Johann Beckmann (1677) e Georg Friedrich von Lamprecht (1785).

Contudo, sabe-se que à semelhança do que acontece com outros vocábulos nossos conhecidos, a palavra ‘tecnologia’ conheceu uma evolução etimológica, semântica e conceptual ao longo da história civilizacional que actualmente difere, radicalmente, da sua origem (Quintanilha, 1989). Assim, na *Encyclopædia Britannica* on-line<sup>9</sup>:

*“The term technology, a combination of the Greek techne, “art, craft,” with logos, “word, speech,” meant in Greece a discourse on the arts, both fine and applied. When it first appeared in English in the 17th century, it was used to mean a discussion of the applied arts only, and gradually these “arts” themselves came to be the object of the designation. By the early 20th century, the term embraced a growing range of means, processes, and ideas in addition to tools and machines. By mid-century, technology was defined by such phrases as “the means or activity by which man seeks to change or manipulate his environment.” Even such broad definitions have been criticized by observers who point out the increasing difficulty of distinguishing between scientific inquiry and technological activity.”*

Certo é que trezentos anos após a industrialização, o termo *tecnologia* é ainda entendido à luz da imagem estereotipada do mundo industrializado com as suas máquinas enormes de ferro frio e chaminés a expelir fumo cinzento que vêm substituir a mão-de-obra humana<sup>10</sup>. Assim, em consonância com este quadro, surge uma definição mais instrumental e mecânica: “technology includes techniques, as well as the machines that may or may not be necessary to apply them.” (Toffler, 1979:25). Mais tarde Castells, na linha de raciocínio de Harvey Brooks e Daniel Bell, define tecnologia como “a utilização de conhecimento científico para especificar as vias de se fazerem coisas de uma forma *reprodutível*” (2002:34) por oposição à pré-cientificidade da técnica (Castells, 1996) e apresenta três teorias para explicar o fenómeno técnico, a partir da revolução industrial:

- **Teoria Intelectualista** – Esta teoria considera que as técnicas são a aplicação prática de conhecimentos adquiridos, ou seja, é a ciência aplicada;
- **Teoria Pragmatista** – Esta teoria defende que a habilidade técnica, isto é, a experiência prática é a base do conhecimento científico. Deste modo, a ciência evolui a partir do conhecimento prático que baseia uma sistematização teórica a *posteriori*.

<sup>9</sup> <http://www.search.eb.com/eb/article-10381> [consultado a 11 de Novembro de 2007].

<sup>10</sup> A tecnologia à luz da imagem do filme *Modern Times* (1936). Este filme retrata uma sociedade desumanizada, extensão da própria máquina e vigiada por um grande ecrã, cf. <http://faculty.frostburg.edu/phil/forum/ModernTimes.htm> [consultado a 18 de Novembro de 2007].

- **Teoria Eclética** – Esta teoria pressupõe a técnica como fazendo parte da cultura e como interagindo com as várias manifestações artísticas ou científicas da cultura.

Com base na derivação da palavra ‘tecnologia’ remontando-a às revoluções industriais, Quintanilla (1989) aponta para a necessidade de reciclar o conceito bem como o papel que a tecnologia e as técnicas têm actualmente, à luz da invasão das telecomunicações e dos meios de comunicação social em todos os quadrantes desta nova sociedade. Castells, por sua vez, acrescenta as tecnologias de informação ao conceito inicial, ou seja, “o conjunto convergente de tecnologias em microelectrónica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/ radiodifusão e opto-electrónica (...) a engenharia genética e o seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações” (2002: 34).

#### 1.4.2. Informação

Segundo Mantovani foi entre a Idade Média e a Idade Moderna que se deu a primeira evolução do conceito “informação” como algo capaz de “dar forma a uma matéria” para “comunicar algo a alguém” (2006: 4). A partir de 1940, graças à teoria da informação de Claude Shannon e com o desenvolvimento da ciência, do comércio e da comunicação, a informação adquiriu um estatuto de “coisa em si”, digna de estudo, utilização e análise, alcançando até o estatuto de protagonista na Sociedade de Informação (Davis, 1998). Por informação entendemos a passagem de uma mensagem, com o carácter imprescindível de novidade, que é feita de um transmissor a um receptor, através de um canal de comunicação. Ou seja, informar é transferir de conhecimentos (Ferin, 2002), sendo que para tal, é necessário fornecer informação que o receptor desconheça (Davis, 1998). No início do século XXI dá-se uma nova evolução no conceito que junta “informação” e “entretenimento” que dá origem ao vocábulo anglo-saxónico “*infotainment*” e que foi absorvido pelas tecnologias de informação e comunicação.

#### 1.4.3. Comunicação

A palavra “comunicar” vem do vocábulo latino *communicare*, etimologicamente e designa a “acção de participar” e implica um, ou mais que um, emissor que transmite

informação a um, ou vários, receptores mais ou menos afastados entre si, independentemente do conteúdo, dos meios de comunicação ou de transporte existentes numa dada época: mensageiro a pé, mensageiro a cavalo, barco, caminhos-de-ferro, *media* eléctricos e electrónicos (Leclerc, 1999: 40), bastando uma troca de olhares para fazer sentido falar no acto de tradição ancestral que é comunicar (Pinto, 2002).

A complexidade destes conceitos, fruto de metamorfoses sociais e culturais, dificulta a possibilidade de considerar uma definição unívoca, não só no que diz respeito ao conceito “comunicação”, como defende Isabel Ferin (2002), mas também relativamente ao conceito “informação”, também se deve ter em conta a sua carga subjectiva enquanto circuito da comunicação que é estabelecida com um destinatário que analisa, interpreta e responde à mensagem recebida.

#### 1.4.4. Tecnologias de Informação e Comunicação

Segundo Adam Smith (século XVIII), Lewis Mumford (século XX) e Quintanilla (finais século XX), apesar de terem vivido em épocas distintas e distanciadas, defendem que as inovações, de carácter técnico e tecnológico, se relacionam com as medidas de organização social do trabalho que foram implementadas no decurso das Revoluções Industriais: *taylorismo*, que desencadeou no *fordismo* e mais tarde no *toyotismo*.

É neste contexto que nasce um novo sector na sociedade que se globaliza espacial e temporalmente, o sector das tecnologias de informação e comunicação, impulsionado não só pelos novos meios de transporte e de comunicação, mas também pela informática e em particular a Internet. A World Wide Web veio abrir as portas ao mundo virtual, ou seja, a uma nova dimensão da realidade, oferecendo “uma capacidade única de armazenamento, processamento e comunicação da informação” (Junqueiro, 2002:19)

Durante o século XX com o desenvolvimento de um novo ramo, que alia os meios de comunicação à informática, surge o que passamos a designar, a partir de 1975, por tecnologias de informação e comunicação. Para definir tecnologias da informação e comunicação (TIC), recorrer-se-á à descrição que consta do Glossário da Sociedade da Informação, ou seja, “integração de métodos, processos de produção, *hardware* e *software*, com o objectivo de proporcionar a recolha, o processamento, a disseminação, a visualização e a utilização de informação, no interesse dos seus utilizadores.” (2007, 105).

## **Capítulo 2. As crianças e as TIC na Cibercultura**

### **2.1. Um novo paradigma comunicacional e relacional**

#### **2.1.1. O paradigma da mobilidade e a emergência das tecnologias de comunicação móveis**

#### **2.1.2. A comunicação mediada por computador (CMC)**

### **2.2. O mundo na palma da mão**

#### **2.2.1. O telemóvel**

#### **2.2.2. Tipos de relação utilizador-telemóvel**

#### **2.2.3. Crianças, telemóvel e status social**

#### **2.2.4. O fenómeno dos Short Message System**

##### **2.2.4.1. Factores de popularidade do SMS**

#### **2.2.5. Do *Chat* à cultura Messenger**

##### **2.2.5.1. Factores de popularidade do Messenger entre as crianças**

#### **2.2.6. Uma nova grafia digital emerge: uma escrita criativa ou empobrecida?**

---

---

## **Capítulo 2. As crianças e as TIC na Cibercultura**

### Artigo 1

Nos termos da presente Convenção, criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.

*in* Convenção sobre os Direitos da Criança, Unicef

O conceito de criança sempre andou associado a uma delimitação etária que varia consoante a época e a cultura em que está inserida. Na Idade Média, por exemplo, a infância culminava aos sete anos, contudo actualmente, e segundo a Convenção dos Direitos da Criança, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989, é criança “todo ser humano com menos de dezoito anos de idade”. Já

Qvortrup (1999) estabelece o final do ensino obrigatório como linha de fronteira demarcada da idade para as suas pesquisas sobre a infância. Ao longo da história verifica-se que há uma tendência para alongar o período etário que compreende a idade da infância na vida da criança. Para explicar esta ocorrência, são apontadas algumas razões, tais como a criação de convenções internacionais e nacionais, a inserção da criança no mundo do trabalho e o papel da escola pública na vida da criança.

“A ideia de infância é uma ideia moderna” (Sarmiento, 2002:3) que começou a emergir como categoria social a partir do Renascimento. Até aí, as crianças eram encaradas como seres biológicos, inferiores, sem autonomia e sem estatuto social. Todavia, durante a modernidade vários factores concorrem a promoção, institucionalização e construção social da infância, a saber:

- A fundação da escola pública;
- A reconstituição do lugar da criança no seio da família (que deixa de estar votada aos cuidados de aias e passa a ocupar um lugar central na prestação de cuidados pela família);
- A organização de áreas do saber sobre a criança: pediatria, psicologia do desenvolvimento e a pedagogia;
- A elaboração de normas, procedimentos e prescrições que definem o espaço e o papel da infância na sociedade.

Com o advento da 2ª modernidade e com a entrada num mundo de progresso globalizado e desterritorializado, é reinventado o mundo de vida das crianças (Sarmiento, 2002). Tendo em conta os tempos de mudança complexos e multifacetados que se vivem, o novo papel social que a criança desempenha insere-a na esfera da economia, do marketing e da publicidade. A criança é:

- Fornecedora de mão-de-obra infantil;
- Gestora dos seus tempos fora de casa enquanto sujeito autónomo;
- Cliente e consumidora insaciável dos novos brinquedos tecnológicos que substituem os brinquedos tradicionais de outrora;
- Precursora nas tendências e influente nas escolhas de consumo dos adultos.

A realidade mudou profundamente e neste contexto as crianças ganharam uma importância crescente enquanto actores sociais numa sociedade de consumo globalizada. De acordo com este preceito, reveste-se de todo o interesse a investigação que se apresenta já que procura perceber que consumidores reais são as crianças actuais desta sociedade em permanente transmutação. Assim, enquanto que as visões tradicionais e biologizantes da criança reduziam-na a um ser incompleto, imaturo e irracional que um dia culminaria num ser adulto. Para autores clássicos, como Durkheim, o processo de socialização residia no inculcamento de valores e saberes sociais na criança que os absorve sem oferecer resistência. Por seu turno, os contemporâneos redireccionam o enfoque sobre a infância e consideram o processo de socialização numa relação tripartida de acção, reacção e construção.

O ser humano, enquanto ser social, é um ser em evolução e construção contínua. Neste sentido, apesar de nascer um ser social em potência, o ser humano necessita de activar o processo que o transmutará efectivamente num ser social. Assim, e de acordo com a linha de reflexão de Piaget e Mead, entende-se por socialização (conceito que evoluiu ao longo da história e das mudanças sociais) o processo activo, interactivo, complexo e dinâmico que decorre no período compreendido entre a infância e a adolescência, que integra a influência dos elementos inerentes ao meio envolvente e uma participação reactiva, activa e criativa da criança a essas interferências, agindo sobre o meio. Aliás, “para a criança, a sociedade é formada, em primeiro lugar, pela família e pela escola, e em seguida por todos os elementos que compõem seu universo de socialização: o grupo de amigos do bairro, os diferentes adultos de referência, e as pessoas da igreja ou do clube eventualmente frequentados pela família” (Belloni, 2007: 58). Contudo, embora a família e a escola tenham um papel preponderante ao longo do processo de socialização da criança (transmissão de valores, modos de vida, crenças, representações dos papéis sociais e modelos de comportamento) não podemos ignorar que em tempos de mutação e flutuação sociológica global (Lipovetsky, 1983), consequência directa de uma sociedade *pós-moderna* voltada para o consumo e para o imediato, as tecnologias de informação e comunicação assumem-se como fortes concorrentes às instituições basilares que são a família e a escola. É, pois, inegável a influência que os meios de comunicação digital, como o telemóvel e o Messenger, exercem enquanto veículos de conteúdos (imagens, símbolos, valores, modelos, representações). Estes acessórios à comunicação e interacção penetraram com tal impacto no quotidiano das crianças e adolescentes que as suas consequências são para nós ainda desconhecidas. As crianças usam-nos fluentemente e de diversas formas. As crianças absorveram a cultura tecnológica, apropriaram-na para si e reelaboram as

suas culturas de pares<sup>11</sup>. Assim, a par de outras mudanças, as tecnologias de informação e comunicação estão a mudar os modos de ser das crianças, bem como o papel e estatuto da infância nas sociedades contemporâneas, desafiando limites e oposições tidos como evidentes e garantidos outrora.

Assim, dos pessimistas anos 70, em que a tecnologia era encarada um instrumento alienador que fomentava o isolamento social passamos à década de 90 em que a tecnologia passa a ser vivida como uma “reversão do processo de isolamento individualista moderno” (Lemos, 1999) e uma ferramenta comunitária que incita às manifestações de sociabilidade e de *socialidade*<sup>12</sup>. Este conceito de socialidade é proposto pelo sociólogo francês Michel Maffesoli e opõem-se ao conceito sociabilidade. Segundo este autor a sociabilidade diz respeito às “relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade” (*ibidem*), enquanto que a socialidade marca as relações urbanas contemporâneas de carácter não institucional que escapam ao controle social rígido, insistindo numa perspectiva hedonista, tribal, sem perspectivas futuristas, enraizando-se no presente. As relações que compõem a socialidade constituem o verdadeiro substrato de toda vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda vida em sociedade. São os momentos de despesa improdutivo, de engajamentos efémeros, de submissão da razão à emoção de viver o “estar junto” que agrega determinado corpo social. “Assim, é a socialidade que “faz sociedade”, desde as sociedades primitivas com seus momentos efervescentes, ritualísticos ou mesmo festivos, até as sociedades tecnologicamente avançadas com sua barroquiação através das imagens” (*ibidem*).

Com o advento do hipertexto e de novas possibilidades comunicacionais, vive-se, actualmente, uma mutação profunda quer ao nível dos paradigmas da comunicação como do relacionamento interpessoal que se irão repercutir no adulto de amanhã. Sem sombra de dúvida, o impacto e o uso crescente das novas tecnologias de informação e comunicação digitais modificaram a vida social contemporânea, o que resultou na emergência de uma nova cultura: a cibercultura. Segundo Lemos (1999) a cibercultura “forma-se precisamente da convergência entre o social e o tecnológico”, numa relação de simbiose que assenta na inter-conexão, interactividade e inter-relação entre o utilizador, a técnica e os outros utilizadores. Esta cultura redundava de um novo relacionamento entre tecnologia e sociedade, assente na abolição das barreiras

---

<sup>11</sup> Segundo Corsaro (*in* Barra e Sarmiento: 2002) é uma cultura comum ao grupo de crianças com as quais interage e partilha espaços e hábitos, rotinas, artefactos, valores ou preocupações.

<sup>12</sup> Para aprofundar o tema da socialidade, consultar bibliografia de Maffesoli.



espaciais e temporais e no prescindir do relacionamento assente na presença física, do qual resultam novas formas de comunicar e a conseqüente redefinição e vivência das relações sociais num novo espaço, que é o ciberespaço, o ambiente virtual e simulado como extensão da vida real, material corpórea. Em todo este processo relacional a técnica desempenha, inevitavelmente, um papel crucial, dado que há a passagem de uma “espécie de transformação da apropriação técnica do social, típica da modernidade, para uma apropriação social da técnica” que potencia e facilita o convívio e a manutenção dos laços sociais na pós-modernidade<sup>13</sup> (Lemos, 1999). Na perspectiva de Maffesoli, as tecnologias digitais ajudam o homem, enquanto ser social, à realização fenomenológica da sua socialidade, possibilitando o ‘estar junto’ do(s) outro(s) que o interpela(m) à realização de uma comunicação-comunhão.

Um outro aspecto a considerar, segundo Lemos, prende-se com o facto das tecnologias de informação e comunicação, enquanto formas de agregação social electrónicas, efémeras e planetárias fomentarem a erosão das identidades sociais, desintegrando-as da sua individualidade e absorvendo-as no colectivo e normativo da tribo contemporânea. Perante a massificação da sua ‘persona’ na abertura ao outro, o indivíduo sente o apelo para viver o ‘eu’ múltiplo sem censura, ele assume as várias personagens e as diferentes máscaras no ciberespaço. No ciberespaço, a identidade deixa de ser fechada e abre-se à experiência. É evidente que no desempenho da vida social estamos familiarizados com o uso de máscaras, específicas e adequadas ao papel que desempenhámos ao longo do dia: mãe, filha, irmã, esposa, profissional... Contudo, na comunicação mediada por computador (CMC) (em especial as salas de conversação), permitimo-nos a explorar de modo psicoterapêutico o vestir a pele das ‘personae’ que vivem aprisionadas na imaginação, contraditórias ou complementares com o nosso eu, e cuja efemeridade depende apenas do indivíduo. A questão dos heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos) de Fernando Pessoa ilustra a concretização individual nas múltiplas personagens interiores.

#### A título de curiosidade:

*“Pessoa criou inúmeras personalidades literárias para além da sua própria, destacando-se o engenheiro futurista e decadentista Álvaro de Campos, o poeta metafísico Alberto Caeiro e o poeta clássico Ricardo Reis. A origem destes*

<sup>13</sup> Por pós-modernidade entendemos, à luz do pensamento de Lipovetsky (1983) e de Harvey (2001), uma época de mutação histórica (decorrente da década de 60) oposta à modernidade, que assenta na aceitação total do efémero, fragmentário, descontínuo e caótico e que privilegia, entre outros, o tempo colectivo, a tecnologia, as imagens, a informação, o consumo, os valores hedonistas e o individualismo. Foram vários os autores que exploraram o tema da pósmodernidade: Baudelaire, Foucault, Wiitgenstein, Lyotard, Marx, Simmel, D. Bell, Toffler, G. Debord, entre outros.

*heterónimos tem sido objecto de muitas investigações, a partir do próprio testemunho de Pessoa, que, em carta a outro poeta, Adolfo Casais Monteiro, dirá: “a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.”*

(Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13-1-1935, publicada na revista *presença*, nº 49, 1937).<sup>14</sup>

No que toca às crianças, que hoje crescem com a cultura do digital e do ciberespaço, não conseguimos prever que pessoas serão no futuro nem como se relacionarão, apenas sabemos, hoje, que é indiscutível que elas são mestres respeitados e fluentes no uso das tecnologias digitais, que sabem mais que os adultos e que criam laços de amizade através da rede com pessoas novas ou prolongando laços do mundo real para o mundo virtual. É na rede que se encontram com os amigos virtuais com quem conversam, namoram, jogam, tiram dúvidas e ocupam o seu tempo de ócio e de trabalho escolar. Neste contexto, é fundamental o papel da família de modo a criar parcerias do conhecimento e uso da comunicação digital, já que de acordo com Pinto (2006):

*“A rapidez com que as crianças alteram as suas preferências, fazendo supor que os brinquedos que preenchem as culturas infantis são apenas circunstanciais, esconde a sua verdadeira função nas várias fases da construção das suas relações sociais. Na verdade, apesar desta volatilidade da modificação das preferências, permanece um conjunto de necessidades básicas que essas mudanças acabam por preencher. Os novos produtos e serviços a que as crianças aderem são aqueles que, garantidamente, preenchem uma ou mais destas necessidades que se perpetuam no tempo. Aliás, os brinquedos e as personagens mais duradouras nos hábitos infantis respondem às mesmas necessidades, ainda que de uma forma mais persistente. A compreensão que se puder obter destas necessidades permanentes das crianças pode constituir um poderoso instrumento na compreensão da utilização de media interactivos, particularmente da Internet, dos jogos electrónicos e de aplicações de software, não só enquanto espaços de lazer e brincadeira, mas também de resistência à autoridade dos adultos, enquanto ferramentas de participação na produção das suas próprias culturas.”*

Tendo em conta a reinterpretação do papel da criança no mundo contemporâneo, no qual esta assume pela primeira vez um papel central e pioneiro no que toca ao uso das novas tecnologias portáteis digitais, é importante estudar o modo

<sup>14</sup> in <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/H/heteronimo.htm> [consultado a 15 de Março de 2008].

como a criança utiliza os meios de comunicação tecnológica e como os utiliza na relação de interacção interpessoal com o outro.

## 2.1. Um novo paradigma comunicacional e relacional

“I believe that you pray to it when you are unhappy. Men made it, do not forget that. Great men, but men. The Machine is much, but it is not everything. I see something like you in this plate, but I do not see you. I hear something like you through this telephone, but I do not hear you. That is why I want you to come. Pay me a visit, so that we can meet face to face, and talk about the hopes that are in my mind.”

*in Forster, E. M. (1909) The Machine Stops,*

A história da comunicação evoluiu em três grandes etapas ao longo da história: cultura oral ou gestual, cultura escrita e cibercultura (Lévy, 1997).

Nas sociedades de cultura oral ou gestual, a comunicação era realizada no ‘aqui e agora’, já que as mensagens eram recebidas no tempo e no espaço em que eram emitidas boca-a-boca. Num período mais recuado da história, enquanto que no Egipto e Mesopotâmia a escrita possuía já uma longa tradição, na Grécia antiga ainda vigorava a comunicação oral, cujas narrativas passavam de geração em geração, sob a forma de poemas para serem mais facilmente memorizados. Na Grécia, a escrita era olhada com desconfiança. O *Fedro*, de Platão, ilustra bem esse sentimento quando na pessoa de Sócrates narra o episódio em que o deus egípcio Toth oferecendo a escrita, “*techné* novinha em folha” (Davis, 1998:40) ao rei Thamus. Perante a oferenda, o imperador olha o presente com ar de desconfiança e rejeitando o presente declara que “o seu povo ficaria melhor sem ela” (Davis, 1998:40). A escrita grega foi adoptada a partir da dos fenícios, tendo os gregos introduzido significativas modificações de modo que o resultado final foi uma escrita bastante simples, acessível a todos os membros da comunidade, possibilitando-se assim a sua rápida e eficaz utilização.

Num segundo momento, «civilizado», as condições de comunicação instauradas pela escrita, e mais tarde pela imprensa já não aconteciam numa base de interacção directa. É de salientar que, neste estádio da história, as vias de comunicação estavam ao serviço apenas de alguns senhores doutos, ricos e/ou poderosos, sendo utilizadas para a troca de informações ao serviço do exercício do controlo social e político.

Com a comunicação escrita o homem adquire o poder de fixar o mundo, cristalizando-o através de palavras que permanecem para o futuro e afastam a humanidade do estado rudimentar, elevando-a a uma nova idade mental. A

representação pictográfica e a escrita, enquanto primeira tecnologia de informação e comunicação, inventada pelo homem, na pré-história adquiriu, ao longo de várias eras, sistemas muito diferentes de codificação do pensamento, o que desencadeou invenções como a tinta, o papiro, o pergaminho, os códices, os blocos de madeira, as impressoras mecânicas, os cartazes, as fotocopiadoras e os ecrãs de computadores (Davis, 1998). A invenção da escrita resulta de um equilíbrio entre a necessidade do *homo faber*, que precisava de transmitir ideias e mensagens, e o desejo, a imaginação do *homo ludens* que almejava comunicar com os outros povos.

O desejo de comunicação e de informação está bem patente no homem pré-histórico e visível nas pinturas feitas nas paredes das cavernas ou na primeira base de dados no barro, de acesso generalizado, criada pelo escriba sumério (Davis, 1998). Assim, iniciou o futuro das tecnologias de informação e comunicação, dissolvendo barreiras de espaço e tempo, que separavam as pessoas, e alterando o seu modo de pensar. O conhecimento que outrora estava na posse de uma elite de sacerdotes e bardos, com a descoberta da escrita, e mais tarde da impressão, ficou acessível a um maior número de pessoas, criando hábitos de leitura e promovendo a circulação de informação. Todavia, se inúmeros foram os progressos com o surgimento da escrita, a velocidade da informação e da comunicação dependeu do rumo que a história seguiu.

No século XIX ainda não havia televisões, aviões, computadores, cartões Multibanco, micro-ondas, nem telemóveis, mas já existia a Internet (Standage, 1999). Durante o reinado da rainha Vitória que desenvolveu-se uma nova tecnologia que, pela primeira vez, reduzia “os constrangimentos espaço-temporais através da comunicação instantânea” (Kerckhove, 1997: 262), o telégrafo. Este inovador instrumento tecnológico proporcionou uma comunicação, ‘quase’ instantânea, entre as pessoas, encolhendo o mundo e revolucionando-o ao nível dos negócios, do crime, da informação e até do relacionamento interpessoal. Códigos secretos foram criados, usados e desvendados. Não soa isto familiar? Com o sucesso deste novo utensílio desenvolve-se, em paralelo, uma subcultura com os seus próprios costumes e linguagem. A rede estava montada e nunca mais nada voltou a ser igual. O desenvolvimento de novos meios de comunicação conduziu a sociedade uma metamorfose nunca antes vista, desde a invenção da imprensa. Em suma, no século XIX o telégrafo terá representado um impacto social idêntico ao que, para o bem e para o mal, teve a Internet, sua herdeira, um século depois. O telégrafo, invenção que, à semelhança da Internet, serviu para fins secretos (Cardeal Richelieu) e militares (Bonaparte) não demoraria muito a massificar-se e a transformar o relacionamento interpessoal, já que através da rede “*stories are told*,

*opinions exchanged and laughs enjoyed, just as if the participants were sitting together at a club*" (Standage, 1999: 132).

Mais recentemente, da década de 50 em diante, assistiu-se a uma nova redefinição do mundo social e relacional que acompanha o crescente fascínio social sentido por novas ferramentas tecnológicas que impulsionaram o fenómeno da comunicação global, a saber: a televisão, o computador pessoal, o telemóvel e, finalmente, a Internet. Estas tecnologias, tal como todas as outras anteriormente, começaram por ser acessíveis apenas a uma elite restrita, no entanto, acabaram por se difundir à sociedade em geral, à medida que o preço desce vão ficando mais potentes, transparentes, acessíveis, multifuncionais, atraentes, portáteis e fáceis de utilizar. Está de volta o paradigma da ágora ateniense, mas num formato digital (Rheingold, 1996) e virtual que invade e preenche o ritmo diário do ser humano, favorecendo a comunicação de todos com todos flexibilizando barreiras espaço-temporais e identidades estáticas.

Com os anos 90 o número de pessoas com telemóvel e ligadas à Internet cresce exponencialmente<sup>15</sup> o que leva a uma mudança do modelo comunicacional e, naturalmente, a uma redefinição do relacionar, pensar e viver.

### **2.1.1. O paradigma da mobilidade e a emergência das tecnologias de comunicação móveis**

A mobilidade não é uma particularidade inerente apenas às sociedades contemporâneas, esta ganhou contornos peculiares graças à evolução que os meios de transporte sofreram e pela inserção progressiva de tecnologias de informação e comunicação no nosso quotidiano, garantindo ao sujeito a possibilidade de se mover simultaneamente no espaço-tempo privado e no espaço-tempo público (Araújo, 2004). É sabido que a partir da descoberta da electrónica, no decurso da segunda guerra mundial, e com a subsequente multiplicação do uso das tecnologias de informação e

---

<sup>15</sup> "Entre 2001 e 2006 o número total de assinantes deste tipo de serviço [serviço telefónico móvel] quase duplicou. (...) desde o ano de 2003 que o serviço móvel regista um tráfego telefónico superior ao do serviço fixo, e que no ano de 2006 essa diferença corresponde a mais de 55%. (...) De um modo geral, o número de clientes do serviço de acesso fixo à Internet tem crescido ao longo dos últimos anos: entre 2002 e 2006 o crescimento total foi superior a 230% (...) em 2004 o tempo total de acesso à Internet se tinha cifrado nos 3 200 milhões de minutos. O número total de clientes do serviço de acesso à Internet, em 2006, foi de 1 582 049, dos quais 84% eram clientes residenciais. Relativamente ao tipo de acessos utilizados, apenas 9,9% utilizavam a banda estreita (Dial Up), face aos 78,7% em 2001, o que ilustra bem o desenvolvimento tecnológico deste sector nos últimos anos. (...) Em 2006, 90,1% dos clientes utilizavam a banda larga no acesso à Internet, correspondente a Acessos Dedicados, Acesso ADSL e Acesso Modem por Cabo. (...) O acesso à Internet através da banda larga tem registado assim um forte crescimento nos últimos 5 anos, tendo-se transformado no principal acesso à Internet em Portugal. Se em 2001 apenas cerca de 0,9% da população portuguesa utilizava este tipo de serviço, em 2006 mais de 13,8% da população acede à Internet utilizando um acesso de banda larga.", in Estatísticas das Comunicações 2006 (2008), Instituto Nacional de Estatística (INE), ISSN 1646-2505, ISBN 978-972-673-946-3, suporte pdf, disponível em [www.ine.pt](http://www.ine.pt), pp. 19-21. [consultado a 12 de Janeiro de 2008].

comunicação à escala planetária, a sociedade entrou na era informacional. É igualmente sabido que, “se antes o “*personal computer*” se posicionava como um instrumento que facilitava a execução de operações corriqueiras do mundo do trabalho e das actividades académicas, com a consolidação da Internet, a conectividade passa a ser o seu maior trunfo” transformando “o computador pessoal em um computador colectivo” (Mantovani, 2006: 4). Isto reconduziu a sociedade pós-informacional a novos reajustes por forma a se (re)adaptar a estas novas demandas, inerentes aos imperativos emergentes de uma nova era que se anunciava, a era da conexão (Mantovani, 2006), marcada pelo paradigma da mobilidade (Araújo, 2004). De acordo com o Inquérito *Sociedade em Rede em Portugal - Do Multimédia ao Wireless: As dietas mediáticas dos portugueses* (2003)<sup>16</sup>, aplicado a pessoas entre os 15 e os 55 anos de idade resultaram as seguintes conclusões:

- Para os mais jovens a Internet é um espaço de lazer, entretenimento e sociabilidade;
- Os portugueses falam, em média por dia, cerca de 20 minutos e navegam na Internet cerca de 1 hora;
- A velocidade, a mobilidade e a portabilidade também contribuem substancialmente para as alterações das práticas quotidianas dos indivíduos, pois estão presentes nos telemóveis, nos computadores portáteis na banda larga, e de forma ainda mais flagrante, nas possibilidades que trazem os sistemas *wireless*;
- A sobreposição dos vários meios de comunicação, que se dava no lar, nomadiza-se tornando-se um permanente *anywhere just in time* ligado à presença física do nosso corpo e não apenas ao lugar onde chega o cabo de ligação.

Deste modo, segundo Mantovani (2006), tendo em conta a redefinição do espaço geográfico, baseado nos preceitos sociais, culturais e económicos da globalização, a mobilidade deixa de se circunscrever apenas à categoria geográfica, marcando estilos de vida sob os signos da liberdade, independência e autonomia proporcionada pelas novas tecnologias nómadas (Lemos, 2005). Estas permitem manipular o espaço e o tempo à medida de necessidades que exigem acessibilidade “*anytime*”, “*anywhere*”. Em virtude de uma maior conexão e omnipresença “*everywhere*”, as tecnologias móveis, e sem fios, passam a fazer parte da paisagem urbana, ampliando-se as “formas de conexão entre homens e homens, máquinas e homens e

---

<sup>16</sup> Inquérito promovido pelo CIES – Centro de Investigação e Estudos em Sociologia.

máquinas e máquinas motivadas pelo nomadismo tecnológico da cultura contemporânea” (Lemos, 2005: 2).

Anos atrás, uma das principais tecnologias que favorecia a informação e comunicação conectada era o computador e a televisão que reconfiguraram os espaços internos, tirando as pessoas da rua para dentro de casa. Contemporaneamente é o telemóvel e o *laptop* que assumem esse papel, mantendo-nos em contacto informativo e comunicativo permanente com o mundo, tirando-nos de casa e movendo-se connosco. Segundo Lemos (2005) actualmente, existem no mundo mais usuários de telemóvel do que internautas, números que tendem a aumentar, veja-se o exemplo de Portugal e na Dinamarca que têm já mais telemóveis do que pessoas.

### **2.1.2. A comunicação mediada por computador (CMC)**

Com a ascensão e difusão da televisão e do televisor, há décadas atrás, houve, tal como agora, fases de euforia e optimismo intercaladas com épocas de pessimismo e receio. Vários foram os estudos realizados de forma a medir os efeitos e riscos que a televisão tinha no quotidiano e como esta afectava o desenvolvimento emocional, afectivo, relacional e social das crianças. Segundo Sartori, o “telever” estava “a mudar a natureza do homem” (2000: 13), já que as crianças eram criadas pelo televisor. Assim, houve um deslocamento da comunicação impressa para o contexto da imagem que se sobrepõem às barreiras linguísticas. Ver sem compreender é o lema da era do “videover” de que nos fala Sartori, um ver que diverte e entretém, mas que destrói mais do que transmite (2000). Assim, com a televisão surge um novo *anthropos* e uma nova *paideia* com um novo estilo de viver e de se relacionar que assenta no domínio do lúdico e que continuará o seu processo de mutação à medida que os meios e processos de comunicação se transformam (*ibidem*).

Hoje em dia, os meios são muitos, a televisão tornou-se obsoleta e foi expulsa do pódio em detrimento do computador, do telemóvel, da Internet e do ciberespaço. O digital assume o protagonismo. Assim, com a cibernética, a multimédia e o hipermédia passamos de mundos cinematográficos de imagens reais para mundos simulados, virtuais e interactivos, governados pela imaginação. A criança deixa de ser passiva e assume um comportamento hiperactivo e polivalente, proporcionados pela utilização de vários meios em simultâneo que lhes permite desenvolver diversas actividades de carácter

prático, lúdico, cultural e educativo como: ler, jogar, trocar mensagens, pesquisar... (*ibidem*).

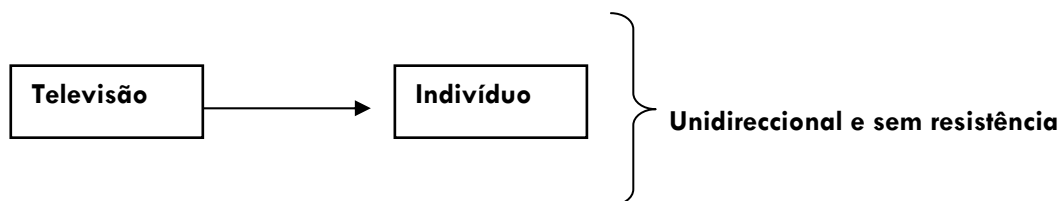
Ao longo das últimas décadas do século XX a televisão foi perdendo terreno para o computador e o telemóvel.

Veja-se o estudo: Jovens europeus gastam mais tempo on-line do que a ver televisão, realizado pela Associação Europeia de Publicidade Interactiva, aplicado a uma amostra com idades compreendidas entre os 16 aos 24 anos e publicado e consultado em <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=24359&op=all> a 13 de Novembro de 2007. Desta investigação resultaram as seguintes conclusões:

- Seis em cada 10 europeus acedem à Internet com regularidade e os jovens preferem navegar na web do que ver televisão;
- 82% dos jovens, na faixa etária dos 16 aos 24 anos, prefere navegar na Internet, entre cinco a sete dias por semana, enquanto 77% gosta de ver televisão com regularidade, o que representa uma quebra de cinco por cento em relação a 2006;
- Mais de 80 % dos inquiridos afirmaram “não poder viver” sem pelos menos uma actividade na Internet;
- 87% dos utilizadores procuravam informação, seguindo-se 81% das pessoas a dedicar o tempo a consultar o e-mail;
- 42 % dos utilizadores encontram-se nas redes sociais, enquanto 37% se dedica às mensagens instantâneas;
- 31% a fazer downloads de música e a ouvir rádio; 30% a ver televisão, filmes ou vídeos on-line 27 e 20% a ler críticas on-line, a participar em fóruns ou a fazer o download de filmes e vídeos.

No decorrer das décadas 60-70 a televisão era o meio privilegiado de difusão que atingia o grande público. O mesmo público que vegetava inerte horas a fio sentado frente ao grande ecrã. A comunicação era realizada num só sentido:

**Figura 1.** Comunicação Unidireccional



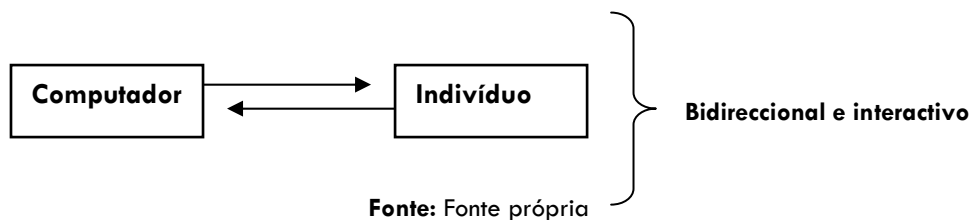
**Fonte:** Fonte própria



Esta é a época da geração Hippie, ou seja, jovens despreocupados que recuperaram a sua liberdade através das tecnologias alternativas e que se transformariam em empresários de sucesso, os yuppies dos anos 80.

Nos anos 90, multiplicam-se os computadores pessoais, meios solitários e privados, mas que, com o fenómeno de convergência e elasticidade tecnológica entre a televisão, computador, telefone e Internet oferece uma possibilidade nova e sem precedentes que modifica as redes sociais de comunicação. Os indivíduos e as suas necessidades particulares passam a estar ligados em rede, constituindo a mente colectiva. É a era da cibercultura, da realidade virtual, da velocidade e de uma terceira geração, os cyberpunks. O computador passa a ser encarado como “psicotecnologia” (Kerckhove, 1997), isto é, extensão do nosso sistema nervoso e intelectual. Deixa de haver uma relação passiva com um ecrã. O computador e os novos meios tecnológicos de comunicação iniciaram um diálogo interactivo com o ser humano.

**Figura 2.** Comunicação bidireccional



O ecrã liberta-se do espaço interior, rígido e fixo da sala de estar porque adquire um tamanho portátil, liga-se a um telefone e passa a ser um acessório que nos acompanha para todo o lado, tal como o porta-chaves ou a carteira... Enchemos a casa de ecrãs e agora trazemo-los para a rua. É a era do video-ver de que nos fala Sartori (2000), o mundo tecnológico profetizado por Forster em “The Machine” (1909) ou por William Gibson no “Neuromante” (1984). Sociedades imaginadas em que a vida humana está fortemente saturada pela intervenção tecnológica e novas relações sociais que se desenham com códigos e estruturas próprias. Estes códigos podem não ser totalmente novos, mas são adaptados às novas condições (Guimarães Jr, 1997). De facto, já nada é como no passado e, segundo Adelina Silva (2005), o carácter de necessidade, que terá levado o homem a pensar e criar estratégias de comunicação, foi ultrapassado pelo carácter da possibilidade. É a época do imediato e do simultâneo, que deixou de se circunscrever ao próximo e ao perto, até porque a distância deixou de ser um problema. Este princípio favorece a comunicação através de múltiplos meios, mas não favorece a comunicação reflexiva, densa ou enriquecedora. A desorientante

quantidade de mensagens emitidas, a sua brevidade, escassa elaboração e superficialidade tendem para um formato comunicativo gratuito e insubstancial que incita à manutenção e ao estímulo de diálogos fúteis e vazios de conteúdo. E assim chegamos ao sujeito, alvo de investigação neste estudo, ou seja, a quarta geração. Foram encontradas várias classificações para definir a geração actual utilizadora das tecnologias de informação e comunicação:

- **A Geração M**

Depois da geração Coca-cola, fruto de um *modus vivendi* vendido pela televisão, surge um novo epíteto que rotula, mais uma vez, um grupo de crianças e jovens com novos hábitos sociais, novas formas de consumo, novos meios de comunicar e novas gírias. Os mais novos despertam a atenção dos estudiosos porque são eles que absorvem as novidades disseminando-as para toda a sociedade. Assim, a Geração M, ou seja, a geração multimeios é composta por sujeitos, crianças e jovens, cujo quotidiano está saturado de Media que usam em simultâneo. Quer isto dizer que enquanto assistem televisão, navegam na Internet e mandam mensagens pelo telemóvel e conversam no Messenger.

- **A Geração 'WE'<sup>17</sup>**

Para Nancy Robinson, Vice presidente da empresa de estudos de mercado, Iconoculture<sup>18</sup>, estamos perante a Geração 'We', ou seja, um grupo de indivíduos que aprendem, cada vez mais cedo, a lidar com as novas tecnologias numa base de partilha com a família e os amigos e que aprendeu a criar e manter amizades *on-line*. Esta imagem colectiva do 'nós' também transparece na investigação de Sarmiento e Barra sobre as interacções das crianças na Rede, da qual deduzem que as crianças tiram um "prazer especial" do navegar na Internet se partilhado com os pares, denotado no uso esmagador do plural: "Vamos ver (...) vamos mudar (...) vamos procurar (...) nós queremos ir... (...) nós vamos sempre (...) nós jogamos sempre neste (...) gostamos muito deste (...) qual é que vamos jogar? (...) podíamos ir ver (...)" (2002:sem página).

- **A Geração Polegar**

No início da vida pedestre do *homo sapiens*, o homem sofreu mutações genéticas que lhe garantiram uma maior aptidão, como foi o caso da oponência do dedo polegar ao indicador. Esta oponência, que se acentua no *homo habilis*, permite-lhe agarrar e manejar objectos com maior força e precisão (Morin,1975). Deste modo, "a mão

---

<sup>17</sup> in Metro Point, edição de 23 de Julho de 2007, pág.8.

<sup>18</sup> Iconoculture is the leading consumer expert, helping marketing decision makers in corporations and agencies enable growth and innovation, cf. <http://www.iconoculture.com> . [consultado a 2 de Março de 2008].

encontra-se continuamente em acção, das formas mais diversas, e a técnica (...) passa a ser um traço permanente do homínideo grácil” (Morin, 1975: 59) importante quando o homem andava nas árvores, por ser completamente oponível aos outros dedos. Tal aquisição evolutiva permitiu a utilização de instrumentos, com os quais o homem pode mais facilmente defender-se e modificar o meio ambiente para melhor sobreviver. No entanto, desde que este começou a caminhar de forma erecta, o polegar foi perdendo as suas competências. Segundo Girmino (2002), estudos realizados por Sadie Plant defendem que as crianças que cresceram manipulando telemóveis e consolas de jogos, modificam o uso habitual dos dedos e a habilidade com que manejam, em especial, o polegar. Graças a uma maior tonicidade muscular, agilidade e velocidade passam a efectuar com este dedo os trabalhos que se realizavam com o indicador.

- **A Geração “text”**

Segundo Teixeira (2003) esta é a geração ou “generation text” que faz do Short Message Service, vulgo SMS, a sua principal forma de comunicação. Uma comunicação assente na instantaneidade entre o processo de escrita e envio da mensagem e a recepção da sua resposta. Todo o processo é demasiado célere, quase simultâneo. O texto da mensagem é simples, sem artifícios estilísticos ou linguísticos e eficaz.

- **A Geração Digital**

As crianças e jovens como os verdadeiros percussores dos ambientes virtuais e de simulação, cujos conhecimentos são superiores aos dos adultos.

Esta designação é apresentada por Ponte e Vieira (2007) aquando da comunicação dos resultados apresentados pelo Projecto europeu *EU Kids On-line*.

- **A Geração Net / Geração Zapping**

Na perspectiva de Garbin (2003), a Geração Zapping define uma juventude que não imagina um mundo sem televisão, computador, Internet, *Chats* ou telemóveis, de preferência utilizados em simultâneo. Para estes jovens teclar, enquanto assistem televisão, navegam na Internet, escrevem um e-mail ou ouvem música, é uma rotina normal que executam com uma velocidade alucinante. O *zapping* desenfreado entre o controlo remoto da televisão e o teclado em busca de informação, explorando a sua própria individualidade ou interagindo em *chats*. Fruto da influência dos computadores e de outras tecnologias de comunicação resulta a chamada Geração Net. Estes jovens apresentam comportamentos que denotam a sua dependência pela Internet ao ponto de não conseguirem dormir à espera de e-mails ou que trabalham no computador horas seguidas sem parar e que comunicam com os seus amigos e vizinhos através da Internet

independentemente de viverem “ao lado da sua casa ou do outro lado do mundo: são seus amigos virtuais, cibernéticos” (Garbin, 2003: 128).

Independentemente da classificação que adoptarmos para etiquetar a geração hodierna, há um traço comum a todas, crianças e jovens recorrem cada vez mais às tecnologias de informação e comunicação para interagir com os seus pares, família e sociedade em geral que se complementa com a presença física da relação face-a-face.

Segundo Thompson (citado por Ferin, 2002) existem três formatos de interacção:

- Interacção face a face (face-to-face interaction) que se estabelece num contexto de co-presença;
- Interacção mediada (mediated interaction) que exige um meio técnico que se processa em contextos espaciais e temporais distintos;
- Mediated quasi-interaction, processo de comunicação que se refere aos tipos de relações estabelecidos pelos meios de comunicação de massa, mas que compreende igualmente os processos inerentes à comunicação face a face e os referentes às instituições de mediação.

A relação face-a-face tem a riqueza da comunicação não verbal: entoação, gestos, mímica, forma de vestir. Conscientes disso e da importância que os meios de comunicação assumem na manutenção dos vínculos sociais e afectivos, a indústria da comunicação tem investido na comunicação mediada por computador (CMC) procurando a aproximação à experiência face-a-face, possível através da simulação, recorrendo a:

- Transmissão de imagens;
- Transmissão de voz;
- Contração das distâncias;
- Rentabilização do tempo;
- Ampliação da geografia da comunicação (permite a comunicação entre pessoas que, à partida, nunca teriam a possibilidade de se conhecer no fazer face a face);
- Especulação criativa da identidade digital.

## 2.2. O mundo na palma da mão

Desde que o mundo é mundo houve evoluções ou revoluções tecnológicas, mais ou menos lentas, com maior ou menor impacto na vida do ser humano, mas que mudaram a história da civilização, como foi já aportado em páginas anteriores.

À semelhança de outros acessórios, tais como o relógio, a pena e a caneta, o telemóvel é uma dessas invenções que adquiriu uma presença tão significativa e necessária que sem ela o homem se sente incompleto, porque entrou dentro de nós, condicionou e modificou a maneira como vivemos, pensamos e nos relacionamos. Assim, de acordo com Andreoli, esta tecnologia adquiriu um estatuto de omnipresença essencial que nos acompanha para todo o lado, como se de um apêndice se tratasse, e que reconfigurou o estilo de vida civilizacional, de tal modo que, nas suas palavras, “as novas gerações o consideram um produto da natureza, como o leite ou o tomate” (2007:23).

Para além da sua disposição para a conectividade ininterrupta, estes aparelhos móveis deixaram de ser apenas um dispositivo de comunicação e passaram a integrar, ao longo dos últimos anos, serviços que antes estavam separados: telefone; Internet; relógio; máquina fotográfica; máquina de filmar; rádio; agenda; e-mail; Messenger; consola de jogos; GPS; calculadora; mp3; fax... Para além da convergência de várias tecnologias num mesmo aparelho, foi-lhe atribuída a designação de computador de bolso.

Deste modo, o telemóvel ao conquistar o ser humano com as suas mil e uma utilidades, adquire o estatuto de acessório estético que reflecte a personalidade de quem o utiliza, afastando-se da sua função primeira, ou seja, comunicar. O telefone móvel serve o seu dono na relação com o outro e consigo mesmo, graças às suas múltiplas e diversas possibilidades. “Em suma, o telefone móvel transforma-se num mundo inteiro. Tem dentro tudo aquilo a que se chamou televisão e tudo aquilo a que se chamou computador pessoal” (Andreoli, 2007: 28), o que levará inevitavelmente à extinção do televisor e do computador tal como os conhecemos.

### 2.2.1. O Telemóvel

Graças à televisão o mundo tornou-se mais próximo trazendo o mundo e a informação a nossa casa. Mais tarde foi o telemóvel que assumiu um protagonismo vital, já que permitia a produção e difusão de informação e comunicação entre as pessoas. Os equipamentos de comunicação acompanham as disposições contemporâneas, tornando-se um acessório portátil e móvel e, por isso, populares. O telefone móvel mudou o modo como pensamos (Sartori, 2000), olhamos o mundo e nos vemos a nós próprios, já que todos passaram a estar ao alcance de um botão.

A telefonia móvel modificou não só o mundo da comunicação, redefinindo a paisagem urbana e as novas fronteiras do espaço e do tempo, mas principalmente reestruturando o nosso comportamento bem como as relações sociais e interpessoais. Assim, “The warbles, beeps and Tunes of the mobile have become so common that their calls have begun to constitute a new kind of electronic bird song, changing the soundtrack of the cities (...)” (Plant, 2002: 1). Para os mais jovens o telemóvel “is a matter of fashion, style, covert social messages and hidden agendas” (Plant, 2002: 3) e por isso o aspecto, modelo, cor e toque do telemóvel adquiriu uma importância suprema relevância no processo de auto-afirmação social que se alastrou, segundo esta investigadora, um pouco por todo o mundo (Hong Kong, Bangkok, Pequim, Grã-Bretanha, Japão).

#### Breve evolução cronológica do telemóvel:

- 1947 | Com os Laboratórios Bell nasce o conceito de telefone celular.
- 1973 | Foi fabricado o primeiro telefone celular por Martin Cooper da Motorola.
- 1982 | Nasce o primeiro Nokia, desenhado para ser utilizado no carro.
- 1983 | Os telemóveis ficaram acessíveis ao público.  
 Características:  
 Eram muito grandes, pesados e caros  
 Capacidade: 1 hora de conversação  
 Memória: 30 contactos
- 1993 | O primeiro telemóvel com funções de PDA da IBM e BellSouth.  
 Funções: Telefone, pager, calculadora, agenda telefónica, Fax e e-mail.
- 1996 | Os telemóveis produzem-se mais pequenos, mais leves e com um aspecto estético mais cuidado.
- 1998 | O modelo candybar-style ganha adeptos. Acrescenta-se a cor ao telemóvel.
- 2000 | Surge o Smart phone disponível com 8MB de memória com um display monocromático.
- 2001 | O PDA telefone com 16 MB de memória.
- 2002 | O telemóvel adquire as funções de web browser e mensagem instantânea.

Novas funções: push e-mail technology; funções de organizar; thum keyboards; GSM cell phone; kit mãos-livres.

Nasce o Blackberry.

A câmara fotográfica é incorporada pela Sanyo.

2003 | Os jogos são integrados no telemóvel.

2004 | Os telefones celulares continuam a ficar mais atraentes, leves e finos.

2005 | É lançado o primeiro Motorola com leitor de música da Apple's que permite fazer download de músicas a partir do iTunes.

2006 | Pearl é o primeiro Blackberry com câmara e áudio e vídeo player.

2007 | É lançado o iPhone da Apple com design inovador e touch-sensitive screen; câmara de 2-megapixel e capacidade de sincronizar com i-Tunes.

### 2.2.2. Tipos de relação utilizador-telemóvel

A forma como o telemóvel invadiu a nossa rotina, deu origem a novos comportamentos, gestos e a uma nova linguagem corporal que se manifesta quando falamos em público ou com alguém através do telemóvel, bem como a forma como disfarçamos o desconforto de estarmos sozinhos. Assim se constrói a relação que o ser humano estabelece com o telemóvel que pode ser de dois tipos: parcial e temporária ou total e sempiterna, podendo variar consoante factores objectivos como o género ou a idade e de factores subjectivos como a personalidade, (Andreoli, 2007).

- Relação minimalista

O telemóvel é usado apenas em casos excepcionais e é considerado útil para receber chamadas importantes. O telemóvel é encarado como um anunciador de desgraças. A simpatia por este aparelho é parca e, por isso, fica escondido num bolso ou numa carteira à espera que não toque. Este aparelho é apenas utilizado para comunicações breves e de carácter informativo. O usuário minimalista utiliza apenas as suas funções básicas e não se interessa por descobrir ou utilizar as suas outras funcionalidades que possa ter.

- Relação maníaca

A relação entre indivíduo e telemóvel é intensa e agitada. Utiliza as funcionalidades do telemóvel a toda a hora, conhece-as de cor e explora-as à exaustão. O telemóvel está sempre à mão ou na mão. Este tipo de usuário é fiel ao seu aparelho de comunicação digital e não concebe a sua vida sem ele. Ficar sem bateria, perder o telemóvel seria

um tormento inqualificável e indescritível. Para além de ter uma colossal lista de contactos, caracteriza-se pelo excesso de diálogos fúteis e vazios de conteúdo.

- Relação estratégica

Este utilizador caracteriza-se por ter mais do que um telemóvel, tal como tem mais do que uma máscara social, usar de tom monocórdico e distante ao telefone e ter a racionalidade estratégica típica de um dirigente.

### **2.2.3. Crianças, telemóvel e status social**

Ao contrário do tempo da nossa infância, as crianças de hoje crescem em convívio directo e natural com aparelhos tecnológicos como o computador e o telemóvel. Ora, tal facto pode ser positivo ou negativo consoante o caso. Segundo Plant (citada por Girmino, 2002), é um facto que o telemóvel está a tornar-se parte do ser pessoa, já que a acompanha 24 sobre 24 horas, é, metaforicamente, o cordão umbilical que a liga aos pais atarefados, à escola, aos amigos, dando-lhe uma sensação de companhia e de segurança e de organização e coordenação do seu dia-a-dia. Por outro lado, este aparelho dá-lhe um maior sentido de responsabilidade porque o telemóvel está à sua guarda e são responsáveis por tudo o que lhe acontece. Este instrumento também lhes confere um sentido simulado de privacidade, liberdade e independência que aproxima as crianças do mundo dos adultos.

Para os jovens não há tempos mortos. Os telefones móveis e as mensagens instantâneas expandiram a conectividade das crianças e o próximo. As mensagens viajam pelo espaço a uma velocidade alucinante. Há uma nova dimensão do tempo e do espaço se pensarmos que antes uma carta podia demorar meses a chegar ao seu destino. A validade das emoções e da ansiedade estendia-se pelo tempo e agora dilui-se e fragmenta-se em milésimos de segundos. Aliás, no que toca a estas formas de se relacionar que emergem tudo depende de decisões muito rápidas. Segundo Lévy (1997), o uso das novas tecnologias de comunicação fomenta as relações sociais, sendo que os usuários da Internet têm mais amigos e são mais sociáveis e relacionam-se mais com a família, o que refuta a ideia de isolamento inicialmente defendida por alguns pessimistas. As relações que se estabelecem através de dispositivos de comunicação como o telemóvel e o computador nem substituem o contacto face-a-face, nem impedem o contacto e as interacções de nenhuma ordem. “A imagem do indivíduo «isolado frente



ao ecrã» é bem mais uma imagem fantasmagórica do que o resultado de um inquérito sociológico” (Lévy, 1997: 135), até porque a cibercultura proporciona o estabelecimento de relações ideias em comunidade desterritorializadas que se baseiam na partilha de interesses comuns e na aprendizagem cooperativa e colaborativa.

Segundo Rieffel (2003), ter telemóvel ou estar ligado à Internet é um modo de demonstrar que se está em sintonia com os tempos actuais, evitando uma desclassificação social. As crianças, que crescem hoje na cultura do telemóvel e das comunicações mediadas, sentem essa demanda de estar a par das novidades tecnológicas, sector que dominam, face aos adultos. As crianças sabem mais sobre o assunto, utilizam mais, melhor e mais rápido. Este é um fenómeno de tal modo global que se propagou rapidamente. De um estudo realizado entre 2001 e 2003 um pouco por todo o mundo: Japão, Finlândia, Itália e Reino Unido entre outros países (Ling, 2004), resultaram algumas conclusões de relevo para esta investigação:

- A taxa de indivíduos de 13 anos com telemóvel era superior comparada com a de 18 anos;
- Cerca de 90% dos jovens entrevistados tinha telemóvel;
- O número de raparigas com telemóvel era superior ao dos rapazes;
- No início do estudo (em 2001) os rapazes pareciam pioneiros no uso das funcionalidades, mas depois destes dispositivos integrados no dia-a-dia as raparigas revelaram-se mais fluentes;
- Os jovens usam o telemóvel porque:
  - Garante uma sensação de segurança;
  - Permite a coordenação das actividades ao longo do dia;
  - Facilita a interacção social porque estão sempre acessíveis aos seus pares;
  - É um acessório de moda;
    - Os toques;
    - As cores;
    - O modelo;
  - Confere status social e promove a inclusão social;
    - Ter o telemóvel mais caro e mais na moda;
    - Dominar a linguagem dos SMS's;
  - Garante a sensação de controlo do seu próprio canal de comunicação;
  - Proporciona um carácter ilícito à comunicação que pode ser realizada durante as aulas, a altas horas da noite e veículo de mensagens de teor sexual;

- Concede a sensação de emancipação relativamente à forma como exploram as suas interações sociais, permitindo um estado de pré-socialização mais próximo do estágio seguinte do seu crescimento. No caso dos pré-adolescentes que se sentem participantes do mundo dos adolescentes e dos adolescentes que se sentem a participar do mundo dos adultos.

Os telemóveis transformaram-se num dos principais meios de comunicação para crianças, cada vez mais jovens. Não é de estranhar, por isso, que esta relação se torne obsessiva ao ponto de não poderem viver sem estes aparelhos agarrados a elas. As crianças estão cada vez mais dependentes dos telemóveis não só pelo crescente papel que desempenham na comunicação com os seus pares e familiares, o que faz com que requeiram para segundo plano a comunicação face-a-face, mas também pela companhia que este utensílio proporciona na ocupação dos momentos mais solitários, já que permite ler, ouvir música, conversar com os amigos, navegar na Internet ou jogar. O telemóvel para as crianças assume o papel de um amigo e, por isso, registam-se casos sérios de dependência um pouco por todo o mundo. Daí também que se sintam perdidos quando estão sem o telemóvel ou sem Internet, como se perdessem uma parte de si. Estes casos de dependência, segundo Girmino (2002) são preocupantes porque podem desencadear sérios perigos para a saúde, bem como distúrbios psicológicos que podem fazer com que, por exemplo, o confronto cara-a-cara seja um problema. Há jovens inclusive que nem para dormir se separam do telemóvel.

Um outro aspecto a reflectir prende-se com a facilidade com que as crianças cedem o contacto a terceiros transforma-os em vítimas de práticas de fraude, pedofilia ou de cyberbullying<sup>19</sup>, que é uma prática emergente entre os mais novos.

O multifacetado telemóvel ocupa um lugar central na vida das crianças, é um fenómeno global que tem, obviamente, as suas consequências se os pais não estiverem despertos para os sintomas de adição e dependência e educarem para o bom uso deste aparelho de comunicação digital. Existe já na Dinamarca uma clínica que trata de casos de ludopatia, o Projecto Homem, que ajuda no tratamento de pessoas que se tornaram escravo da tecnologia e que manifestam os sinais típicos da dependência: ansiedade, irritabilidade e baixos níveis de atenção.

---

<sup>19</sup> O Cyberbullying é uma forma de pressão psicológica e agressividade que é exercida através das tecnologias de informação e comunicação. Para mais informação sobre o assunto, consultar o sítio <http://www.miudossegurosna.net> [consultado a 6 de Março de 2008].

## 2.2.4. O fenómeno dos Short Message System

A transmissão de mensagens não é uma invenção da idade moderna. Sendo o ser humano um ser comunicacional, desde tempos longínquos que superou limites e limitações e através do recursos mais ou menos rudimentares fez chegar mensagens a outros homens e outros povos. São vários os exemplos ao longo da história:

- Telégrafo de tochas (1184 a.c.) usado para transmitir a mensagem codificada comunicando a derrota de Tróia;
- Serviço Postal no reinado de Heródoto, (anterior a 529 a.c.) que se estendia por 2.575 Km com 111 trocas de estafetas ao longo do percurso;
- “Corrida de Maratona” (490 a.c.) realizada por um estafeta (ao longo de 40 km) que ia a Atenas comunicar a vitória do seu exército;
- Tambores para transmitir mensagens codificadas (data indeterminada);
- Telégrafo de Fumo (150 d.c.). O Império Romano dispunha no ano 150 d.C. de um sistema telegráfico codificado "por fumo" com cerca de 4.500 Km de extensão.

Seja qual for o meio, longe vão os tempos em que uma mensagem podia demorar meses para chegar ao seu destino. Para além de tal recurso só estar acessível a alguns poderosos (monarcas e nobres) e alguns particulares (sobretudo comerciantes) (Leclerc, 1999), o tempo que uma notícia levava a chegar ao seu destino inicialmente dependia da distância e da marcha do mensageiro. Mais tarde, a velocidade de entrega e resposta a uma mensagem passou a depender do meio de transporte do homem e só a partir de meados do século XIX, graças à revolução da electricidade (telégrafo, telefone, radiodifusão, televisão) e da electrónica (satélites de comunicação, televisão por cabo, Internet, auto-estradas de informação), a emissão de mensagens deixou de depender do deslocamento do homem. Daqui resultaram várias transformações, primeiro com o telegrama e depois com uma das funcionalidades mais populares do telemóvel: o envio de mensagens, isto é, os *Short Message System* (SMS).

O envio de um ‘SMS’ ficou reduzido a minutos e, por vezes, a segundos ou décimos de segundo. Este «encolhimento» do espaço e «aceleração» do tempo contribuiu para a mundialização da informação e da comunicação como antes nunca tinha sido pensada (Leclerc, 1999). Deste modo, entramos numa outra etapa da

evolução da comunicação que congrega, pela primeira vez na história, a comunicação oral, escrita e audiovisual e que apelidamos de cibercultura. Eis o ciberespaço<sup>20</sup>, as suas comunidades, num emaranhado de inteligência colectiva sincronizada, ao qual corresponde a mundialização concreta da sociedade, pela planetarização económica e densificação das redes de comunicação e de transporte, tendendo para uma comunidade mundial em contacto e interacção efectiva.

O serviço de envio de mensagens é essencialmente popular entre as camadas mais jovens da sociedade. De acordo com o estudo do Barómetro de Telecomunicações da Marktest<sup>21</sup>, os portugueses com idades compreendidas entre os 10 e os 24 anos enviam em média 66 SMS por semana<sup>22</sup>, eis algumas conclusões do estudo:

- 5,7 milhões de residentes em Portugal com 10 e mais anos costumam utilizar o SMS (Short Message Service);
- Cerca de 48% destes indivíduos envia até 10 mensagens escritas por semana, havendo 11.1% que envia de 11 a 20 mensagens semanalmente, 12,1% que envia de 21 a 50 mensagens e 19,6% mais do que 50;
- Em média, por semana, são enviadas 66 mensagens, o que corresponde a mais de nove por dia;
- Entre os 10 e os 14 anos, 31% dos inquiridos diz enviar mais de 50 SMS por semana;
- Entre os 15 e os 24 anos, os que afirmam enviar mais de 50 SMS sobe para 49,6%. Estes últimos enviam em média 157 mensagens por semana, uma média de 22 por dia;
- No Interior Norte, Grande Porto e Litoral Norte, tal como entre as classes sociais média baixa e baixa, também se observam valores superiores à média.

---

<sup>20</sup> "O termo *ciberespaço*, surgido originalmente na novela de ficção científica *Neuromante*, de William Gibson, é o nome por vezes usado para designar o espaço conceptual onde se manifestam palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder dos utilizadores da tecnologia de CMC" (Rheingold:1996, 18).

<sup>21</sup> Divulgado no sítio [http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=292825](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=292825) [consultado a 31 de Agosto de 2007].

<sup>22</sup> "Entre 2002 e 2006 o número de mensagens curtas de texto enviadas aumentou em cerca de 10 vezes, tendo registado uma taxa de crescimento de 490%, o que corresponde a mais 10 300 milhões de SMS. Em termos médios, no ano de 2006, cada português enviou mais de 1 100 mensagens curtas de texto, enquanto que em 2001 esse valor rondava as 180 mensagens *per capita*.", in Estatísticas das Comunicações 2006 (2008), Instituto Nacional de Estatística (INE), ISSN 1646-2505, ISBN 978-972-673-946-3, suporte pdf, disponível em [www.ine.pt](http://www.ine.pt), pp. 19. [consultado a 12 de Janeiro de 2008].

As crianças e jovens, mais conhecidas de “geração polegar” (Plant, 2002), não só enviam muitas mensagens escritas como também as escrevem com uma rapidez alucinante sem olhar para o teclado, porque já o têm memorizado. Os movimentos rápidos e mínimos, efectuados com os polegares, dão origem a páginas e páginas de diálogos que se enviam e recebem sucessivamente entre um receptor e um destinatário ou vários. Segue-se um excerto do livro *Amor Líquido* que elucida de forma muito simples e clara o que se acaba de referir (Bauman, 2003: 82-83):

*“Uma mensagem brilha no ecrã em busca de outra. Os seus dedos estão sempre ocupados: pressionam as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compondo as suas próprias mensagens. Permanece-se conectado – ainda que em constante movimento, ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo as suas próprias trajectórias. Os telemóveis são para pessoas em movimento.*

*Nunca perde de vista o seu telemóvel. A sua roupa de jogging tem um bolso especial para ele, e nunca sai com aquele bolso vazio, da mesma forma que não vai correr sem o seu par de ténis. Na verdade, nunca iria a lugar algum sem o telemóvel («lugar algum» é, afinal, o espaço sem um telemóvel, com um telemóvel sem rede ou sem bateria). Quando está com o seu telemóvel, nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro – mas jamais trancado num lugar. Enclausurado numa teia de chamadas e mensagens, está invulnerável. As pessoas à sua volta não o podem rejeitar e, mesmo que tentassem, nada do que realmente importa iria mudar.”*

#### **2.2.4.1. Factores de popularidade do SMS**

O serviço de mensagens é muito conhecido entre as faixas etárias mais jovens, porque é mais económico do que telefonar e facilita a interacção social já que facilmente se atinge o destinatário da mensagem. As operadoras, atentas às tendências, oferecem tarifários que incentivam ao envio de SMS's a baixo custo ou a “custo zero” de modo a atrair clientes jovens. Observem-se alguns exemplos de campanhas de tarifários das principais redes disponíveis no mercado:

Quadro 1. Campanhas de tarifários

Rede	Tarifário	SMS's
<b>Vodafone</b>	Vita 91 Yorn power SMS	1500 SMS's gratuitos por semana para rede Vodafone
<b>TMN</b>	Kit +Perto SMS Kit Vip's SMS	Até 250 SMS's por dia grátis para rede TMN
<b>Optimus</b>	Boomerang Chat Limo Limo +	1500 SMS's gratuitos por semana

Fonte: [www.vodafone.pt](http://www.vodafone.pt); [www.tmn.pt](http://www.tmn.pt) e [www.optimus.pt](http://www.optimus.pt)

- Os SMS's são hoje as cartas, postais e telegramas de outrora, com a vantagem de serem entregues na hora e de se obter resposta com maior rapidez, diminuindo o tempo de ansiedade provocado pela espera de resposta;
- O envio e recepção de SMS's é discreto, não interrompe nem incomoda quem o recebe, que pode colocar o telemóvel sem som ou em modo vibratório e responde quando quiser ou puder;
- A rapidez com que se enviam e recebem SMS's cria a ilusão de sincronia;
- O facto de ter limite de caracteres faz com que a capacidade criativa ganhe asas na hora de escrever um SMS;
- O SMS desinibe, diz-se o que não se tem coragem, facilitando a confissão sem pudor ou o receio da exposição face-a-face físico.

### 2.2.5. Do *Chat* à cultura Messenger

Quando Charles Babbage inventou no século XIX, uma máquina de cálculo, que mais tarde se viria a chamar de computador, provavelmente não adivinhava que esta ferramenta viria a ocupar um lugar central na vida do homem contemporâneo. De facto, com o tempo, deixamos de olhar o computador como uma ferramenta que ajuda a executar tarefas de raciocínio e passamos a dar-lhe um novo significado e estabelecer uma relação de proximidade com a máquina.

A presença do computador na vida contemporânea é muito diferente do que era há algumas décadas atrás, segundo Turkle (1995) isto deve-se ao facto de na década de 70 em diante houve a passagem da cultura do cálculo à cultura da simulação. E esta cultura da simulação que emerge afecta o entendimento da nossa mente e do nosso corpo. Assim, se na década de 80 os computadores eram uma extensão do nosso intelecto, no fim do milénio e hoje passaram a ser uma extensão da presença física do indivíduo. É com os anos 80 que as crianças começam a conviver de uma forma mais próxima com os computadores. Os computadores são brinquedos que lhes permitem realizar actividades como jogar, divertir, conversar e ler. Este grau de interactividade fez com que crianças e computadores se tornassem amigos. Isto desencadeou uma mudança no modo como nos relacionamos com o computador e com as outras pessoas. O computador mudou o modo como pensamos e vivemos as nossas relações sociais e afectivas. Já que é através do computador que nos ligamos a um mundo virtual onde existe uma comunidade na qual encontramos os que nos são próximos: amigos, família, namorados... O computador deixou de ser uma máquina analítica e passou a ser visto como uma máquina íntima, como lhe chama Turkle. Esta máquina íntima permite estabelecer dois tipos de relação: pessoa – máquina e pessoa – outras pessoas. Assim, para além de o computador oferecer a ilusão de companhia quando estamos sozinhos, sendo que “one can be a loner yet never be alone” (Turkle, 1995: 30), proporciona a interacção com outros indivíduos, já que somos seres comunicacionais por natureza.

Com a passagem da sociedade agrícola para a industrial, o fenómeno da urbanização da sociedade informatizada restringiu os espaços de expressão lúdica da criança. Igualmente, os hábitos quotidianos da criança mudaram e o brincar na rua é perigoso, restringindo-se o encontro com outras crianças num espaço livre, onde se brinca e inventa jogos e brincadeiras e se vivem aventuras emocionantes. Sendo que hoje as possibilidades de acção lúdica da criança diminuem drasticamente como

consequência do actual estilo de vida, o universo lúdico da criança torna-se mais sofisticado caro e tecnológico. De facto, foram vários os factores que aproximaram as crianças do computador e que fomentam uma utilização crescente dos meios tecnológicos em prol da comunicação mediada:

- As crianças brincam menos com outras crianças, porque:
  - Existe violência na rua;
  - Têm menos tempo para brincar, já que são aliciadas para diversas actividades, cujo intuito é prepará-las, desde cedo, para o mundo laboral: curso de línguas, música, dança, informática, desporto;
- Há uma sobrevalorização dos brinquedos, de preferência caros, mas não se releva o ter com quem brincar;
  - O espaço das brincadeiras confina-se mais a quatro paredes e aos equipamentos electrónicos;
  - As famílias são menos numerosas.
- Porque as crianças passam menos tempo em família:
  - Os pais trabalham mais para poder dar uma vida melhor aos filhos;
  - Por motivos pessoais e profissionais passam mais tempo fora de casa ou chegam a casa tarde e extremamente cansados;
  - O telemóvel é o cordão umbilical que liga pais e filhos.

Datam da década de 60, do século passado, os sistemas de *time-sharing* que permitiam a Comunicação Mediada por Computador (CMC), enviando palavras escritas de um computador para outro que se encontrava ligado ao mesmo tempo. No final da década de 80, populariza-se o Internet Relay Chat (IRC) com centenas de canais e milhares de indivíduos de todo o mundo que se ligavam para conversar na rede, através de canais de interesse, abertos 24 horas por dia. Os populares “chats”, cuja designação deriva do verbo inglês “*to chat*”, são salas abertas de conversa escrita, onde se conhecem pessoas de todos os cantos do mundo com quem se conversa em tempo real, se assumem múltiplas e distintas identidades, permutam informações e ficheiros, discutem assuntos mais ou menos sérios, enquanto se dá azo à diversão e às confidências, se namora e se criam e rompem laços. Tudo se passa assim (Bauman, 2003:54)

*“Entramos em canais de conversação (chats) e temos «amigos virtuais» com quem conversar. Os amigos virtuais, como bem sabe todo o viciado nestes canais, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas há sempre em linha alguns ansiosos por*



*inundar o silêncio com «mensagens». No relacionamento «virtual», não são as mensagens em si, mas o seu ir e vir, a sua circulação, que constituem e mensagem – não importa o conteúdo. Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa.”*

A comunicação é semelhante a uma conversação frente-a-frente, com a particularidade de ser feita através de texto escrito que se debita para uma janela de conversação que pode ser de um para um ou de um para vários. Cada usuário tem um *nick* que o identifica e que lhe permite entrar nos vários canais temáticos e iniciar conversação.

A Internet passou a ser um lugar de encontros e desencontros à velocidade de um clique sem barreiras de espaço ou de tempo onde novos tipos de relacionamentos emergiam, juntamente com novos valores sociais e culturais. Sempre que surge uma nova tecnologia que apela à interacção social, naturalmente, o ser humano tende para o despertar social através da construção de comunidades. O mesmo se passa no ciberespaço através de CMC, porque estas permitem “interagir de uma forma inovadora, fazendo coisas novas em conjunto – tal como o permitiram os telégrafos, os telefones e as televisões” (Rheingold, 1996: 19) que passa pela “nova capacidade de comunicação multilateral, de «muitos para muitos” (*idem*: 19). A Comunicação Mediada por Computador alterou os modos de relacionamento entre as pessoas cujo contacto passa pelo ciberespaço e pela interactividade<sup>23</sup>.

Com base nestas premissas nasce o programa mais popular de mensagens instantâneas é o 'MSN Messenger network' da Microsoft cujo lançamento remonta a Julho de 1999, sucessor do MSN (The Microsoft Network), incorporado no Windows 95. Em 2006, surge o Windows Live Messenger com mais funcionalidades e serviços que servem utilizadores de todo o mundo, quer através do computador, quer do telemóvel.

Este tipo de programas de mensagens instantâneas são semelhantes aos *chats* com a diferença de que neste caso, o usuário cria a sua própria lista de contactos que pode adicionar, excluir e/ou bloquear. Tal como os *chats* esta é uma ferramenta de conversação (texto, som, imagem) de um para um ou um para vários. Existe um sinal de presença que identifica o estado do usuário bem como dos contactos da lista (on-line, off-line, ausente, ocupado, volto já, ausente, em ligação), sendo que as novas versões já permitem enviar e receber mensagens mesmo em estado 'off-line'.

<sup>23</sup> Interactivity is not a characteristic of the medium. It is the extent to which messages in a sequence relate to each other, and especially the extent to which later messages recount relatedness of earlier messages. in Jones, Quentin (1997) Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: a Theoretical Outline, disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue3/jones.html> [consultado a 18 de Março de 2008].

Este tipo de serviços de mensagem instantânea permite interagir e dialogar com outras pessoas no ciberespaço, através da escrita, imagem através de foto ou webcam, de sons e dos ícones expressivos, bem como através de envio de ficheiros e jogos. Presentemente, são várias as opções, nacionais e internacionais, que oferecem um serviço de mensagem instantânea, que substituem as antigas salas de chat e se encontram gratuitamente à disposição do utilizador. Eis alguns dos mais populares serviços de conversação *on-line*:

**Figura 3.** Serviços de conversação *on-line*



Adquirir uma identidade virtual nestas salas de conversação privadas, é possível através de uma identificação electrónica no ciberespaço, ou seja, um endereço electrónico, e fazer o *download* do software de conversação. Dada a popularidade e utilização intensiva destes serviços, algumas empresas e escolas bloquearam o seu acesso pelos empregados e alunos. Para contornar a situação, foi criado o Web Messenger que permite, de igual modo, as conversações *on-line* e em tempo real usando apenas um navegador web, sem a necessidade de instalação de software. Por uma questão de satisfazer as necessidades de portabilidade dos tempos pós-modernos também é possível aceder ao serviço Messenger através do telemóvel. Em todos os casos, o endereço electrónico e respectiva *password* funcionam como um passaporte ou validam a identificação que permite entrar na rede e “conversar” com outros interlocutores em tempo real.

Segundo as conclusões de um estudo sobre a utilização do ‘Messenger’, realizado pelo Centro de Investigação em Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve<sup>24</sup>, concluíram que:

<sup>24</sup> Publicado e consultado a 31 de Julho de 2006, acessível através do link: [http://dn.sapo.pt/2006/07/31/media/77\\_adeptos\\_messenger.html](http://dn.sapo.pt/2006/07/31/media/77_adeptos_messenger.html).

- 77% dos jovens portugueses entre os 12 e os 18 anos utilizam sistemas de mensagens instantâneas da Internet (*Messenger*) e seis em cada dez fazem-no frequente e muito frequentemente, passando horas a conversar no computador;
- Há uns anos dizia-se que as novas tecnologias iam isolar as pessoas, mas a realidade é que os jovens usam a Internet sobretudo para comunicar uns com os outros;
- O *Messenger* permite satisfazer uma grande necessidade de comunicação sentida pelas crianças e jovens, sobretudo nas grandes cidades, onde actualmente são cada vez mais raras as "brincadeiras de rua" com os amigos, depois da escola;
- O *Messenger* permite-lhes manter o contacto com os amigos, quando estão em casa;
- Os jovens consideram muito importante estar sempre em contacto com os amigos e deixam o *Messenger* ligado, mesmo quando não estão em casa, para assim poderem ler o que os colegas lhes escreveram durante a sua ausência;
- 60,6% utilizam o *Messenger* para falar com amigos, mas 11,4% confessam conversar até com pessoas que não conhecem, depois de obterem os seus e-mails através da Internet, por exemplo a partir de jogos em rede;
- Mais de 90% dos alunos afirmam que os pais nunca ou raramente impõem restrições ao uso daquele sistema, limitando-se a controlar os custos de utilização da Internet e não tanto os conteúdos;
- As salas de conversação (*chat*) na Internet registam uma utilização de apenas 13,4%, porque os miúdos sabem os riscos de falar com desconhecidos, já que os casos mediáticos relacionados com conversas com estranhos ajudaram a alertá-los para o perigo;
- No *Messenger*, a taxa atinge o pico entre os 17 e os 18 anos no caso dos rapazes e entre os 14 e os 16 no caso das raparigas;
- Portugal é o 4.º país onde os adolescentes mais utilizam este sistema, entre os nove países analisados.

Este meio de comunicação revolucionário que se baseia na comunicação escrita tem um papel fundamental na manutenção dos laços relacionais, já que permite um contacto ininterrupto e convida à confiança daquilo que não se tem coragem de dizer no face-a-face. Para além disso, tem um ar leve e divertido assessorado pelas imagens e sons que enfeitam a relação em curso. É impossível ignorar o *Messenger*, enquanto meio de comunicação, que não pára de ganhar cada vez mais simpatizantes em todo o mundo e que muito tem contribuído para redesenhar a comunicação interactiva entre os seres humanos.

*“Instant messaging has become the digital communication backbone of teens’ daily lives. About half of instant-messaging teens — or roughly 32% of all teens — use IM every single day. As the platforms for instant messaging programs spread to cell phones and handheld devices, teens are starting to take textual communication with them into their busy and increasingly mobile lives. IM is a staple of teens’ daily internet diet and is used for a wide array of tasks — to make plans with friends, talk about homework assignments, joke around, check in with parents, and post “away messages” or notices about what they are doing when they are away from their computers.”<sup>25</sup>*

### 2.2.5.1. Factores de popularidade do Messenger entre as crianças

O serviço de conversa instantânea é muito explorado entre as faixas etárias mais jovens pelas razões que se apontam:

- É fácil e divertido de usar;
- Identifica-se com um espaço de lazer e convívio;

Representa o ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre;

- Confere a ideia de disponibilidade contínua;
- Estimulam a sensação de companhia e extensão física;
- Permite comunicar com mais do que uma pessoa ao mesmo tempo;
- É um meio de comunicação económico tendo em conta que, ao contrário do telemóvel o tempo é flexível, e não tem limite de caracteres;
- É um meio de comunicação humanizado pelos ícones<sup>26</sup> que se desenham através das teclas e que reflectem estados de espírito e emoções (Piñol:1999);
- É um meio de comunicação bastante interactivo e que possibilita “conversar” em tempo real;
- Encurta distâncias, edifica a confiança e reforça amizades e outras relações;
- A comunicação é feita através de uma escrita com marcas de oralidade, de tom coloquial, informal, descontraído, diluindo fronteiras entre a linguagem

<sup>25</sup> in Teens and Technology (2005) Pew Internet and American Project Life Project, p. iii, disponível em <http://www.pewinternet.org/> [consultado a 2 de Fevereiro de 2008].

<sup>26</sup> Os chamados *emoticons* são ícones formados por caracteres que substituem as expressões faciais ou estados de espírito e que simulam a presença das expressões faciais presentes na conversa cara-a-cara (Júlio:2005).

oral e escrita. A linguagem escrita e falada fundem-se e criam uma nova e diferenciada forma de escrita;

- Outras características de oralidade: entoação, pausas, expressões faciais que passam para o ecrã do computador através de códigos específicos;
- Este espaço de comunicação é tão envolvente que se torna quase real.
- Menos perigoso do que as vulgares salas de “chat”. Enquanto que nas salas de Chat a maior parte dos contactos são anónimos e efémeros, no Messenger as pessoas, regra geral, já se conhecem, o que exclui, à partida, situações de *ciberbullying*, mudança de personalidade e outros perigos... (a menos que o contacto seja cedido por terceiros ou a pessoas que se acaba de conhecer na Rede);
- Permite excluir e/ou bloquear algum contacto indesejado;
- É possível poder escolher quando se pretende iniciar diálogo através dos diversos estados.

## 2.2.6. Uma nova grafia digital emerge: uma escrita criativa ou empobrecida?

Here is the original message posted by Scott Fahlman on 19 September, 1982:

19-Sep-82 11:44 Scott E Fahlman :-)  
From: Scott E Fahlman <Fahlman at Cmu-20c>

I propose that the following character sequence for joke markers: :-)  
Read it sideways. Actually, it is probably more economical to mark  
things that are NOT jokes, given current trends. For this, use :-(-

Fonte: <http://www.cs.cmu.edu/~sef/Orig-Smile.htm>

Longe vão os tempos em que se angustiava por momentos de inspiração para escrever e cuidar na forma de exprimir um sentimento, um pensamento ou uma reflexão, já que a forma como se materializava no papel o nosso pensamento, reflectia muito da personalidade de quem escrevia e, como tal, havia que ter certos cuidados, tais como: não dar erros, ter uma caligrafia legível e bonita, escolher a palavra certa para cada ideia revelada. Contudo, com o advento de novas práticas de interacção, próprias de uma Sociedade que privilegia a informação e a comunicação num número limitado de caracteres e que se movimenta na Rede, emerge uma ‘nova’ escrita electrónica, a

linguagem dos SMS's, construída por uma geração que nasceu e cresceu familiarizada com a Comunicação Mediada por Computador (CMC). Através deste novo léxico, procura-se ser expressivo e comunicar o máximo no mínimo de espaço, recorrendo ao mínimo de palavras, abreviadas e/ou com cortes, e recorrendo à iconografia, dando-lhe um 'rosto' mais humano<sup>27</sup> (Cruz, citado por Betti, 2006).

Conforme expõe Mantovani (2006) houve um movimento dinâmico nas tecnologias de informação e comunicação, passando-se da oralidade à escrita e, actualmente, assiste-se a um estado híbrido dos mesmos. Já por sua vez, Silva defende que com os nossos espaços virtuais de comunicação, como é o caso das salas de chat, constata-se que o que há é um retorno à oralidade, por meio de uma escrita tal “como se fala” que “está muito próximo dessa mesma oralidade” e que combina “texto, som e imagens” (2005: 9).

À semelhança de “outros sistemas formais de escrita como os hieróglifos egípcios e os ideogramas chineses” (Kerckhove, 1997: 259) cujo processamento de informação apenas estava ao alcance das elites, também esta nova grafia só é dominada pelos grupos. Esta linguagem codificada, usada nos diálogos via Messenger ou Short Message System, é complementada com ícones expressivos que funcionam como metadescrições (Rheingold, 1996) de estados de espírito inerentes aos diálogos. Estes novos códigos linguístico, porque muitas das vezes apenas decifráveis por grupos restritos, conduzem à sua difícil leitura ou até incompreensão, para além de perderem riqueza de vocabulário, dado o recurso às palavras mais simples e curtas. Aliás, a palavra de ordem nesta nova linguagem é “o máximo de eficácia com o mínimo de esforço” (Teixeira, 2003: sem página), já que o número de caracteres (no telemóvel) é limitado e a brevidade na resposta impera (não só pelo número de caracteres, mas pela urgência de responder rápido). Isto desencadeia não só uma contracção do discurso mas por consequência até do próprio pensamento. Assim, apontam-se algumas características mais evidentes deste novo léxico, “em contínua evolução” (Andreoli, 2007: 114), que, de acordo com Andreoli, nos remete para “os pictogramas, com escritas orientais, nas quais a figura directa se une à letra que, originalmente, era uma representação figurada, e

---

<sup>27</sup> Programa identifica sentimentos em conversas de messenger - Departamento de Engenharia da Universidade de Santiago do Chile, disponível em [http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section\\_id=44&id\\_news=297866](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=44&id_news=297866), publicado e consultado a 3 de Outubro de 2007. A ternura, a tristeza, a resignação ou o ressentimento de quem conversa ao computador podem ser identificados através de um software desenvolvido por engenheiros chilenos que detecta em tempo real sete emoções ((ternura, tristeza, alegria, surpresa, medo, repulsa e neutralidade)) e quatro estados de ânimo básicos ((resignação, ressentimento, tranquilidade e ambição)); O software capta imagens do rosto do utilizador, que, em seguida, são processadas e aparece um desenho no ecrã do computador indicando o estado de ânimo expressado naquele momento pela pessoa fotografada; O programa acerta, em média, em 71% das vezes.

que, posteriormente, se tornou abstracta. Ou, por outras palavras, é um regresso a uma escrita hiperconcreta, e a palavra e o som indicam a coisa, e não um conceito, uma abstracção” (2007:115):

- Abreviações múltiplas e cada vez mais sucintas, dificultando a sua compreensão;
- As palavras, por vezes, têm um significado diferente mediante a sequência em que se insere;
- Mutilação de palavras;
- Mistura entre palavras e imagens;
- Supressão sinais gráficos e de pontuação;
- Eliminação das vogais nas palavras;
- Substituição de palavras por letras, símbolos e/ou algarismos;
- Mescla de idiomas;
- Frases reduzidas e sem conectores;
- Código aproximado de uma escrita fonética;
- A substituição do “s” e “ss” pelo “x”; “que” pelo “q” e “k”.

**Quadro 2.** Exemplos de abreviaturas utilizadas na Comunicação Mediada por Computador

<b>Palavra</b>	<b>Abreviatura</b>
Obrigado	Bgd
Porque	Pk, pq
Quando	Qd
Que	K
Querido, queridocho	Kido, kiduxo
Quero	Kero
Responde	res
Thanks	Thx
Todos	Tds, tdx
Você	Vc
You	U
Hoje	Hj
Já	Jah
Muito	Mto
Não	N, naum
Acho	axo

Fonte: <http://www.arlindo-correia.com/100602.html>

**Quadro 3.** Exemplos iconográficos utilizadas na Comunicação Mediada por Computador

Emoticon	Significado
:-)	A smile. Sarcastic or joking statement.
:))	Big smile
:-)))	Really big smile
;-)	Wink, often used to express a sly or sarcastic remark.
:-p	Sticking out tongue
O:-)	Innocent or very nice remark
:-D	Laughing at you
:-*	Kiss
:-x	Kiss Kiss
:-X	Big wet kiss
:-o	Shocked or surprised, Uh oh!
:-x	Speechless
:-\$	Confused
:-S	That makes no sense
:-(	Frown or sadness, disappointment
:'-(	Crying
(:-&	Very angry
:-@	Screaming or "it's true"
:-/	Skeptical
:-(0)	Yelling

Fonte: <http://www.nerdtimes.com/smileys.htm>

No entanto, se pensamos que a linguagem utilizada nos Short Message System e no Messenger é uma invenção dos tempos pós-modernos, se tivermos em linha de conta Teixeira (2003) tal pode não ser assim tão evidente. Segundo este investigador, igualmente por motivos de espaço já em pergaminhos medievais é possível encontrar marcas de abreviaturas tal como se verificam nesta escrita contemporânea. Por exemplo no Testamento de D. Afonso II (1214) verifica-se a abreviação dos “que” em “q”. Outras características são assinaladas neste tipo de escrita como é o caso, entre muitos, de abreviaturas, uma linguagem próxima da oralidade, erros ou regionalismos. Segundo Teixeira, tal deve-se porque o material de escrita influencia o processo. Deste modo, “se o material é raro, de difícil execução (pedra, argila) ou caro (papiro, pergaminho) escrever-se-á menos, com mais cuidado, muito mais formalmente, já que o acto da



escrita é especial, fica dispendioso e é apenas destinado a celebrar grandes momentos. Como é evidente, a simplificação do processo físico acaba por se reflectir na própria escrita.” (2003: s/p).

## **Capítulo 3. Metodologia**

### **3.1. Desenho do Estudo**

### **3.2. O questionário**

#### **3.2.1. A construção do questionário**

##### **3.2.1.1. Estudo preliminar para a elaboração do questionário**

##### **3.2.1.2. Desenho do questionário e validação**

##### **3.2.1.3. Estrutura final do questionário**

##### **3.2.1.4. Descrição do questionário**

### **3.3. Definição das Variáveis**

### **3.4. Procedimentos prévios à aplicação dos questionários nas escolas**

### **3.5. A amostra**

#### **3.5.1. Constituição da Amostra**

#### **3.5.2. Localização geográfica da amostra**

#### **3.5.3. Critérios de selecção da Amostra**

#### **3.5.4. A dimensão da Amostra**

#### **3.5.5. Caracterização da Amostra**

---

---

## **Capítulo 3. Metodologia**

- “ – Podes dizer-me, por favor, como hei-de sair daqui?
- Isso depende muito do sítio para onde quiseres ir – respondeu o Gato.
- Não me interessa muito para onde... – disse Alice.
- Nesse caso, podes ir por um lado qualquer – respondeu o Gato.
- Desde que vá ter a *qualquer lado* – acrescentou Alice, em jeito de explicação.
- Oh, para que isso aconteça, tens de caminhar muito – disse o Gato.”

Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*

### **3.1. Desenho do Estudo**

Ao longo deste capítulo, proceder-se-á a uma descrição sistematizada dos procedimentos adoptados ao longo desta investigação que decorreu de Maio de 2007 a Maio de 2008.

Esta investigação empírica visa estudar o fenómeno do uso do telemóvel e do Messenger por crianças do 5º e 6º ano do Ensino Básico de forma a perceber o fenómeno de atracção que existe entre crianças e as novas tecnologias.

Deste modo, desde o projectar e desenhar de alguns objectivos até aos resultados finais, percorreu-se uma viagem de hesitações, recuos, angústias, dúvidas, escolhas e planeamento flexível.

De entre os vários estudos, nacionais e internacionais encontrados, verificou-se que há uma recorrente chamada de atenção para a necessidade de a investigação se debruçar sobre as faixas etárias mais jovens e, por outro lado, recolher dados sobre como as crianças usam as tecnologias no seu quotidiano. Certamente, hoje, levando a curso este mesmo estudo, as escolhas inevitavelmente acabariam por ser outras. No entanto, considera-se este estudo não um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para aprofundar a investigação nesta área e abrir caminho a outros trajectos dos quais apenas se levanta a ponta do véu.

A revisão da literatura não foi uma tarefa fácil, já que é um tema muito vasto e transversal sobre o qual se multiplicam diariamente artigos sobre a matéria. Para além disso, nem sempre é fácil encontrar bibliografia direccionada e específica, isto é, teorias e estudos empíricos que fossem de encontro aos objectivos demarcados.

O presente estudo empírico, realizado entre finais de Janeiro e meados de Abril, foi colocado em prática em duas escolas dos Agrupamentos de Lameiras e Amares: a EB2,3 de Lameiras e a EB 2,3 de Amares.

### **3.2. O questionário**

Tendo em conta a pouca maleabilidade de horário laboral da investigadora e o tempo para a realização do estudo, a metodologia empregada foi o estudo de tipo descritivo e a técnica de recolha de dados utilizada foi o inquérito por questionário.

Assim, pretende-se descrever, relacionar e interpretar as informações que nos são dadas através dos resultados obtidos dos inquéritos aplicados e de que modos elucidam sobre a existência, ou não, algum tipo de relação entre as variáveis dependentes e independentes.

### **3.2.1. A construção do questionário**

A fase de elaboração do questionário foi recheada de momentos de angústia e intranquilidade que não acabavam com o desenhar e redesenhar de possíveis perguntas a contemplar para a recolha dos dados. Tendo em conta a faixa etária da amostra a quem seria aplicado o questionário, era mais que evidente o hiato geracional que existia e que resultava num impasse paralisante. É igualmente verdade que, por vezes, momentos de pausa nos fazem avançar e que, algumas vezes, as ideias nos surgem quando menos se espera.

Assim, a fase preliminar à aplicação dos questionários passou por 5 etapas:

- Estudo preliminar assente em entrevistas exploratórias de carácter pouco estruturado;
- Desenho do questionário;
- Validação do questionário;
- Correção do questionário;
- Versão final do questionário.

#### **3.2.1.1. Estudo preliminar para a elaboração do questionário**

Ao longo da fase preliminar à construção do questionário recorreu-se a contactos com amigos e conhecidos que tinham filhos jovens com o intuito de os entrevistar. Como requisito para as entrevistas pretendia-se jovens com experiência com irmãos ou amigos mais novos e com as novas tecnologias e ao mesmo tempo que possuísem a maturidade necessária para fornecer pistas consistentes que seriam uma mais-valia na elaboração de perguntas adequadas, fornecendo pontos de vista, opiniões e linguagem que permitisse uma maior aproximação às idades em questão. Um outro aspecto a considerar era o de estarem dispostos a submeterem-se à tal entrevista.

As entrevistas realizaram-se entre o dia 7 e 17 de Janeiro de 2008 com jovens de idades compreendidas entre os 13 e os 23 anos. Inicialmente construiu-se um guião para a entrevista que se reajustava ao sabor do fluir da conversa. A novidade destas entrevistas prende-se com o facto de terem sido realizadas via Messenger, agendadas previamente. As seis entrevistas realizadas no total revelaram-se muito frutíferas e produtivas. No início da entrevista foi dado a conhecer, a todos os entrevistados, o

objectivo da entrevista e pedida autorização para a gravação da mesma. Também foi acordada a possibilidade de publicação de excertos da entrevista, salvaguardando o anonimato do entrevistado. A cooperação foi de tal modo reveladora que algumas 'conversas' adquiriram um carácter tão absorvente, chegando a prolongar-se por mais de 90 minutos.

Das entrevistas efectuadas resultaram algumas pistas e achegas que se considera pertinente reproduzir. Na transcrição textual que se segue, de forma a salvaguardar a identidade das pessoas entrevistadas, optou-se pela classificação "Entrevistado nº". Os excertos das entrevistas que se seguem foram copiados tal e qual foram escritos.

- **Sobre os Short Message System (SMS)**

Entrevistado1\_diz:

eu escrevo os sms geralmente em portugues, e nao em p0r7uG€s

Entrevistado2\_diz:

uma msg pode ser interompida para fazer outra coisa  
enquanto k s tiveres ao telefone com alguem  
ja eh pouco etico fazer isso  
nao keres deixar a pessoa a espera so pk te apetece ir beber uma coca cola...  
é so um exemplo

Entrevistado4\_diz:

sms, porque é o meio mais barato de comunicar hoje em dia entao entre a mesma rede torna-se gratis como os novos tarifarios, mas quando se trata dum assunto mais 'importante' prefiro telefonar.

- **Sobre o telemóvel**

Entrevistado2\_diz:

numa chamada consegues ter alguma noção do k a pessoa esta a sentir e a perceber do k tas a falar... (...)  
na sms ja eh um pouco dif...

Entrevistado4\_diz:

para gravar momentos engraçados, tirar fotos, guardar os melhores momntos da vida com as pessoas que mais gostamos

Entrevistado4\_diz:

eu ha alturas q nao gosto d desligar o tlmvl a noite  
outras q ate me esqueço d liga lo d manha  
depend da fase

- **Sobre o Messenger**

Entrevistado1\_diz:

é tambem mais parecido com uma conversa a "serio"  
nao tem aquele caracter pendular das sms  
pelo menos nao tanto

Entrevistado1\_diz:

nesse aspecto penso que tb o telemovel serve. mas o msn proporciona a resposta instantânea

Entrevistado1\_ diz:

o "ah!"  
 "nao digas!"  
 enquanto se conta as coisas

Entrevistado2\_ diz:

o msn beneficia de inumeras coisas cm um tempo ilimitado...  
 (alem da ligação a internet k ja sao baratas nao ha custo)  
 podes trocar mais informação  
 podes falar com varios ao mm tempo...  
 podes fazer outras coisas ao mm tempo...  
 podes interromper para fazer outras coisas ou ate sair... ( parecido a sms e oposto ao tlm )  
 a ligação é continua... ( nao tens d ligar e desligar sempre )  
 se tas com o pc ta ligado...  
 a kestao do appear offline eh outra kestao...  
 devido a ainda insuficiente evolução do tlm o msn ganha mts vantagens  
 preço mt mais barato...  
 e podes falar por voz...  
 com camera...  
 com mais do k um ao mm tempo pelo mm custo

Entrevistado3\_ diz:

pk assim e mais rapido falar com eles  
 e nao precisas de esperar tanto  
 pela mensagem  
 acho que é mais giro e podemos ver fotos e partilhar pastas  
 hehehe

Entrevistado4\_ diz:

ha uma relação de todos os dias se falar com determinada pessoa  
 ja comecei grandes amizades assim  
 ha um contacto constante

Entrevistado4\_ diz:

olha que ja tive conversas q eu propria e a pessoa em questao chegamos a conclusao que s calhar  
 pessoalmente nao teriamos desenvolvido tanto por ou por falta d coragem  
 nao qer dizer q nao se diga pessoalmente  
 mas as vezes e complicado, mas nada cm uma boa conversa pessoalmente  
 as palavras custam mais a ser ditas  
 mas depois tem melhor 'gosto'  
 e cm superar um medo..  
 sabes?

Entrevistado5\_ diz:

é rapido. podes falar c um monte de pessoas ao mm tempo. é "agradável", tipo tem os sons, os smiles,  
 as fotografias das pessoas, acaba por ser divertido..  
 e o poder falar c qq pessoa da parte do mundo  
 ha amigos com kem ja n falaria ha imenso tempo e podes manter o contacto  
 e à borla sem ter k gastar dinheiro em chamadas

## • Sobre o Telemóvel e o Messenger

Entrevistado1\_ diz:

"manda-se" uma sms, mas "fala-se" no msn

## • Sobre a gestão dos laços e das amizades

Entrevistado1\_ diz:

hm  
 eu moro neste predio ha 9 anos  
 e nao conheco nhn1 vizinho

o ir brincar para a rua tem cada vez um papel menos importante  
quanto muito vai-se para casa de alguém  
mas mesmo isso já é um grande bonus  
e porque ir, quando esta toda a gente no msn?

Entrevistado1\_diz:

eu sou capaz de me encontrar 2 vezes por semana com um amigo  
(...)  
e fica a conversa em dia  
mais o encontro ocasional no msn

Entrevistado1\_diz:

em principio se estou a pedir o contacto de uma pessoa  
é porque quero falar com ela  
!?  
mas em todo o caso  
tenho muita gente nos contactos com as quais nao falo regularmente  
mas elas tb nao vem falar comigo

Entrevistado1\_diz:

que apesar de ter andado na mesma turma do 5º ao 12º com a minha actual namorada  
so comecamos a dar-nos bem atraves do msn durante umas ferias  
e as coisas dps evoluíram

Entrevistado1\_diz:

mas sem o msn duvido que tivesse sido possível

Entrevistado4\_diz:

(...) acho que depende do grau d confiabilidade  
e depende do tipo d contacto q qeres estabelecer  
mas eu por ex  
dou primeiro o msn  
pa nao haver tanta confiança  
e depois d avaliar dou o tmvl qd s proporcionar

Entrevistado6\_diz:

(...) o msn permite aprofundar muito as conversas, devido ao tempo que se passa em frente ao  
monitor a falar com a pessoa, é mais facil teclar do que falar pessoalmente (até pq sempre foi), até  
mesmo via sms

### • Sobre a dependência do Messenger

Entrevistado1\_diz:

eu estou praticamente 24h por dia no msn

Entrevistado1\_diz:

as vezes presencialmente

Entrevistado1\_diz:

(...)  
tenho sempre pelo menos um computador ligado a net  
de bandeira negra içada  
com caveiras  
=)  
e portanto tb o msn  
onde as pessoas podem deixar qlq coisa escrita

Entrevistado1\_diz:

sempre tive o azar de entrar muito cedo na escola  
mas desde ha uns anos  
a ultima coisa que faco antes de me deitar  
e a primeira quando me levanto  
é checkar o computador

- **Sobre a dependência do Telemóvel**

Entrevistado1\_diz:

é um stress brutal  
e se alguém quer falar comigo por alguma razão?

Entrevistado1\_diz:

exacto, antigamente combinava-se: a porta do café X, às 8.  
agora é preciso levar o tlm, para saber se a outra pessoa chega atrasada, etc.

Entrevistado2\_diz:

um dia sem tlm  
já me aconteceu umas 3 ou 4 vezes  
esquecer-me dele mesmo.  
.é um desespero  
parece k tou nu  
pk é o meu alarme de manhã  
é o meu relógio  
só por essas duas coisas não consigo viver sem ele...  
quando fico sem bateria é desesperadamente normalmente pk se me tentarem contactar vou ficar indisponível...  
e se me acontecer algo perco o meu meio de pedir ajuda...  
imagina ir na auto estrada e o carro avaria  
sem tlm cm éh?

Entrevistado4\_diz:

é o tédio e o 'desespero' sentes que te falta qq coisa completamente

Entrevistado5\_diz:

no momento sim é um pouco desesperante mas dps há passei um fds inteiro recentemente sem pegar no telemóvel e até sentes bastante LIBERDADE

### **3.2.1.2. Desenho do questionário e validação**

Após a recolha de informação retirada das entrevistas, procedeu-se à comparação de respostas e analisou-se o conteúdo das mesmas, procedendo-se à selecção das variáveis e das perguntas, bem como à construção de uma versão preliminar do questionário.

Para a validação do conteúdo, pertinência das perguntas e da construção do questionário recorreu-se a especialistas na área das Metodologias e da Estatística, orientadores e docentes do ensino básico. De seguida, aplicou-se o questionário a alguns entrevistados e filhos de amigos para verificar se surgiam dificuldades na sua leitura, compreensão e preenchimento. Este procedimento permitiu concluir que a formulação dos itens estava ao alcance da compreensão destes inquiridos e que estes respondiam ao objectivo pretendido na questão.

O processo de validação e correcção do questionário foi realizado ao longo do mês de Janeiro de 2008.



### 3.2.1.3. Estrutura final do questionário

Tendo em conta a faixa etária à qual se destina o instrumento de recolha de dados, deu-se particular atenção à organização e extensão do questionário, assim como à preparação de um *layout* leve e atractivo.

O início do questionário contempla uma pequena introdução onde se explica, em breves palavras, a natureza e o objectivo da investigação. Ao longo do questionário foram introduzidas instruções de preenchimento sempre que se mudava o tipo de resposta solicitada ou quando se permitia resposta múltipla. No fim do questionário inseriu-se uma nota de agradecimento.

O questionário contempla 21 questões e é composto de perguntas fechadas e abertas e prevê, ainda, respostas quantitativas (isto é, apresentadas em número pelo respondente) e respostas qualitativas (descritas ou escolhidas a partir de um conjunto de respostas alternativas dado no questionário) e está dividido em quatro secções devidamente delimitadas e identificadas:

- 1ª Secção
  - 5 questões;
  - Caracterização do inquirido.
- 2ª Secção
  - 5 questões;
  - Utilização do telemóvel.
- 3ª Secção
  - 7 questões;
  - Utilização do Messenger.
- 4ª Secção
  - 4 questões;
  - Comparação entre telemóvel e Messenger.

### 3.2.1.4. Descrição do questionário

A primeira secção do questionário diz respeito à recolha dos dados pessoais que permitem proceder à respectiva caracterização da amostra.

**Tabela 1.** Variáveis independentes caracterizadoras da amostra

Variáveis caracterizadoras da amostra	Indicadores	Pergunta n°
Individuais	Idade	1
	Sexo	2
	Ano frequentado	3
	Residência	4
Familiares	Profissão dos pais	5

As restantes secções do questionário visam dar resposta aos objectivos delineados para esta investigação.

**Tabela 2.** Esquematização da chave de leitura do questionário

Secção	Indicadores	Pergunta n°
Utilização do telemóvel	Se possui telemóvel	6
	Idade com que teve o 1º telemóvel	7
	Opinião sobre a importância de ter telemóvel	8
	Quando desliga o telemóvel	9
	O que sente quando fica sem telemóvel	10
Utilização do Messenger	Se possui Messenger	11
	Quando utiliza	12
	Importância sobre o uso do Messenger	13
	Número total de contactos	14
	Número de contactos com que fala regularmente	15
	Se conheceu algum contacto via Internet	16
	Como procede quando não gosta da atitude de uma pessoa	17
Telemóvel e Messenger	Se os pais controlam o uso	18
	Se se considera dependente	19
	Opinião quanto o uso por Rapazes/raparigas	20
	Contacto que dá quando conhece uma pessoa	21

### 3.3. Definição das Variáveis

Como variável dependente, ou seja, aquela que depende dos procedimentos da investigação e se conota directamente com as respostas que se procuram definiu-se a utilização do telemóvel e do Messenger.

Como variáveis independentes, isto é, aquelas que não dependem dos procedimentos da investigação, mas influenciam a variável dependente, definem-se: a idade; o sexo; a residência; ano escolar; determinantes sócio-económicos (revelados pela profissão dos pais).

### 3.4. Procedimentos prévios à aplicação dos questionários nas escolas

No final do mês de Janeiro iniciaram-se os contactos com as escolas. Para realizar o trabalho de investigação e recolha de dados nas escolas supra mencionadas foi enviado um dossier (Anexo I), a cada um dos respectivos Presidentes do Conselho Executivo, do qual constava:

- Um pedido de autorização para aplicação dos questionários;
- Objectivos do estudo;
- Proposta de questionário;
- Curriculum Vitae da Investigadora.

A anuência para a aplicação dos questionários foi concedida verbalmente. Os questionários ficaram sob a responsabilidade dos respectivos directores de turma que muito solícitamente os aplicaram nas suas turmas.

### 3.5. A amostra

**Quadro 4.** Ficha Técnica

Público-alvo	Alunos do 5º e 6º ano de escolaridade
Área sócio-geográfica	Distrito de Braga
Escolas	EB 2,3 de Lamações EB 2,3 de Amares
População (N)	885 Indivíduos
Amostra (n)	513 Indivíduos
Taxa de Amostragem	58%

### 3.5.1. Constituição da Amostra

O estudo empírico que se levou a cabo entre finais do mês de Janeiro e Abril de 2008 foi circunscrito a 513 respondentes. A amostra refere-se a alunos do 2º ciclo do Ensino Básico (5º e 6º anos de escolaridade) com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, 333 alunos da EB 2,3 de Lamações e 180 alunos da EB 2,3 de Amares.

Além de actores sociais, as crianças são, desde tenra idade, utilizadoras das novas tecnologias de informação e comunicação, neste caso específico deste estudo empírico: o telemóvel e o Messenger. A nossa atenção centrou-se neste grupo etário escolar por várias razões que passamos a expor:

- O facto de este Mestrado ser ministrado no Instituto de Estudos da Criança e de ter de respeitar o âmbito científico desta escola;
- “O que as crianças fazem das tecnologias – é muito menos documentada na pesquisa” segundo Barra e Sarmento (2002), sendo que a maior parte dos estudos que englobam tecnologias de informação e comunicação e crianças “tentam demonstrar as potencialidades e benefícios” das TIC em relação às crianças;
- Em Portugal ser ainda escassa a pesquisa sobre o modo como crianças e jovens menores de 18 anos se relacionam com as novas tecnologias (Ponte e Candeias: 2006) apesar destes grupos etários, no conjunto da população, liderarem no que toca ao acesso e uso da Internet e do telemóvel;
- Cerca de uma em cada três crianças do primeiro ciclo do ensino básico ter telemóvel, tendência que tende a crescer com a idade<sup>28</sup>;
- Segundo dados do Estudo Eurobarómetro, verificar-se uma antecipação nas idades das crianças que usam a Internet. Entre os 8-9 anos 55% dos rapazes contra 47% de raparigas já recorreram à Internet. Na faixa etária dos 10-11 anos os valores para ambos os sexos rondam os 70% e chegam aos 90% nos grupos etários mais velhos;

<sup>28</sup> No estudo realizado por José Rocha Nogueira e Helena Moreira, do Centro Regional de Saúde Pública do Norte, e Maria João Pedroso, da sub-região de Saúde de Aveiro, foram inquiridas mais de mil crianças entre seis e 12 anos de sete escolas públicas do Porto, e apurou-se que ao todo, 34,5% tinham telemóvel. A prevalência para os alunos de seis anos é de quase 13%. Das crianças de sete anos, perto de 23% possuem o aparelho e nos oito anos já são quase 40% as crianças com telemóvel. Aos dez anos, é já a grande maioria que usa este meio de comunicação. in Diário de Notícias, 8 de Maio de 2006, <http://dn.sapo.pt/> [consultado a 11 de Março de 2008].

- Segundo a investigação levada a cabo pelo MediaPro 77% dos estudantes portugueses inquiridos, na faixa etária dos 9-10 anos colocar a comunicação com os seus amigos através do programa de conversação “Messenger” como uma das suas actividades preferidas (acima da média europeia);
- Ainda neste estudo verificar-se que os jovens sentem uma forte necessidade de estar on-line e de se sentirem ligados aos amigos, sobretudo através de ferramentas de comunicação como o Messenger, dado que permite uma ligação contínua aos seus pares, 24 sobre 24 horas, dando-lhes ainda a possibilidade de poderem dizer coisas que não diriam numa comunicação face-a-face. A preferência pelo Short Message System (SMS) em vez de chamadas telefónicas deve-se ao facto de estes serem um meio de comunicar mais económico e que facilita a comunicação de determinados assuntos;
- A possibilidade de serem agentes competentes para dar seguimento à recolha de dados através de um questionário preenchido pelos próprios.

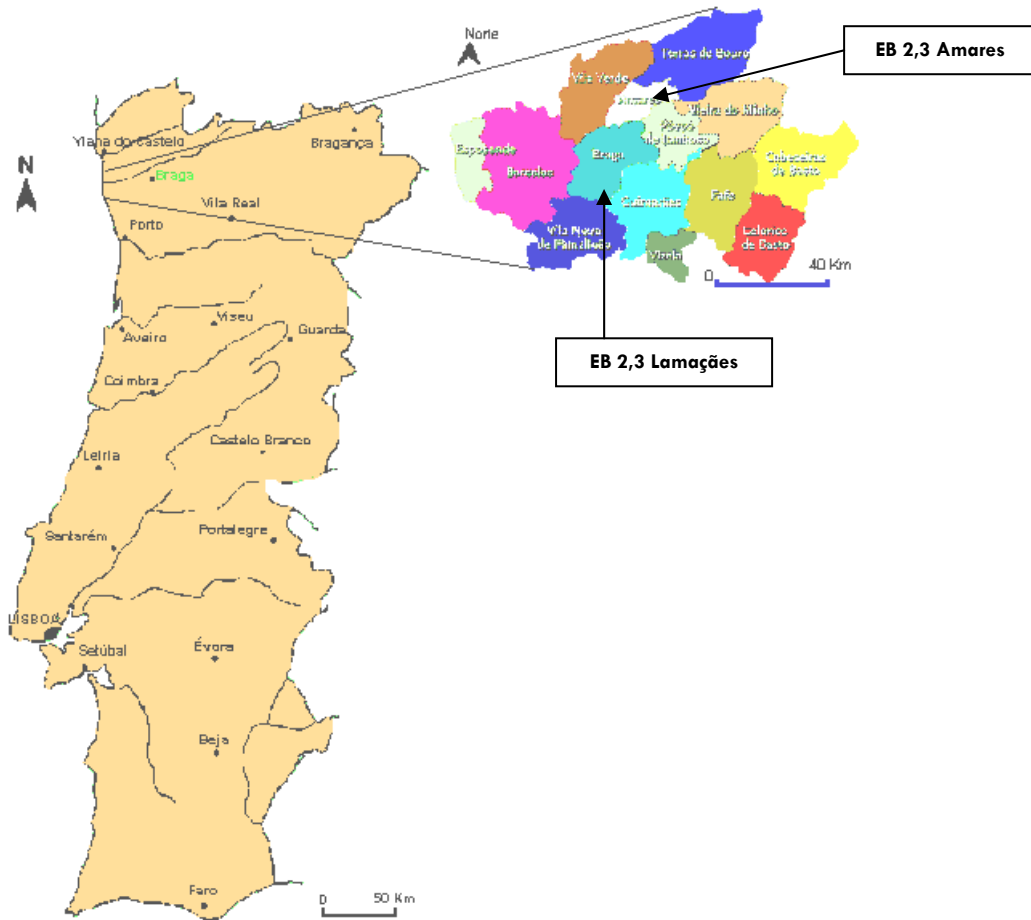
### **3.5.2. Localização geográfica da amostra**

Ambas escolas situam-se no Distrito de Braga, mas apresentam características que as distinguem, uma é mais urbana e a segunda mais rural.

A EB 2,3 de Lamações está situada a este da cidade de Braga, pertence à freguesia de Lamações, concelho e distrito de Braga.

A EB 2,3 de Amares situa-se numa vila do concelho de Amares, distrito de Braga.

Figura 4. Localização geográfica da amostra.



### 3.5.3. Critérios de selecção da Amostra

As questões que se prendem com o cumprimento de prazos e com a disponibilidade foram cruciais para a selecção da amostra. O universo inquirido disponível para a amostragem corresponde, no total, a 513 respondentes escolhidos seguindo o método de amostragem não-casual: amostragem por conveniência ou também designada por amostra accidental. Este método, embora não permita extrapolar para o Universo, uma vez que os resultados se aplicam à amostra, permitem, todavia, servir o propósito desta investigação, não como um fim em si mesma, mas apontando caminhos para aprofundar futuras investigações de maior envergadura.

Contactaram-se escolas onde havia professores conhecidos que eram uma peça-chave para a viabilização do estudo. No entanto, dentro do possível, salvaguardou-se a escolha de escolas com características geográficas e sócio-económicas distintas de modo

a conferir uma maior representatividade e confiança, aquando da análise e conclusões retiradas a partir dos dados obtidos.

### **3.5.4. A dimensão da Amostra**

A EB 2,3 de Lamações tem cerca de 400 alunos no total, a este questionário responderam 333. Apenas não houve resposta de duas turmas de 6º ano (um total de 44 alunos). Relativamente à EB 2,3 de Amares o universo era de 485 alunos, responderam 180 alunos (5º ano – 249 alunos; 6º ano – 236 alunos). Os últimos inquéritos foram recolhidos no dia 15 de Abril, data limite imposta tendo em conta o prazo de entrega da tese que termina a 30 de Maio de 2008.

Não é possível prever com segurança os enviesamentos amostrais que decorram de situações, tais como:

- Ausências (faltar à aula em que o questionário foi aplicado);
- Recusas, mentiras e respostas ao acaso (houve casos em que foi possível detectar a veracidade da resposta e nessas situações as respostas foram consideradas ausentes e num caso foi anulado um questionário por conter respostas que denotavam falta de seriedade ou contrariedade em se prestar a responder ao inquérito).

### **3.5.5. Caracterização da Amostra**

Da amostra constituída pelos 513 indivíduos do 5º e 6º ano do Ensino Básico acima referidos, apresenta-se a caracterização da amostra obtida a partir dos dados pessoais (questões 1 a 5) que se apresentam em formato de tabela e, por vezes, gráfico para que seja fácil a sua percepção e compreensão.

Tendo em conta que os dados obtidos a partir dos questionários são, regra geral, equivalentes, estes serão apresentados e descritos em conjunto, no entanto, em situações que se justifiquem serão inseridas as devidas notas caso estas possam ser relevantes para a investigação.

Verificando-se que em certos casos os inquiridos optaram por não responder o valor de referência será sempre o total de respostas e não o do número de respondentes.

## Idade

Os alunos inquiridos têm idade compreendida entre os 10 e os 14 anos, sendo que a maior percentagem dos alunos que frequentam o 5º e o 6º ano se situa entre os 10 – 11 anos (35,1% e 41,6% respectivamente).

**Tabela 3.** Idade dos inquiridos

Idade	Nº de sujeitos	Percentagem Válida
<b>10</b>	<b>179</b>	<b>35,1%</b>
<b>11</b>	<b>212</b>	<b>41,6%</b>
12	82	16,1%
13	21	4,1%
14	16	3,1%
Não responderam	3	
Total	510	100,0%

No gráfico seguinte pode-se ver a distribuição dos inquiridos se por escola.

**Tabela 4.** Idade dos inquiridos por escola

Idade	Nº de sujeitos		Percentagem Válida	
	EB 2,3 de Lamações	EB 2,3 de Amares	EB 2,3 de Lamações	EB 2,3 de Amares
<b>10</b>	<b>125</b>	<b>54</b>	<b>37,9%</b>	<b>30,0%</b>
<b>11</b>	<b>147</b>	<b>65</b>	<b>44,5%</b>	<b>36,1%</b>
12	46	36	13,9%	20,0%
13	7	14	2,1%	7,8%
14	5	11	1,5%	6,1%
Não responderam	3			
Total	330	180	100,0%	100,0%

## Sexo

A distribuição dos inquiridos por sexo é quase equivalente, verificando-se apenas uma maior presença de alunos do sexo masculino, tendência verificada em ambas as escolas.



**Tabela 5.** Distribuição dos inquiridos por sexo

Sexo	Nº de sujeitos	Percentagem Válida
Masculino	260	51,0%
Feminino	250	49,0%
Não responderam	3	
Total	510	100,0%

**Tabela 6.** Distribuição dos inquiridos por sexo e por escola

Sexo	Nº de sujeitos EB 2,3 de Lamaçães	Percentagem Válida	Nº de sujeitos EB 2,3 de Amares	Percentagem Válida
Masculino	168	50,9%	92	51,1%
Feminino	162	49,1%	88	48,9%
Não responderam	3			
Total	330	100,0%	180	100,0%

## Ano de frequência escolar

Os inquiridos são alunos do 5º e 6º ano de escolaridade, registando-se uma percentagem ligeiramente superior no 5º ano de escolaridade.

**Tabela 7.** Ano de frequência escolar dos inquiridos

Ano de frequência escolar	Nº de sujeitos	Percentagem Válida
5.º Ano	272	53,3%
6.º Ano	238	46,7%
Não responderam	3	
Total	510	100,0%

Esta tendência verifica-se igualmente na EB 2,3 de Lamaçães (5º ano - 56,3%; 6º ano - 43,7%), mas inverte-se na EB 2,3 de Amares (5º ano - 47,8%; 6º ano - 52,2%).

**Tabela 8.** Ano de frequência escolar dos inquiridos

Ano	Nº de sujeitos EB 2,3 de Lamações	Percentagem Válida	Nº de sujeitos EB 2,3 de Amares	Percentagem Válida
5º ano	187	56,3%	85	47,8%
6º ano	145	43,7%	93	52,2%
Não responderam	1		2	
Total	332	100,0%	178	100,0%

### Local de residência

Tendo por base o total da amostra, verifica-se que a maior percentagem de alunos provém da cidade de Braga (54,8%) e os valores que se referem aos que vivem nos arredores de Braga e outras localidades aproximam-se.

**Tabela 9.** Local de residência dos inquiridos

Residência	Nº de sujeitos	Percentagem Válida
Braga – cidade	276	54,8%
Braga – arredores	119	23,6%
Outra localidade	109	21,6%
Não responderam	9	
Total	504	100,0%

A análise desta questão, por escola, permite-nos constatar uma inversão de valores. Como se pode verificar na EB 2,3 de Lamações a maior percentagem de alunos reside na cidade de Braga (83,2%) e uma menor percentagem divide-se pelos arredores de Braga (13,5%) e outras localidades (3,4%). No caso da EB 2,3 de Amares a distribuição é inversa, a maior percentagem de alunos reside em outra localidade (55,4%) e arredores de Braga (42,4%) e uma consideravelmente diminuta reside na cidade de Braga (2,3%).

Estes dados vão ser relevantes para analisar certas frequências retiradas desta investigação e que serão aportadas na devida altura.

**Tabela 10.** Local de residência dos inquiridos por escola

Ano	Nº de sujeitos EB 2,3 de Lamações	Percentagem Válida	Nº de sujeitos EB 2,3 de Amares	Percentagem Válida
Braga – cidade	272	83,2%	4	2,3%
Braga – arredores	44	13,5%	75	42,4%
Outra localidade	11	3,4%	98	55,4%
Não responderam	6		3	
Total	327	100,0%	177	100,0%

## Profissão dos pais

A questão 5 permite a recolha de informação acerca da profissão do pai e da mãe do respondente.

De acordo com a Classificação Nacional das Profissões, para simplificar, agregamos as profissões dos pais dos indivíduos pelos seguintes grupos profissionais:

1. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa
2. Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
3. Técnicos e Profissionais de nível intermédio
4. Pessoal Administrativo e Similares
5. Pessoal dos Serviços e Vendedores
6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas
7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares
8. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem
9. Trabalhadores não qualificados

Acrescentou-se ainda a classificação ‘desempregados’ e ‘não respondeu’.

## Profissão do pai

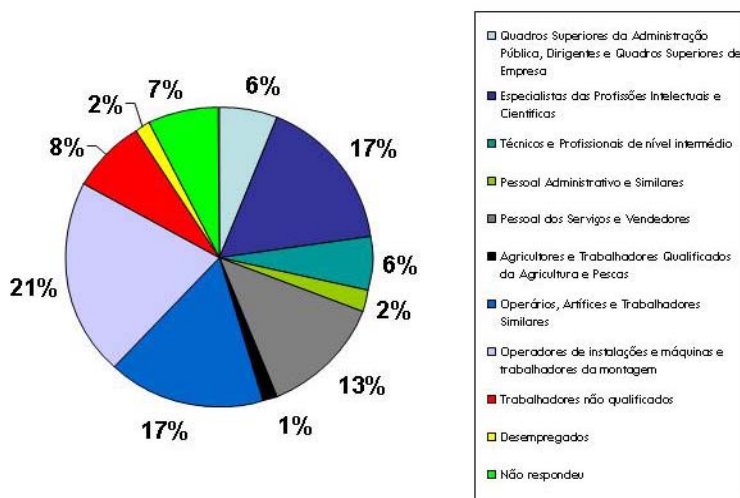
Relativamente aos dados recolhidos sobre a profissão do pai, regista-se que predominam as profissões ligadas aos seguintes grupos profissionais:

- Operários, Artífices e Trabalhadores Similares – 16,7%

- Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas – 16,6%
- Pessoal dos Serviços e Vendedores – 13,2%
- Trabalhadores não qualificados – 7,8%

O quadro que se segue permite a visualização do registo dos vários tipos de profissão que constavam no questionário.

**Gráfico 1.** Dados sobre a profissão do pai

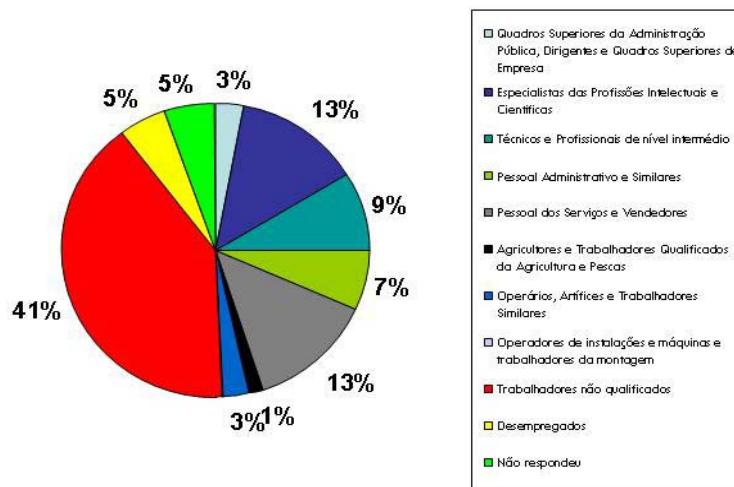


### Profissão da mãe

No que diz respeito aos elementos recolhidos sobre a profissão da mãe, regista-se que sobressaem as profissões ligadas aos seguintes grupos profissionais:

- Trabalhadores não qualificados – 40,3%
- Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas – 13,4%
- Pessoal dos Serviços e Vendedores – 13,3%
- Técnicos e Profissionais de nível intermédio – 8,6%

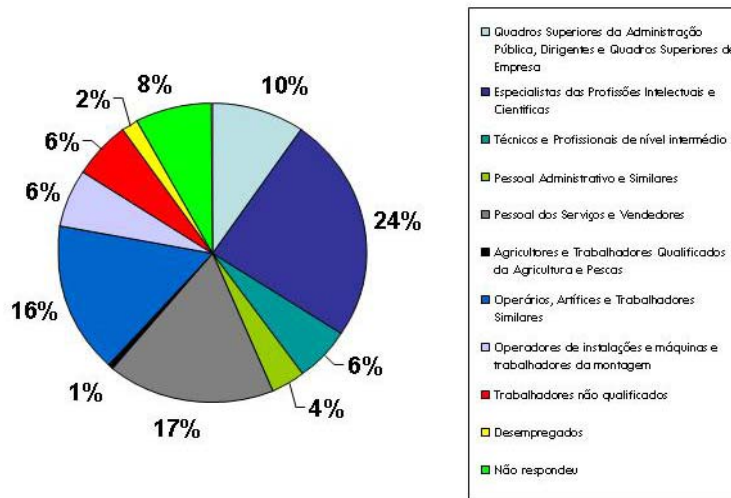
Do quadro seguinte faz a contagem as diversas profissões que constavam das respostas.

**Gráfico 2.** Dados sobre a profissão da mãe

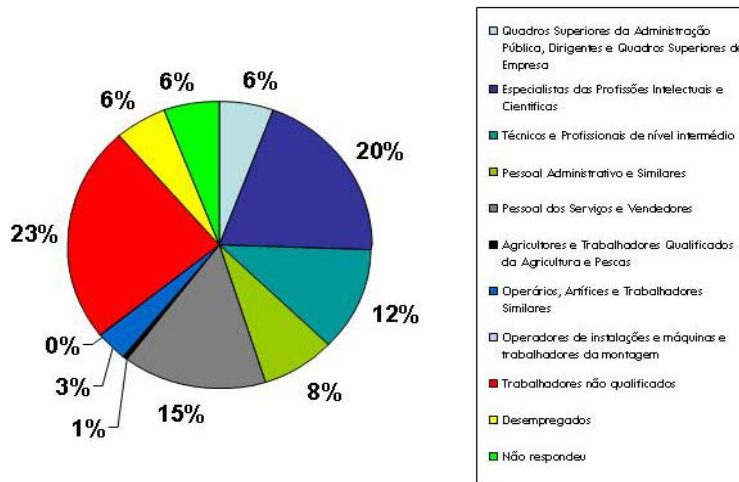
Ao procedermos à análise das respostas a esta questão, por escola, verifica-se que o nível de qualificação e sócio-económico, vai sendo menor à medida que caminhamos para a periferia:

- EB 2,3 de Lamações:
  - No caso do pai, predominam as profissões dentro das categorias: Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas (24,6%); Pessoal dos Serviços e Vendedores (17,4%); Operários, Artífices e Trabalhadores Similares (16,2%).
  - No caso da mãe, predominam as profissões dentro das categorias: Trabalhadores não qualificados (24,7%); Pessoal dos Serviços e Vendedores (15,6%); Técnicos e Profissionais de nível intermédio (11,9%).

**Gráfico 3.** Dados sobre a profissão do pai – EB 2,3 Lamações



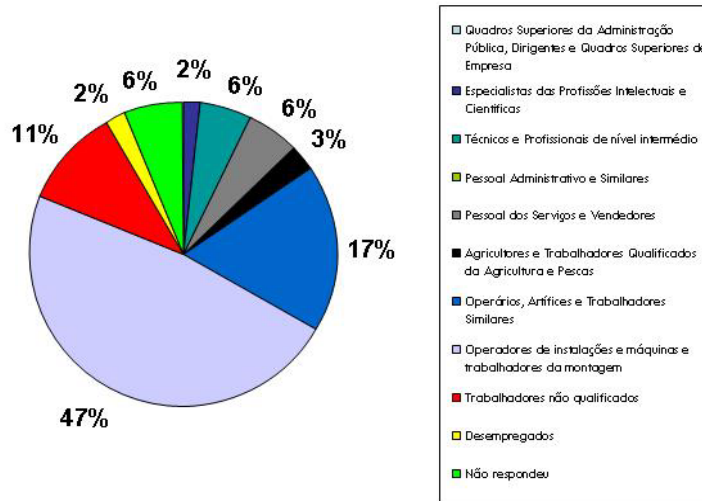
**Gráfico 4.** Dados sobre a profissão da mãe – EB 2,3 Lamações



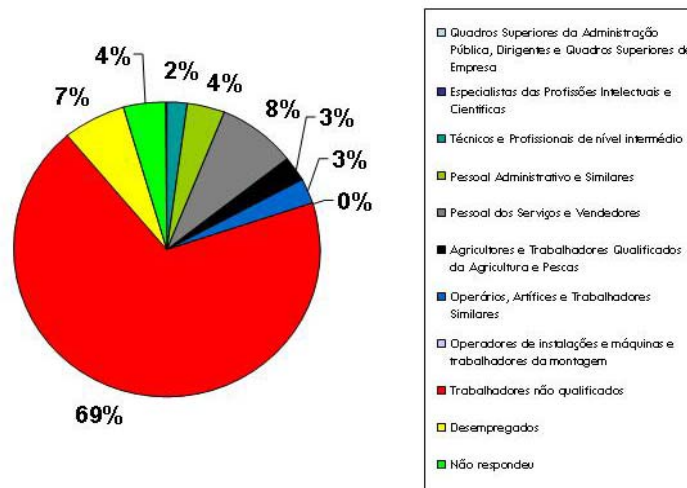
- EB 2,3 de Amares:
  - No caso do pai, predominam as profissões dentro das categorias: Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (47,8%); Operários, Artífices e Trabalhadores Similares (17,8%); Trabalhadores não qualificados (10,6%).

- No caso da mãe, predominam as profissões dentro das categorias: Trabalhadores não qualificados (68,9%); Pessoal dos Serviços e Vendedores (8,3%); Desempregados (6,7%).

**Gráfico 5.** Dados sobre a profissão do pai – EB 2,3 Amares



**Gráfico 6.** Dados sobre a profissão da mãe – EB 2,3 Amares



## **Capítulo 4. Apresentação dos resultados do questionário**

### **4.1. Estatística Descritiva aplicada aos questionários**

#### **4.1.1. O Telemóvel**

#### **4.1.2. O Messenger**

#### **4.1.3. Telemóvel versus Messenger**

### **4.2. Cruzamento de variáveis**

---

---

## **Capítulo 4. Apresentação dos resultados do questionário**

*“As estratégias de raciocínio giram à volta de objectivos, opções de acção, previsões de resultados futuros e planos para a implementação de objectivos em diversas escalas de tempo.”*

António R. Damásio, in O Erro de Descartes

### **4.1. Estatística Descritiva aplicada aos questionários**

Os dados recolhidos por questionário (Anexo II) referem-se a valores expressos pela percentagem válida (*valid percent*) calculada pelo Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), excluindo-se os casos em falta (*missing cases*), eventualmente verificados, bem como a resultados obtidos através do cálculo de percentagens, médias e valores máximos e mínimos. Os resultados obtidos a partir do questionário serão apresentados em gráficos e tabelas para facilitar a leitura dos dados.

A primeira secção do questionário (questões 1. a 5.), foram já tratadas no capítulo 4 – secção 4.5.5., onde se faz a caracterização da amostra.

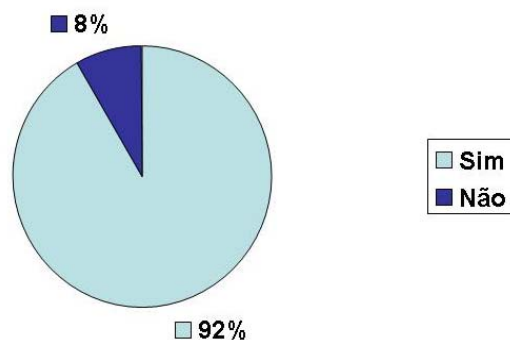
Inicialmente, será feita uma análise, por secção, a partir dos resultados gerais obtidos relativos ao universo total da amostra. Posteriormente, depois de cruzados com as variáveis: sexo, idade, ano de frequência e escola, serão descritos os dados que se revelarem de significado e interesse para os objectivos traçados nesta investigação.



#### 4.1.1. O Telemóvel

A partir do estudo efectuado, verifica-se que a taxa de inserção do telemóvel entre a população do 5º e 6º anos de escolaridade das escolas EB 2,3 de Lamações e de Amares, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos de idade, ronda os 92%. Tendo em conta que o número de telemóveis entre a população portuguesa tem aumentado exponencialmente, aproximando-se em quantidade ao número total habitantes de Portugal, como já foi referido anteriormente (capítulo 2.), comprova-se nesta percentagem que os mais jovens estão já incluídos nesta tendência, sendo inclusive, o grupo-alvo preferencial das campanhas publicitárias promovidas, actualmente, pelos diferentes operadores, quer como potenciais clientes, quer como líderes de opinião junto dos adultos.

**Gráfico 7.** Possuir telemóvel

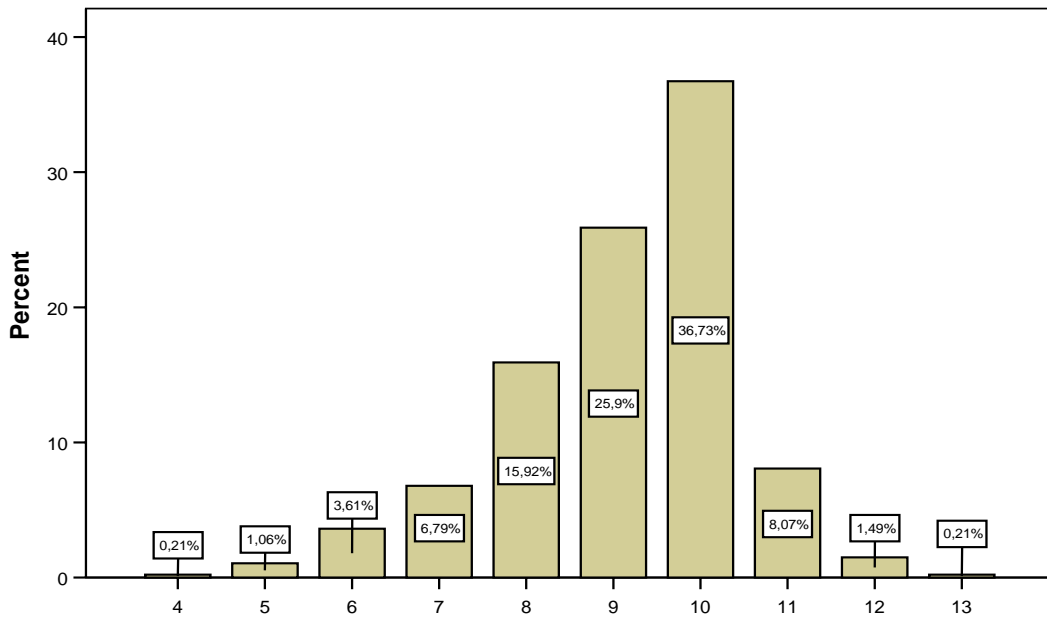


No que diz respeito à idade com que os inquiridos tiveram o primeiro telemóvel, observa-se que oscila entre o valor mínimo dos 4 anos e o valor máximo de 13 anos de idade. São pouco significativos os valores registados quer entre os 4 e 5 anos de idade, quer entre os 12 e os 13 anos. As idades que registam os valores mais elevados coincidem com a entrada para a escola, altura em que os pais optam por dar telemóvel aos filhos. Ou seja, a partir dos 6 anos verifica-se que há uma evolução ascendente dos valores que se prolonga até aos 10 anos, registando-se um acentuado decréscimo a partir dos 11 anos.

O valor médio da idade com que têm o primeiro telemóvel situa-se entre os 9 e os 10 anos, respectivamente com 25,9% e 36,7%, o que coincide com a entrada no 2º ciclo do ensino básico. Nestas idades, as crianças ganham uma maior autonomia e

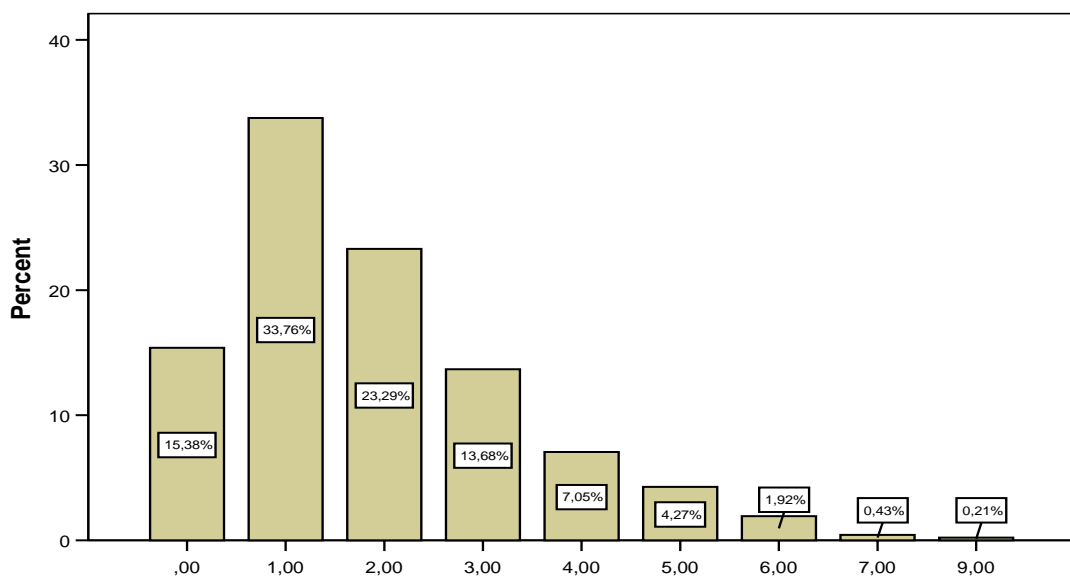
independência, já que passam mais tempo fora de casa em saídas com os amigos ou envolvidos em actividades extracurriculares, fugindo, desta forma, ao controlo presencial dos pais. O telemóvel surge como o cordão umbilical que liga os filhos aos pais. O telemóvel é utilizado não só como elo familiar, mas também na manutenção das relações de amizade com os seus pares.

**Gráfico 8.** Idade em que tiveram o primeiro telemóvel



De seguida, cruzou-se a idade com que teve telemóvel pela primeira vez com a variável 'idade' para apurar há quantos anos têm telemóvel. Conclui-se que, no geral, têm telemóvel há 1-2 anos.

**Gráfico 9.** Há quantos anos tem telemóvel



Para recolher a opinião que os indivíduos têm acerca da importância de ter telemóvel, optou-se por questões de carácter qualitativo, cujas respostas são escolhidas a partir de um conjunto de alternativas dadas *a priori*.

Para dar maior liberdade de resposta incluiu-se, ainda, a hipótese de resposta 'Outra. Qual?'

A partir das premissas colocadas, aferiu-se que:

1. O telemóvel enquanto mediador entre o utilizador, família e amigos:
  - É 'muito importante' para que os pais os possam contactar (64,6%) e é ainda mais importante enquanto meio para contactar alguém em caso de acontecer alguma coisa (82,6%);
  - É 'importante' já que permite falar com os amigos sempre que querem (47,6%) e para estar contactável para os amigos sempre que estes querem (47,4%).
2. Relação utilizador-telemóvel
  - 33% dos inquiridos consideram 'pouco importante' o telemóvel como companhia, o que talvez signifique que o telemóvel não ocupa um lugar tão central no seu quotidiano quando se pensaria; no entanto, para 28,2% o telemóvel é 'importante' como companhia e para 24,9% tal não é 'nada importante'.
3. Utilidade versus funcionalidade
  - O facto de o telemóvel permitir guardar fotos ou mensagens especiais regista valores aproximados na categoria 'importante' (40,2%) e 'muito importante' (37,5%);
  - A utilidade das funções extra comunicacionais, ou seja, relógio, agenda, mp3, máquina fotográfica também é valorizada, sendo que 40,2% consideram 'importante' e 30,1% 'muito importante'.
4. 'Outra. Qual? '
  - Foram apontadas as seguintes razões: jogar ('nada ou pouco importante'), mandar mensagens e aceder à Internet ('importante') e falar com familiares e amigos que estão distantes ('muito importante').

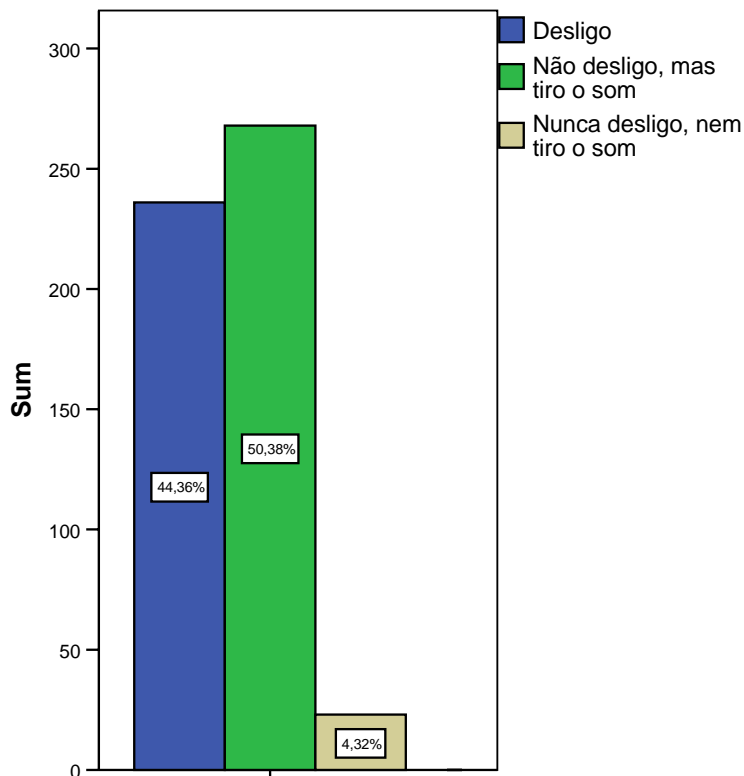
Segue-se o quadro com as percentagens registadas dentro das categorias: 'Muito importante'; 'Importante'; 'Pouco importante' e 'Nada importante'. Destacam-se a amarelo, para cada sentença, o valor mais alto de preferência registado.

**Quadro 5.** Sobre a importância de ter telemóvel

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Assim, os meus pais podem contactar-me sempre que queiram	64,6%	33,0%	1,4%	1,0%
Se me acontecer alguma coisa, posso telefonar a alguém	82,6%	16,4%	0,4%	0,6%
Me permite falar com os meus amigos sempre que quero	18,4%	47,6%	28,2%	5,8%
O telemóvel é uma companhia	14,0%	28,2%	33,0%	24,9%
Os meus amigos podem falar comigo quando quiserem	21,2%	47,4%	26,8%	4,6%
Permite guardar recordações como fotos e mensagens especiais	37,5%	40,2%	15,5%	6,8%
Porque uso o telemóvel como relógio, leitor de mp3, agenda, máquina fotográfica....	30,1%	38,6%	20,8%	10,5%
Outra. Qual? _____	44,4%	25,9%	22,2%	7,4%

Para apurar se os respondentes desligam, ou não, o telemóvel e em que circunstâncias o fazem, colocou-se uma questão de escolha múltipla. 58,3% dos inquiridos respondeu que não desliga o telemóvel, mas tira o som; 44,36% desliga o telemóvel e apenas 4,32% não desliga nem tira o som ao telemóvel em nenhuma circunstância.

**Gráfico 10.** Desligar ou não o telemóvel



Após escolherem a opção pretendida, apenas as para as alternativas ‘Desligo’ e ‘Não desligo, mas tiro o som’ os indivíduos tinham que responder em que situações o fazem.

Os inquiridos desligam o telemóvel nas seguintes situações: ‘nas aulas’ (67,5%); ‘quando estão a dormir’ (16,6%); 7,1% em ‘locais que exigem silêncio’ (igreja, biblioteca, avião, hospital, cinema...); ‘quando o telemóvel está sem bateria’ (7,1%) e ‘outras situações’ (5%), tais como: ‘quando é preciso’, ‘quando não querem ser chateados’ ou ‘quando apetece’.

**Tabela 11.** Em que situação desligam o telemóvel

<b>Quando desliga?</b>	<b>% Válida</b>
Aulas	67,5%
Dormir	16,6%
Locais que não permitem barulho	7,1%
Sem bateria	7,1%
Outras situações	5%

Os respondentes tiram o som ao telemóvel nas seguintes circunstâncias: 78% ‘nas aulas’; 15% ‘locais ou situações em que não é permitido fazer barulho’ (missa, igreja, catequese, cerimónias, cinema, teatro, hospital, biblioteca) e 6% referiu ‘outras situações’ como: ‘em casa’, ‘estudar’, ‘durante as refeições’ e quando vai ‘dormir’.

**Tabela 12.** Em que situação tira o som ao telemóvel

<b>Quando tiram o som?</b>	<b>% Válida</b>
Aulas	78%
Locais que não permitem barulho	15%
Outras situações	6%

Tendo em conta a forma como o telemóvel conquistou os mais jovens, e com o intuito de perceber o laço que liga estes jovens ao pequeno aparelho que mudou as rotinas diárias, colocou-se a seguinte questão: “Certamente já te aconteceu ficar sem telemóvel, porque por exemplo ficaste sem saldo ou sem bateria... O que sentiste nesse momento?”. Como opção de resposta, à questão de escolha múltipla, foram colocados sentimentos positivos, negativos e neutros de forma a perceber se esta tecnologia

influencia, ou não, altera, ou não, o estado de espírito do utilizador. Assim, averigua-se que: 42% reage com 'indiferença' a tal imprevisto seguidamente, as maiores percentagens concentram-se em sentimentos negativos como: 'tristeza' (31,5%), 'desespero' (23,5%) e 'tédio' (14,8%); por fim são bem menos visíveis as percentagens de respostas associadas a sentimentos positivos como: 'alívio' (2,4%), 'liberdade' (2%) e 'alegria' (1,3%).

**Tabela 13.** O que sentem quando ficam sem telemóvel

Sentimentos	% Válida
Indiferença	42,0%
Tristeza	31,5%
Desespero	23,5%
Tédio	14,8%
Outra	12,2%
Alívio	2,4%
Liberdade	2,0%
Alegria	1,3%

Como estratégia para cobrir outros sentimentos que não os previstos, colocou-se como opção 'Outro. Qual?'. 12,2% dos respondentes escolheram esta alternativa. Os sentimentos enunciados foram: nada/normal (37%); medo/aflição (14%) aborrecimento (14%); nervosismo/preocupação (10,5%); solidão/insegurança (8,8%); 8,7% respondeu vários (incontactável, dependente, vergonha) e raiva (7%). Afere-se que, de novo, o sentimento neutro se destaca, em primeiro lugar, sugerindo que estes jovens não são dependentes do telemóvel, mas depois surgem espelhados sentimentos como: 'medo/aflição'; 'aborrecimento'; 'nervosismo/preocupação'; 'solidão/insegurança'.

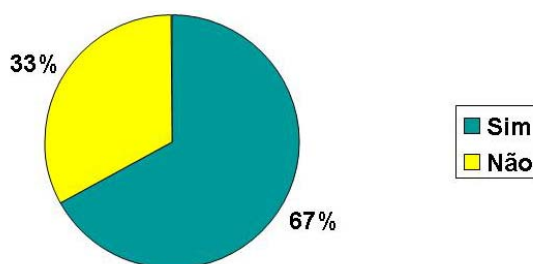
**Tabela 14.** Ficar sem telemóvel. Outro. Qual?

Outros Sentimentos	% Válida
Nada/Normal	37%
Medo/Aflição	14%
Aborrecimento	14%
Nervosismo/ Preocupação	10,4%
Solidão/Insegurança	8,8%
Vários	8,8%
Raiva	7%

### 4.1.2. O Messenger

Relativamente ao serviço de conversação instantânea, 67% dos inquiridos tem Messenger. Esta percentagem revela a popularidade que o serviço de conversação Messenger já representa entre os mais jovens.

**Gráfico 11.** Possuir Messenger



Indagados sobre quando usam Messenger, 29,6% respondeu 'no fim-de-semana'; 25,2% apenas 'quando os pais autorizam'; e 22,9% 'todos os dias'. 19,9% usam o Messenger 'à noite' e 7% 'na escola'; atente-se que 30% dos inquiridos preferiu escolher, como resposta, 'outra situação'.

**Tabela 15.** Quando utilizam o Messenger

Quando utiliza	% Válida
Outra situação	30%
No fim-de-semana	29,6%
Quando os meus pais autorizam	25,2%
Todos os dias	22,9%
À noite	19,9%
Na escola	7%
Outra situação	30%

Dentro da opção 'outra situação', foram apontadas como alternativas: 'quando apetece' (21%); 'às vezes' (20%); 'à semana' (13%); 'depois da escola' (12%); 'raramente' (10%); 'quando tenho tempo' (9%); 'quando posso' (7%); 'nas férias' (4%) e 'tenho, mas nunca usei' (4%).

**Tabela 16.** Quando utilizam o Messenger. Outra. Qual?

<b>Outra situação</b>	<b>% Válida</b>
Quando apetece	21%
Às vezes	20%
À semana	13%
Depois da escola	12%
Raramente	10%
Quando tenho tempo	9%
Quando posso	7%
Nas férias	4%
Tenho, mas nunca usei	4%

Para recolher a opinião que os respondentes têm acerca da importância do uso do Messenger, disponibilizou-se um leque de questões de carácter qualitativo, cujas respostas são escolhidas a partir de um conjunto de alternativas fornecidas.

Para dar alguma liberdade de resposta ao inquirido inclui-se, ainda, a hipótese de resposta ‘Outra. Qual?’.

A partir das premissas colocadas, concluiu-se que:

1. O Messenger enquanto meio de comunicação/conversação:

- É ‘importante’ para 44,4% dos inquiridos, já que permite falar com várias pessoas ao mesmo tempo;
- 43% consideram-no ‘importante’ dado que permite conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo;
- 41,2% classifica o serviço de conversação ‘importante’, porque é parecido com uma conversa a sério;
- Para 42,1% é ‘muito importante’ porque é mais barato que o telemóvel;

2. As funcionalidades e utilidade do Messenger:

- 51,2% considera este serviço ‘muito importante’ para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola;
- Para 35,4% o Messenger é ‘importante’ porque é divertido (recursos ao *smiles*, fotos, cor de letra...).
- É ‘importante’ (38,6%) e ‘muito importante’ (37,85%) o facto de o Messenger permitir a partilha de informação, fotos, documentos, músicas e vídeos...



## 3. 'Outra. Qual?'

- Para 75% dos inquiridos o Messenger é 'muito importante' porque permite: falar com amigos e familiares distantes; desabafar com amigos; manter contactos; jogar com os amigos; falar com pessoas de outros países sem pagar; fazer novos amigos; enviar trabalhos aos professores; poder conversar sem conhecimento dos pais; não precisar de sair de casa para estar e falar com os amigos.

Segue-se o quadro com as percentagens registadas por resposta e categoria desde 'Muito Importante' a 'Nada importante', onde se destacou a amarelo, para cada item, o valor mais alto obtido.

**Quadro 6.** Sobre a importância de ter Messenger

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Posso falar com várias pessoas ao mesmo tempo	31,2%	44,4%	16,9%	7,5%
Uso para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola	51,2%	37,7%	5,2%	5,9%
Posso conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo	31,8%	43%	17,5%	7,8%
É divertido (com os smiles, fotos, cor de letra...)	24,8%	35,4%	27,4%	12,4%
É parecido com uma conversa a sério	24,4%	41,2%	23,3%	11,1%P
É mais barato do que o telemóvel	42,1%	30,7%	14%	13,2%
Permite partilhar informação: fotos, documentos, músicas, vídeos...	37,8%	38,6%	15,2%	8,4%
Outra. Qual? _____	75%	21,4%	0%	3,6%

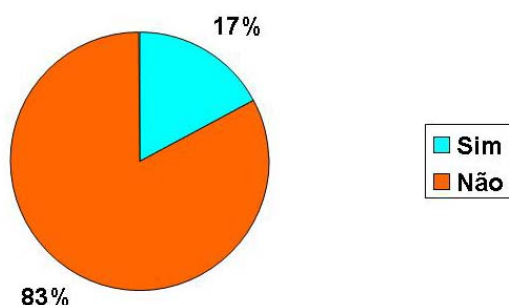
Acerca do número de contactos que os respondentes têm no Messenger, verificamos que o valor mais baixo é 1 e o mais alto é 1000. Porque não se atribui fidelidade ao número máximo apontado, achou-se a média deste resultado. O número médio é de 52 contactos por inquirido. Da mesma forma, sendo que o número de contactos com que os respondentes falam regularmente varia entre 1 e 1000, achou-se novamente a média. Assim, os inquiridos, em média, "conversam", via Messenger, com 18 contactos.

Daqui resulta que, em regra, estes jovens têm mais contactos no seu Messenger muito além do número com que fala regularmente. O mesmo sucede na vida real, seria

interessante aprofundar esta questão, no futuro, de forma a apurar que critérios utilizam para classificar os seus contactos e descobrir porque é que o número de contactos parece ser tão importante, uma vez que o número real daqueles que contactam regularmente é significativamente inferior.

No seguimento destas questões, questionou-se se dos contactos que têm no Messenger alguns tinham sido obtidos através da Internet. 17% dos inquiridos confirmou que sim. Este é um número considerável tendo em conta as idades dos indivíduos, o que pode reflectir já uma actividade consistente no ciberespaço.

**Gráfico 12.** Contactos do Messenger que conheceu via Internet



Quando não gostam da atitude de uma pessoa no Messenger, 42,6% dos respondentes apenas bloqueia o contacto; 25,7% não faz nada; 24,6% bloqueia e exclui; e 8% apenas exclui o contacto.

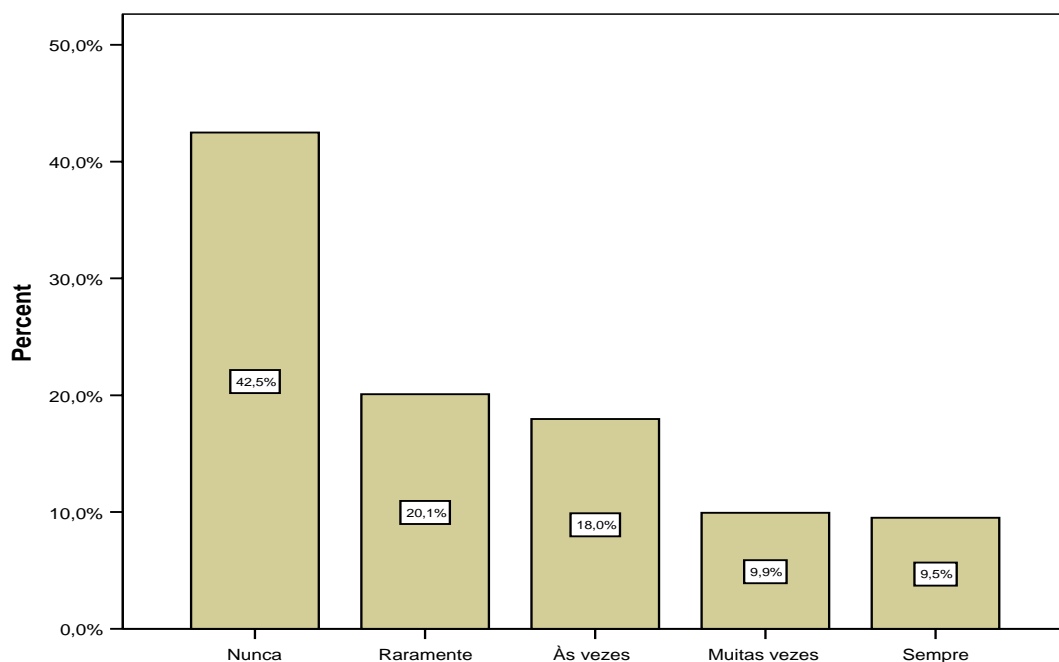
**Tabela 17.** Como procede quando não gosta do comportamento de uma pessoa no Messenger

Atitude no Messenger	% Válida
Apenas bloqueio	42,6%
Não faço nada	25,7%
Bloqueio e excluo	24,6%
Apenas excluo	8%

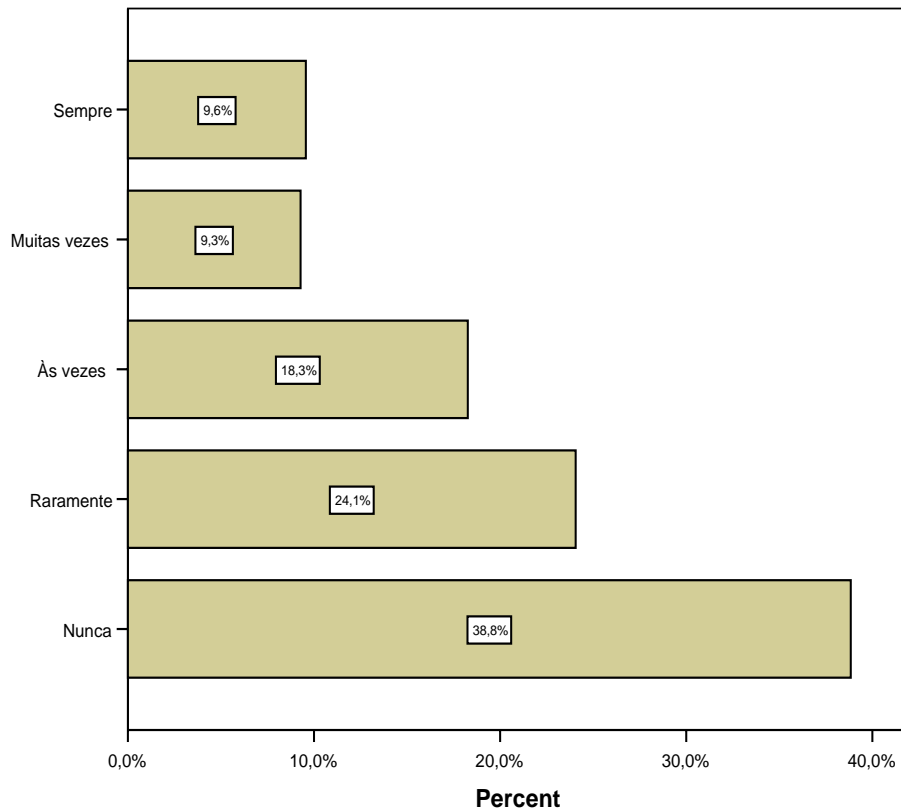
### 4.1.3. Telemóvel e Messenger

Relativamente ao controlo que os pais fazem acerca do tempo de uso do telemóvel, 42,5% dos inquiridos refere 'nunca' ter sentido esse controlo; 20,1% respondeu 'raramente'; 18% 'às vezes'; 9,9% 'muitas vezes' e 9,5% afirmam sentir-se 'sempre' controlado.

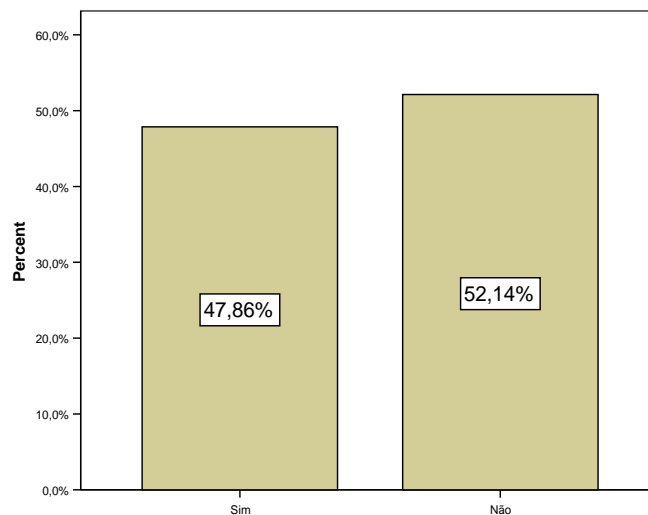
**Gráfico 13.** Controlo dos pais ao tempo de uso do telemóvel

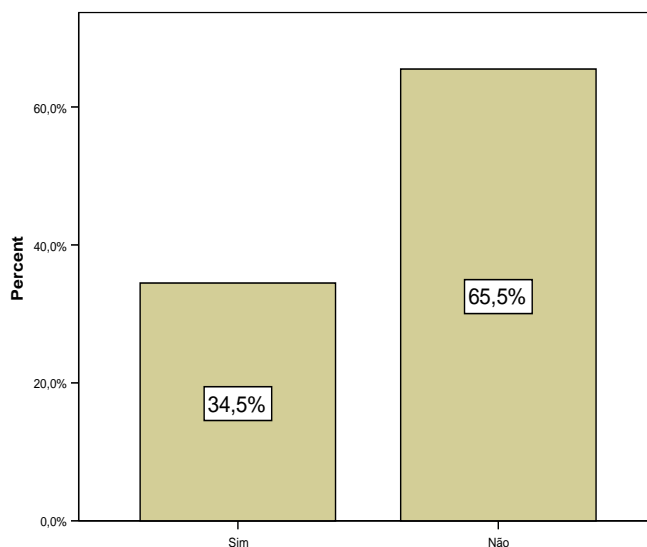


No que toca ao controlo que os pais fazem acerca do tempo de uso do Messenger, regista-se a mesma tendência do que acontece com o telemóvel. Assim, 38,8% dos respondentes 'nunca' sentem o controlo dos pais; 24,1% 'raramente' sentem que os pais controlam o uso do Messenger; 18,3% respondeu sentir 'às vezes'; 9,6% afirmam sentir-se 'sempre' controlados e apenas 9,3% refere 'muitas vezes'. De acordo com o próximo gráfico verifica-se haver uma discrepância de valores entre o 'nunca' e o 'sempre'.

**Gráfico 14.** Controlo dos pais ao uso do Messenger

47,9% dos inquiridos afirma ser dependente do telemóvel, enquanto que 34,5% se consideram dependentes do Messenger. Face a estes números podemos concluir que em ambos os casos o número dos que não se consideram dependentes é superior aos que se consideram dependentes do telemóvel e Messenger; percentualmente regista-se um maior grau de dependência face ao telemóvel do que em relação ao Messenger.

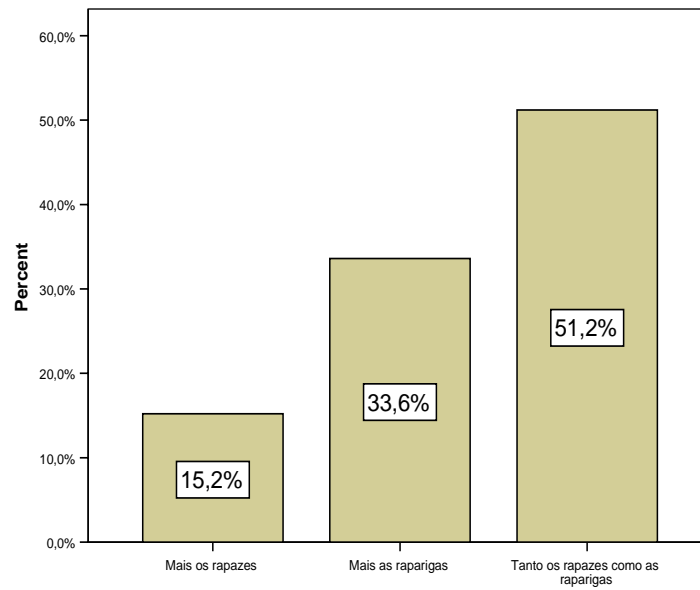
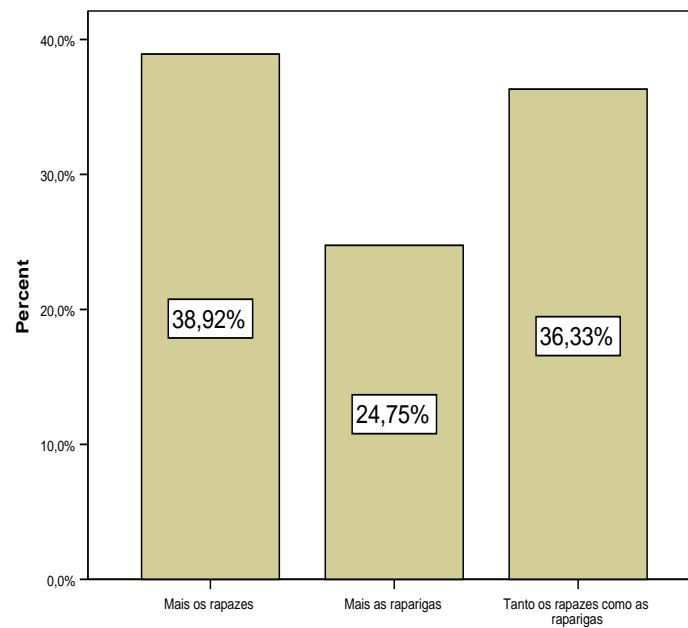
**Gráfico 15.** Dependência do telemóvel

**Gráfico 16.** Dependência do Messenger

Acerca de como os indivíduos vêem os seus pares no que toca ao grau de dependência do telemóvel, descobrimos que:

- Para 51,2% dos respondentes, rapazes e raparigas são igualmente dependentes do telemóvel;
- 33,6% considera que as raparigas são mais dependentes do telemóvel;
- 15,2% que considera serem os rapazes mais dependentes do telefone celular.

Relativamente ao uso das funções do telemóvel a maior parte atribui aos rapazes uma maior fluência no uso (38,9%) e logo a seguir, 36,3% consideram ser tantos os rapazes como as raparigas. Já 24,8% opina que as raparigas são mais fluentes no uso das funções do telemóvel.

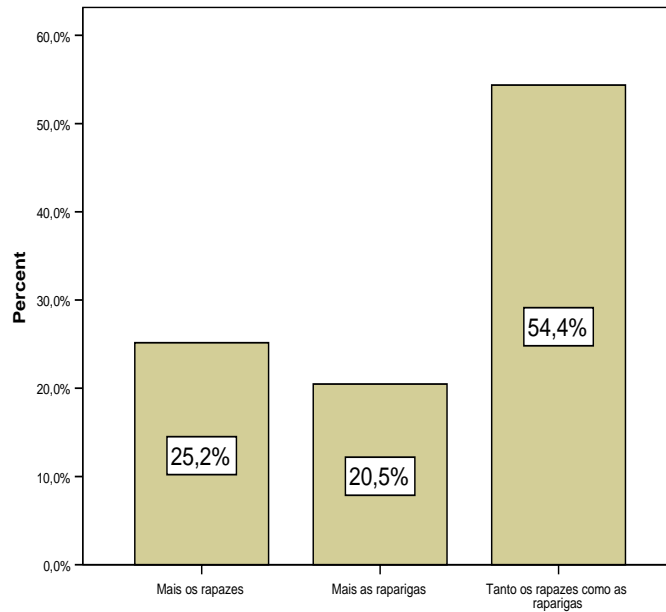
**Gráfico 17.** Quem é mais dependente do telemóvel**Gráfico 18.** Quem utiliza melhor as funções do telemóvel

Relativamente ao grau de dependência do Messenger:

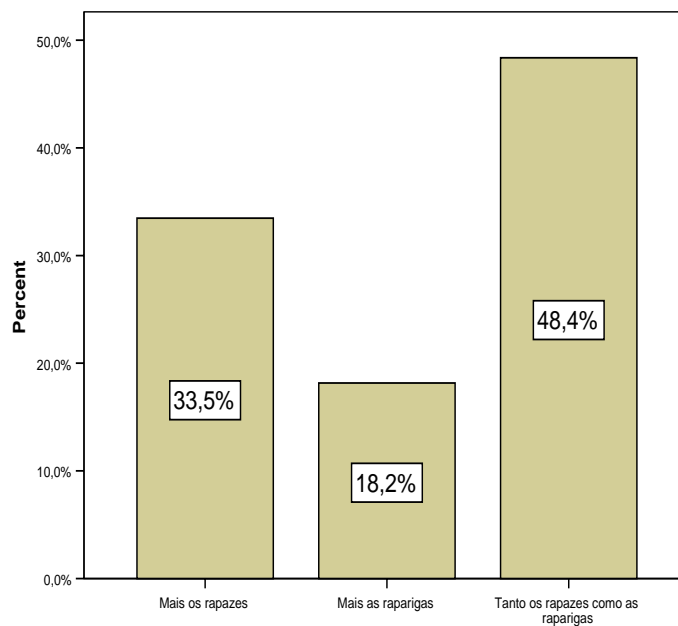
- 54,4% considera serem tão dependentes rapazes como raparigas;
- 25,2% defendem ser os rapazes;
- 20,5% consideram serem as raparigas as mais dependentes do serviço de conversação.

Os respondentes acham que rapazes e raparigas são fluentes no uso das funções do Messenger (48,4%); 33,5% é de opinião que são mais fluentes os rapazes contra 18,2% que considera serem as raparigas.

**Gráfico 19.** Quem é mais dependente do Messenger



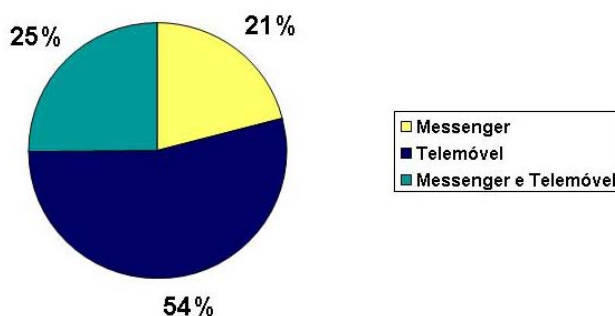
**Gráfico 20.** Quem utiliza melhor as funções do Messenger



Os respondentes quando conhecem alguém, como contacto, fornecem o número de telemóvel (53,8%); enquanto que 25,3% dá o contacto de Messenger e telemóvel e 21% o endereço do Messenger.

Nestes casos parecem não se colocar os problemas em relação às tecnologias, que tantas vezes eram apresentados na investigação, mostrando os rapazes como sendo mais aptos para a utilização dos computadores do que as raparigas. Embora esse não fosse o objectivo principal desta investigação, é sempre interessante observar-se mudanças relativas ao género.

**Gráfico 21.** 1º contacto que cedem



## 4.2. Cruzamento de variáveis

O cruzamento de dados com as variáveis: sexo, idade, ano de frequência e escola permitem fazer algumas considerações importantes para este estudo. Assim, serão focados os resultados que acrescentam algum significado aos dados do universo total da amostra.

### Questão: Quando é que desligas o telemóvel?

#### Ano de frequência

58,26% dos indivíduos do 5º ano desligam o telemóvel, enquanto que apenas 43,5% dos do 6º ano o fazem, optando por tirar o som. Curiosamente, 6,22% dos inquiridos do 5º ano afirma não desligar nunca o telemóvel, percentagem que desce para os 3,6% entre os respondentes que frequentam o 6º ano.

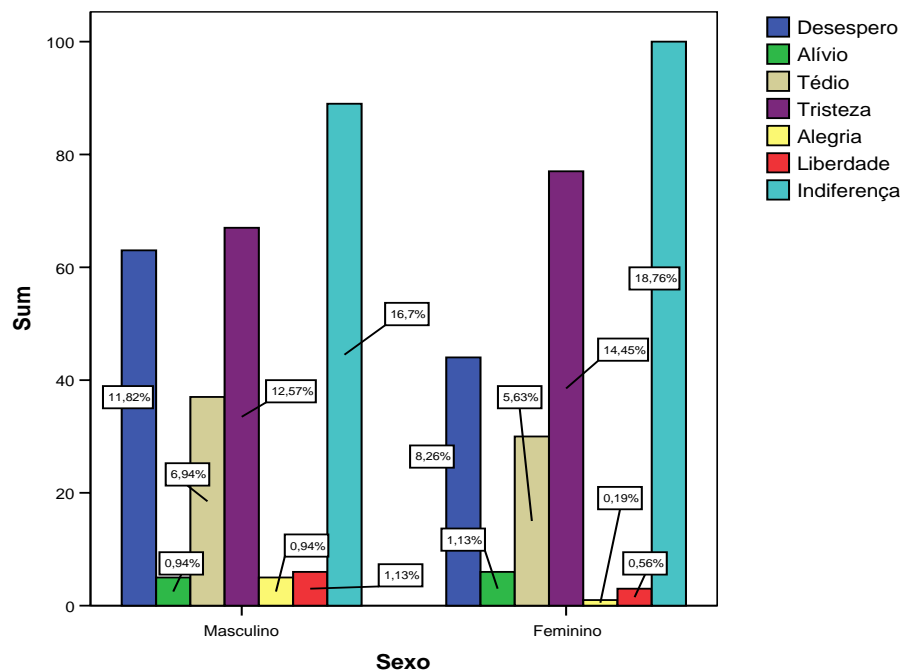


**Questão: Certamente já te aconteceu ficar sem telemóvel, porque por exemplo ficaste sem saldo ou sem bateria... O que sentiste nesse momento?**

### Sexo

Em situação de estar sem telemóvel, por motivo de ficar sem saldo ou sem bateria, as raparigas sentem: 'indiferença' (18,76%); 'tristeza' (14,45%); 'desespero' (8,29%); 'tédio' (5,63%); 'alívio' (1,13%); 'liberdade' (0,56%) e 'alegria' (0,19%). Por sua vez, os rapazes expressam os sentimentos: 'indiferença' (16,7%); 'tristeza' (12,57%); 'desespero' (11,82%); 'tédio' (6,94%); 'liberdade' (1,13%); 'alívio' e 'alegria' (0,94%). Ambos os sexos revelam o mesmo tipo de sentimentos em similar situação, no entanto, entre as raparigas regista-se uma maior 'indiferença' e 'tristeza', e os rapazes sentem um maior 'desespero' e 'tédio'.

**Gráfico 22.** Ficar sem telemóvel\_variável sexo

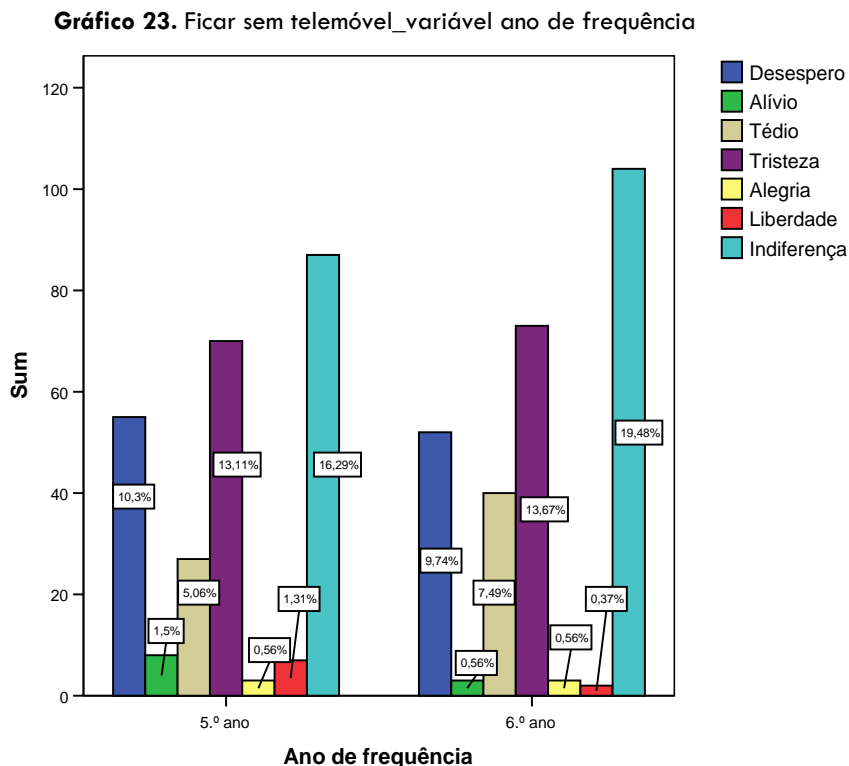


### Ano de frequência

Para a mesma situação, os indivíduos que frequentam o 5º ano sentem: 'indiferença' (16,29%); 'tristeza' (13,11%); 'desespero' (10,3%); 'tédio' (5,06%); 'alívio' (1,5%); 'liberdade' (1,31%) e 'alegria' (0,56%). Por sua vez, os do 6º ano indicam os sentimentos: 'indiferença' (19,48%); 'tristeza' (13,67%); 'desespero' (9,74%); 'tédio' (5,06%); 'alívio' e 'alegria' (0,56%) e 'liberdade' (0,37%). Apesar de revelarem o mesmo tipo de sentimentos em similar situação, os alunos do 6º ano apresentam valores

mais altos na 'indiferença' e 'tristeza', os do 5º ano têm valores mais elevados de 'desespero' e 'tédio'.

Estes resultados são idênticos aos apresentados para a variável 'sexo'.



### Questão: Tens Messenger?

#### Ano de frequência

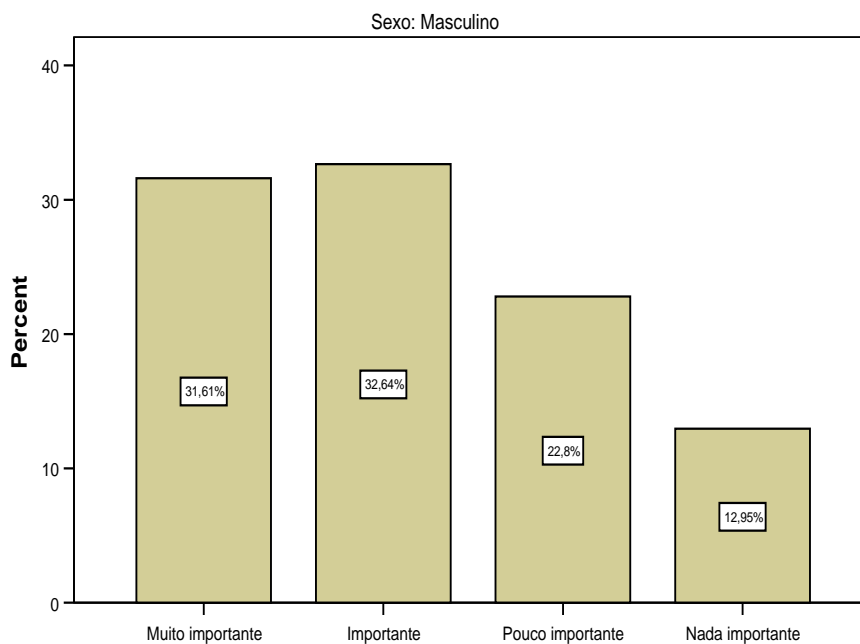
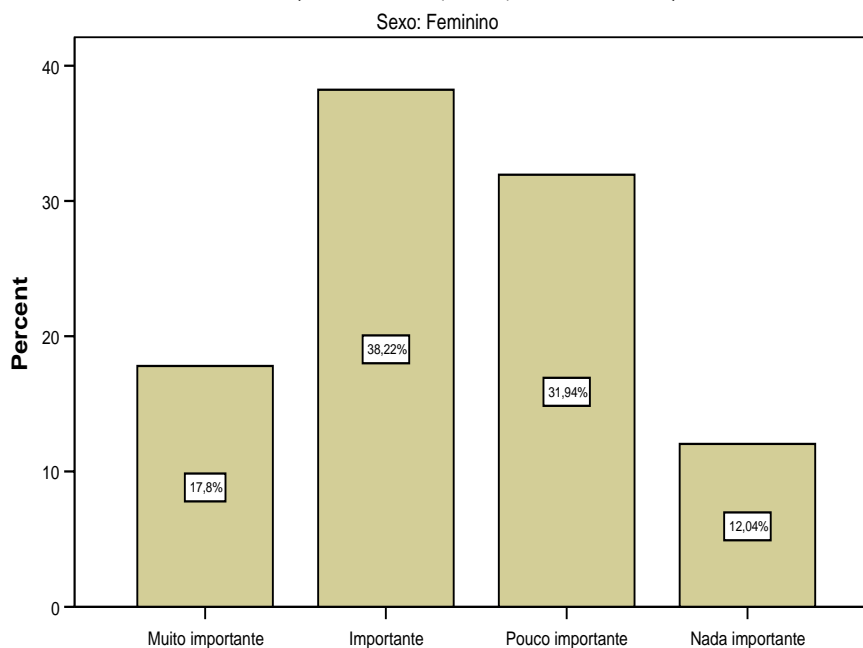
A percentagem de alunos com Messenger é superior entre os alunos do 6º ano (5º ano – 61,34%; 6º ano – 73,42%).

#### Escola

É consideravelmente superior a percentagem de alunos que tem Messenger entre os alunos da EB 2,3 de Lamações (75,76%) em comparação com a EB 2,3 de Amares (50,84%).

**Questão: Na tua opinião, o Messenger é importante porque...****Sexo**

Quanto à opinião acerca do Messenger, os rapazes valorizam mais do que as raparigas da personalização do Messenger através de fotos, *smiles* e cor de letra, bem como a possibilidade de partilha de informação, fotos, documentos, músicas e vídeos.

**Gráfico 24.** É divertido (com os smiles, fotos, cor de letra...)\_sexo masculino**Gráfico 25.** É divertido (com os smiles, fotos, cor de letra...)\_sexo feminino

**Questão: Algum desses contactos conhecestes via Internet?**

**Sexo**

20,69% de rapazes e 13,58% de raparigas responderam que alguns dos seus contactos do Messenger são pessoas que conheceram na Internet.

**Escola**

De acordo com os dados do questionário, 21,98% indivíduos da EB 2,3 de Amares e 15,38% da EB 2,3 de Lamações têm contacto, através do Messenger, com pessoas que conheceram, via Internet.

**Questão: Consideras-te dependente do telemóvel e do Messenger?**

**Sexo**

Apenas existem diferenças significativas relativamente a rapazes e raparigas no que diz respeito à dependência do Messenger. Os rapazes (38,76%) são ligeiramente mais dependentes do serviço de conversação instantânea do que as raparigas (30,3%).

**Ano de frequência**

Quanto ao grau de dependência, verifica-se que, apesar, de obtermos valores aproximados, os indivíduos do 6º ano (50%) são mais dependentes do telemóvel do que os do 5º ano (46,03%).

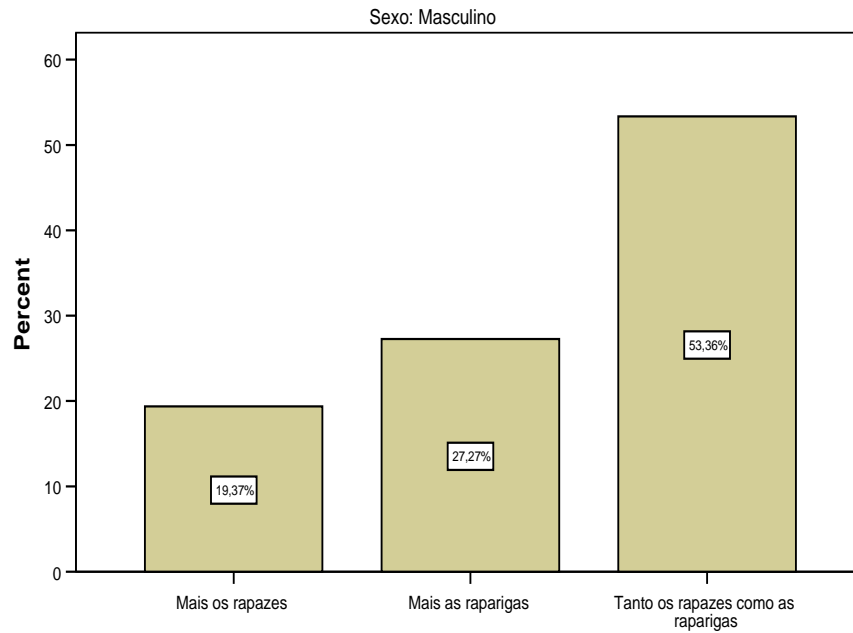
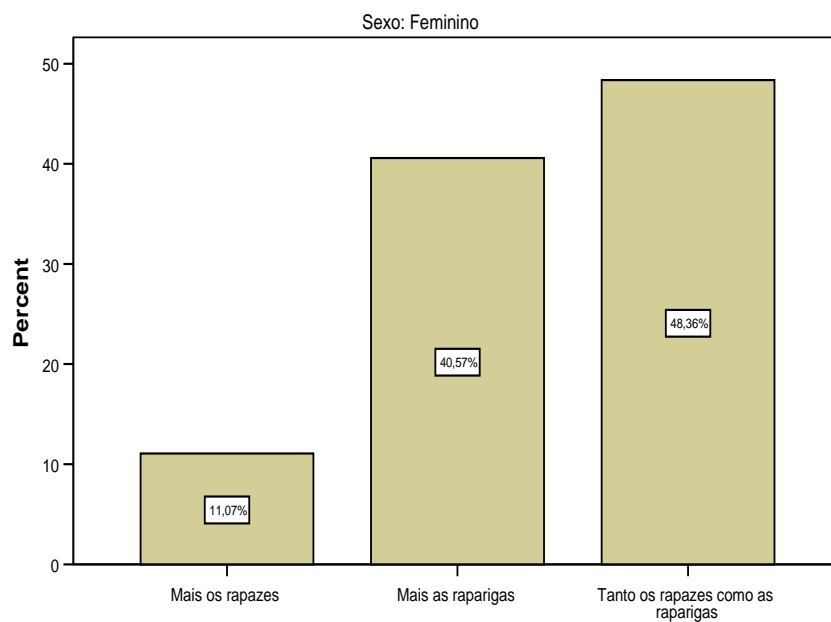
**Escola**

44,3% dos alunos de Lamações diz-se dependente do telemóvel, número inferior aos 54,66% da escola de Amares. Relativamente ao Messenger, são mais dependentes os alunos da escola de Amares (42,39%) do que os da escola de Lamações (31,62%).

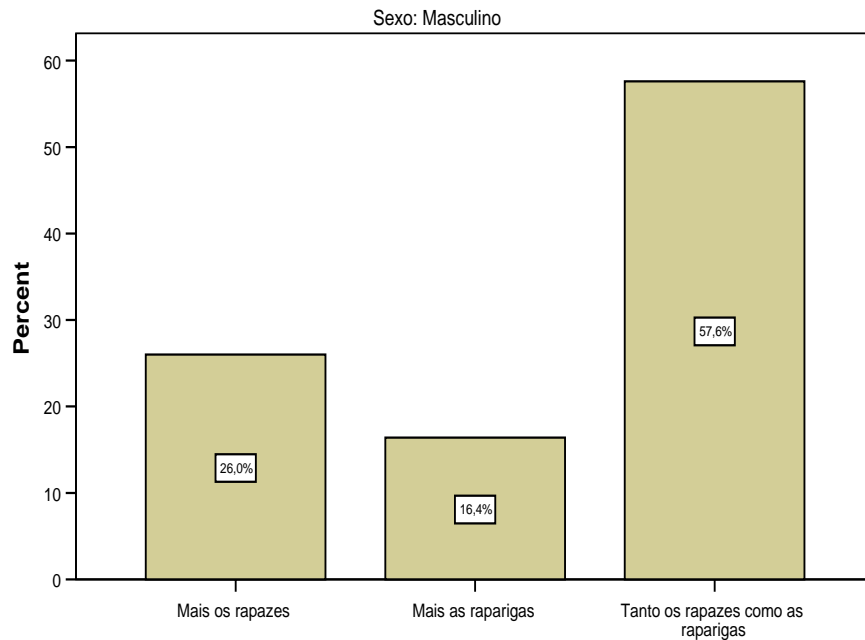
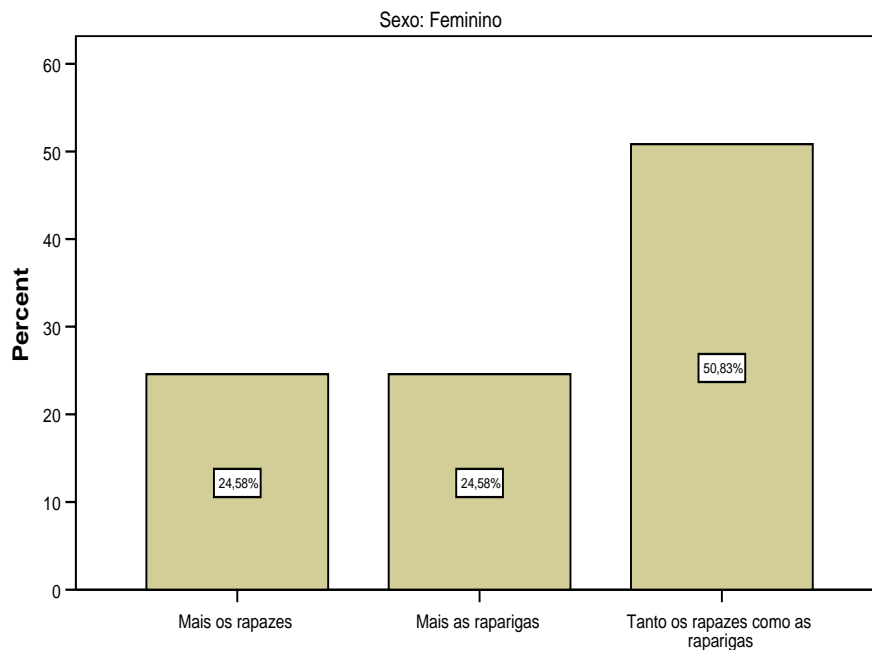
**Questão: Qual é a tua opinião quanto ao uso que rapazes e raparigas fazem do telemóvel e do Messenger?**

**Sexo**

Embora ambos os sexos considerem que tantos os rapazes como as raparigas são dependentes do telemóvel (os rapazes responderam 53,36% e as raparigas 48,36%), em segundo lugar, as raparigas (40,57%) destacam com significância considerável a sua dependência do telemóvel.

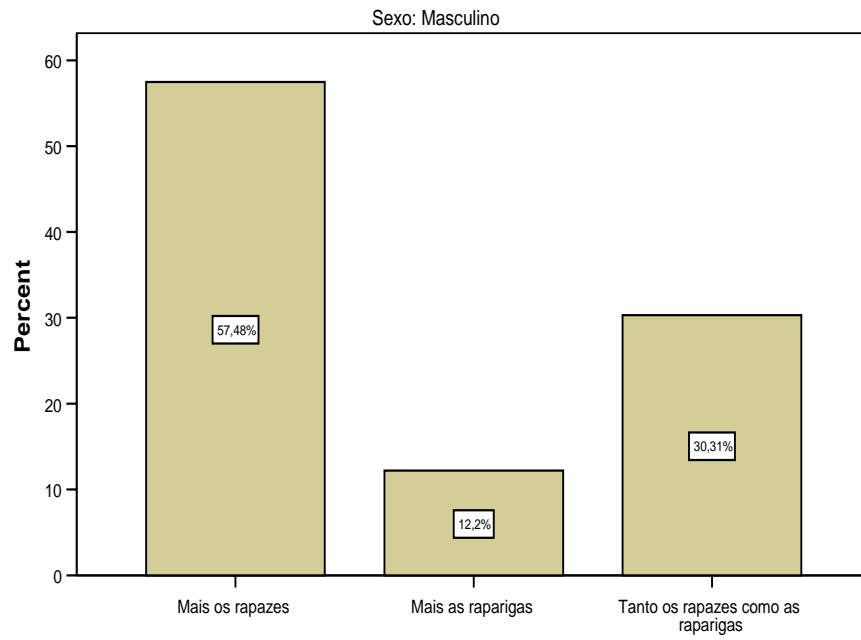
**Gráfico 26.** Quem é mais dependente do telemóvel \_sexo masculino**Gráfico 27.** Dados sobre quem é mais dependente do telemóvel \_sexo feminino

No Messenger a situação inverte-se. Embora, ambos os sexos se considerem ser igualmente dependentes do Messenger (eles 57,6% e elas 50,83%), são os rapazes que destacam a sua dependência (26,0%) face às raparigas.

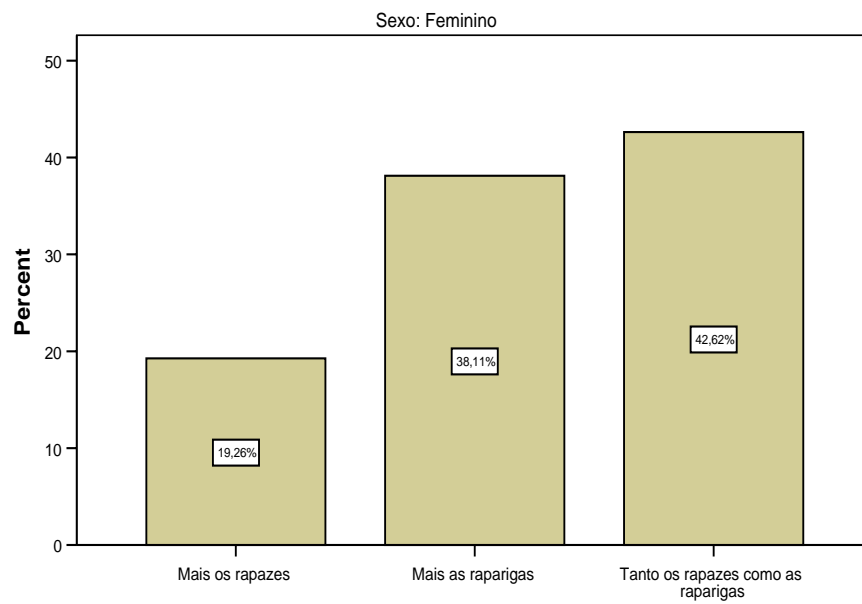
**Gráfico 28.** Quem é mais dependente do Messenger\_sex masculino**Gráfico 29.** Quem é mais dependente do Messenger\_sex feminino

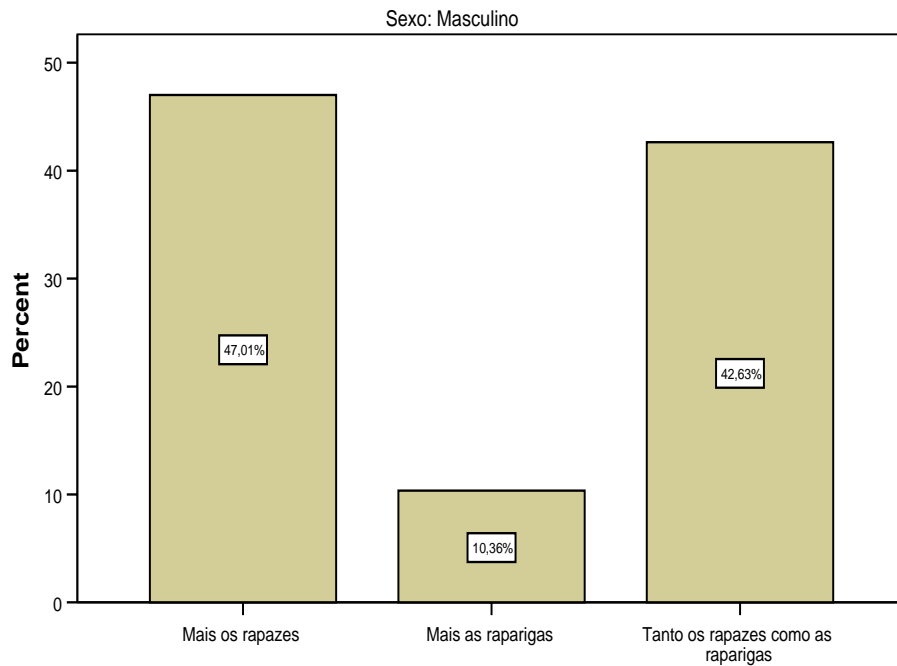
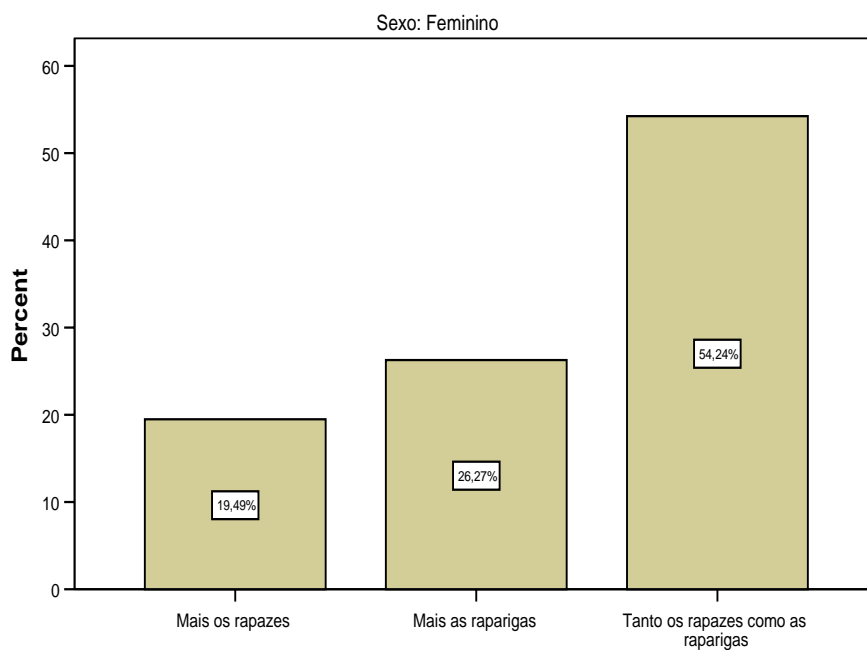
Os rapazes são da opinião que eles percebem mais das funções do telemóvel (57,48%) e do Messenger (47,01%) que elas. As raparigas consideram que tanto os rapazes como as raparigas utilizam com mestria as funções do telemóvel (42,62%) e do Messenger (54,24%) logo de seguida, são as raparigas que melhor utilizam essas funções no telemóvel (38,11%) e no Messenger (26,27%).

**Gráfico 30.** Quem utiliza melhor as funções do telemóvel\_sex masculino



**Gráfico 31.** Quem utiliza melhor as funções do telemóvel\_sex feminino



**Gráfico 32.** Quem utiliza melhor as funções do Messenger\_sex masculino**Gráfico 33.** Quem utiliza melhor as funções do Messenger\_sex feminino

### Ano de frequência

Segundo os inquiridos do 5º ano, são os rapazes que melhor utilizam as funções do telemóvel (41,44%) e só depois os rapazes e raparigas (35,74%) e as raparigas (22,81%). Já por sua vez, os indivíduos do 6º ano consideram que não há distinção



entre rapazes e raparigas no que toca ao uso das funções do telemóvel (37,02%) e só depois consideram os rapazes (35,74%) e as raparigas (27.23%).

### **Escola**

De acordo com a escola há diferenças relativamente à opinião dos inquiridos sobre quem usa melhor as funções do telemóvel e do Messenger. Assim, os indivíduos da escola de Lamações consideram que não há diferenças entre rapazes e raparigas na utilização das funções do telemóvel (38,34%); de seguida quem utiliza melhor o telemóvel são os rapazes (34,36%) e finalmente as raparigas (27,3%). Os inquiridos da escola de Amares consideram que, em primeiro lugar, quem utiliza melhor as funções do telemóvel são os rapazes (47,43%), depois rapazes e raparigas indistintamente (32,57%) e, por fim, as raparigas (20%). Verifica-se a mesma tendência para a opinião acerca da utilização do Messenger. Na escola de Lamações: tanto os rapazes como as raparigas – 56,25%; mais os rapazes – 30% e mais as raparigas; na escola de Amares: mais os rapazes – 40%; tanto os rapazes como as raparigas – 33,53%; mais as raparigas – 26,47%).

## Capítulo 5. Conclusões

### 5.1. Recomendações para futuros estudos

### 5.2. Estudos que apoiam a investigação realizada

### 5.3. Reflexões finais

---

## Capítulo 5. Conclusões

*“Não é verdade que, quando se diz tudo sobre os principais temas da vida humana, as coisas mais importantes continuam por dizer?”*

Zygmunt Bauman

Tendo em conta a célere e profunda mutação da realidade, na qual as crianças ganharam destaque crescente enquanto actores sociais e utilizadores pioneiros das novas tecnologias de informação e comunicação, revestiu-se de toda a conveniência e importância a investigação realizada, no sentido de perceber os rituais destes consumidores tecnológicos.

Assim, no decurso desta investigação, procedeu-se a um enquadramento teórico da temática, de modo a adequar e concretizar o estudo efectuado em duas escolas do distrito de Braga (EB 2,3 de Lamaçães e EB 2,3 de Amares). Esta investigação visou contribuir para aprofundar a investigação no que toca à forma como, actualmente, crianças do 5º e 6º ano de escolaridade utilizam, no quotidiano, duas das mais populares tecnologias de informação e comunicação: o telemóvel e o serviço de conversação instantânea – Messenger.

Depois de observarmos os resultados obtidos, concluímos que é um facto consumado que o uso do telemóvel e do Messenger se democratizou entre os mais novos, fazendo parte integrante do seu quotidiano. A idade com que os indivíduos adquirem o primeiro telemóvel coincide geralmente com a entrada para a escola, ou seja, quando as crianças iniciam o seu processo de maior emancipação, autonomia e socialização, fugindo ao controlo familiar. Enquanto que os indivíduos têm telemóvel cada mais jovens, no Messenger verifica-se que o maior grupo de utilizadores se situa entre os mais velhos. Sendo que, tendo em conta as idades dos inquiridos, o acesso a estes dois meios de comunicação é proporcionado pelos pais, verificou-se haver uma maior taxa de utilizadores do telemóvel do que do Messenger. Tal, prende-se com o facto do

telemóvel ser um meio relativamente económico e acessível enquanto elo umbilical entre pais e filhos. Por sua vez, o Messenger, apesar de tudo, ainda depende de um certo investimento económico e de alguma fluência tecnológica, o seu acesso não é tão generalizado quanto o telemóvel. Para além disso, tem um carácter mais secundário, supérfluo e lúdico e, possivelmente, por isso, é relegado para segundo plano.

De seguida, procedeu-se a dar resposta aos objectivos estipulados para o desenvolvimento do estudo. Assim:

### **1. Quanto à importância, frequência e modos de utilização do telemóvel e do Messenger**

Os inquiridos valorizam, em particular, o telemóvel enquanto mediador entre o utilizador, família e amigos (como meio de contacto ou como meio de comunicação em situações de emergência). Embora, o telemóvel seja dado às crianças para manutenção do controlo familiar, são outras as utilizações que estes fazem do aparelho. Assim, também apreciam as funcionalidades extra-comunicacionais do aparelho enquanto arquivador de memórias ou nas suas variadas funcionalidades: agenda, relógio, mp3, máquina fotográfica, Internet.

Apurou-se que a maior parte dos indivíduos desliga o telemóvel ou tira-lhe o som em situações como estar nas aulas, a dormir, locais e situações em que não é permitido atender (como, por exemplo, na missa, no médico, no cinema, entre outras...), sendo muito reduzida a percentagem de inquiridos que, em circunstância alguma, desliga ou tira o som ao seu celular.

Embora o Messenger se revele uma ferramenta de conversação bastante utilizada, entre os mais novos, ainda não tem tantos adeptos como o telemóvel. No entanto, cerca de 70% dos indivíduos que usam este serviço, usam-no regularmente.

Este serviço reveste-se de importância para os utilizadores porque é mais barato que o telemóvel e é útil para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola. O facto de o Messenger permitir conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, simular a conversa 'a sério', permitir realizar múltiplas tarefas e permitir a partilha de ficheiros também é bastante considerado pelos inquiridos.

Em média, cada indivíduo tem 52 contactos no Messenger e fala em média com 18 utilizadores, sendo que para cerca de 20% dos inquiridos alguns são pessoas que conheceram na Internet. Porém, quando não gostam da atitude de uma pessoa no Messenger, mais de 40% respondeu que bloqueia o contacto.

Segundo os inquiridos, o controlo dos pais relativamente ao tempo de uso do telemóvel ou do Messenger, regra geral, 'nunca' se faz sentir. Talvez esta falta de

controlo se deva a uma questão de iliteracia tecnológica ou desconhecimento dos potenciais perigos. Seria importante aprofundar esta questão em investigações futuras.

## **2. Quanto à relação de dependência que o telemóvel e o Messenger exerce na vida de crianças do 5º e 6º ano**

Para mais de 40% dos respondentes, a situação temporária de ficar sem telemóvel não representa qualquer transtorno. Contudo, se observarmos que uma percentagem significativa se concentra em três sentimentos negativos, como a 'tristeza', 'desespero' e 'tédio', então, podemos concluir que para a maior parte dos respondentes ficar sem telemóvel altera negativamente o seu estado de espírito.

Cerca de 50% dos inquiridos afirma ser dependente do telemóvel, e apenas 35% se diz dependente do Messenger. Face a estes números podemos concluir que em ambos os casos, o número de não dependentes é superior ao de dependentes todavia, comparativamente, regista-se um maior grau de dependência do telemóvel do que do Messenger.

Os indivíduos inquiridos são de opinião que rapazes e raparigas são igualmente dependentes do telemóvel e do Messenger. No entanto, consideram que os rapazes são mais fluentes no uso das funções do telemóvel e que no Messenger tanto os rapazes como as raparigas são fluentes na utilização das funções.

Quando conhecem alguém, o primeiro contacto que os indivíduos fornecem é o número de telemóvel.

## **3. Quanto à influência das características sócio-demográficas na utilização do telemóvel e o Messenger**

No que diz respeito às características sócio-demográficas, constatou-se que estas apresentam leituras suplementares, mas não representam flutuações, tão significativas como se esperava, quanto à utilização do telemóvel e do Messenger.

Quanto ao sexo, em situação de ficar temporariamente sem telemóvel, as raparigas sentem mais 'indiferença' e 'tristeza' enquanto que os rapazes sentem um maior 'desespero' e 'tédio'.

No Messenger, registou-se que os rapazes são os mais dependentes do serviço de conversação instantânea e valorizam mais as potencialidades de entretenimento do serviço do que as raparigas. Relativamente às raparigas, é maior o número de rapazes que respondeu ter, na sua lista do Messenger, o contacto de pessoas que conheceram na Internet.

Rapazes e raparigas consideram-se identicamente dependentes do telemóvel e do Messenger, no entanto, eles opinam que percebem mais das funcionalidades do telemóvel e do Messenger, enquanto que as raparigas são menos sexistas, considerando que ambos o sexos são fluentes na utilização das funções destes dois meios de comunicação.

Relativamente à idade, tendo em conta que estas oscilavam desigualmente entre os 10 e os 14 anos, optou-se por considerar o ano escolar para fazer a distinção etária.

Deste modo, no que diz respeito ao telemóvel, os indivíduos mais velhos, que frequentam o 6º ano, têm uma maior relutância em desligar o telemóvel, optando por tirar o som. Curiosamente, é mais frequente entre os inquiridos do 5º ano nunca desligar o telemóvel.

Em situação de ficar temporariamente sem telemóvel, apesar de revelarem o mesmo tipo de sentimentos, os alunos do 6º ano sentem mais 'indiferença' e 'tristeza' e os do 5º 'desespero' e 'tédio'.

A percentagem de alunos com Messenger é superior entre os alunos do 6º ano, talvez porque têm uma vida social já mais desenvolvida que os aproxima mais da adolescência e dominam melhor a expressão escrita.

Quanto ao grau de dependência, verificou-se que, apesar, de obtermos valores aproximados, os indivíduos do 6º ano são ligeiramente mais dependentes do telemóvel do que os do 5º ano. Isto poderá ter a ver com o facto de terem telemóvel há mais tempo.

Segundo os inquiridos do 5º ano, são os rapazes que melhor utilizam as funções do telemóvel enquanto que para os indivíduos do 6º ano não há distinção entre sexos no que toca ao uso das funções do telemóvel.

Uma outra distinção que fizemos foi entre escolas já que nesta categoria se incluem (como foi sistematizado no capítulo 3) características de meio e de estratificação social divergentes.

É consideravelmente superior a percentagem de alunos que tem Messenger entre os alunos da EB 2,3 de Lamações em comparação com a EB 2,3 de Amares. Provavelmente, esse resultado explica-se porque a Escola de Lamações regista uma percentagem maioritária de alunos que vive na cidade e cujas famílias têm um nível socio-económico mais elevado. Porém, são os inquiridos da EB 2,3 de Amares que mais se correspondem com pessoas que conhecem na Internet. Isto poderá denotar uma menor informação ou sensibilização familiar para os perigos decorrentes da Internet.

É visível uma maior dependência do telemóvel e do Messenger entre os alunos da escola de Amares.

Para os indivíduos da escola de Lamações não há diferenças entre rapazes e raparigas na utilização das funções do telemóvel ou do Messenger, já os da escola de Amares consideram que quem utiliza melhor as funções do telemóvel e do Messenger são os rapazes.

### **5.1. Recomendações para futuros estudos**

Considerámos que este estudo pode ser um ponto de partida para continuar a aprofundar e desenhar percursos originais de investigação numa área que se ocupa por estudar, com maior frequência, os adolescentes, relegando para segundo plano as faixas etárias mais jovens. Fruto da velocidade estonteante com que a tecnologia e a sociedade evoluem, facilmente incorremos no risco de uma célere desactualização, por isso, o estudo realizado contribui para actualizar ou complementar literatura existente, mas principalmente para abrir novos horizontes de pesquisa.

Assim, apontam-se algumas linhas orientadoras para estudos vindouros:

- Sensibilizar para um maior acompanhamento da criança no ciberespaço, inculcando-lhes um maior sentido de alerta e responsabilidade;
- Estudar como se concretiza no relacionamento mediado por telemóvel e Messenger e que influência têm estas tecnologias ou na interacção entre pares;
- Verificar se o uso das tecnologias faz com que requeiem para segundo plano o relacionamento face-a-face;
- Investigar o mundo secreto e tribal das mensagens escritas codificadas;
- Aprofundar as questões de dependência no que toca ao telemóvel e ao Messenger;
- Sensibilizar para as consequências de os pais não estarem despertos para os sintomas de adição e dependência;
- Reflectir as repercussões que o uso abusivo destas tecnologias podem ter nos actuais modos de vida do universo infantil;
- Sensibilizar os pais para educarem para o bom uso dos meios de comunicação digital.

## 5.2. Estudos que apoiam a investigação realizada

Ao longo deste último ano, foram publicados alguns estudos que apoiam as conclusões aferidas nesta investigação, a saber:

- **Grau de dependência dos adolescentes às novas tecnologias**

Estudo realizado pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto, divulgado em Maio de 2008, disponível para consulta em <http://diario.iol.pt/sociedade/telemoveis-juventude-dependencia-jovens-telemovel/950646-4071.html>

- **Sobre o uso dos Media**

*E-Generation: Os usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*

Disponível para consulta em <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>

Realizado em 2007 pelo Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa, este estudo de âmbito nacional foi aplicado a jovens com idades entre os 8 e os 18 anos.

- **O uso da Internet sem controlo parental**

*Apropriação dos Novos Media*

Disponível para consulta em [www.esse.ualg.pt/cicom/Mediappro\\_Portugal.pdf](http://www.esse.ualg.pt/cicom/Mediappro_Portugal.pdf)

Estudo levado a cabo pela consultora Meddiappro, em nove países europeus, divulgado em 2006.

- **Sobre a cultura Messenger**

*Jóvenes y cultura Messenger*

Estudo realizado em 2006, disponível para consulta em

[www.fad.es/sala\\_lectura/Messenger.pdf](http://www.fad.es/sala_lectura/Messenger.pdf)

## 5.3. Reflexões finais

É inegável a concorrência que as tecnologias presentemente exercem face às instituições basilares como a família e a escola no processo de socialização da criança. As tecnologias de informação e comunicação fazem sentir a sua influência e alteram a estrutura social, os costumes, a vida quotidiana. Há uma geração da cultura letrada, cujo quotidiano se subordina às novas tecnologia e que desenvolveu uma forma de estar

no mundo independente do mundo adulto, cuja configuração assenta em novos moldes de comunicar, relacionar e viver que é desconhecido para nós. Não sabemos que adultos serão as crianças que hoje crescem com a cultura da ubiquidade e da interactividade comunicacional e relacional, mas temos provas, hoje, que utilizam doutamente tecnologias como o telemóvel e o Messenger para manter e alargar os laços de afectividade e de amizade. Antigamente, num passado ainda bem próximo, fazíamos amigos no face-a-face entre os vizinhos, os amigos dos amigos, os colegas da escola, actualmente, travam-se amizades, namora-se e pode ter-se uma “second life” na rede.

A criança desenvolveu uma relação íntima e natural com estes aparelhos que os conecta à família, à escola, aos amigos, desde tenra idade, proporcionando uma sensação de companhia, segurança e a gestão do dia-a-dia. Tudo está ao alcance de um botão que utilizam para comunicar através de páginas e páginas de texto que enviam sucessivamente para um destinatário invisível que, segundos depois, responde às suas missivas digitais. Não surpreende, por isso, que esta relação se torne um vício e se sintam desorientados quando estão sem o telemóvel ou sem Internet. No âmbito das comunicações, as inovações não estagnaram, prevêem-se mais revoluções no futuro próximo, já anunciadas, como é o caso da Playstation Portable (PSP) com funções de telefone via Internet em cooperação com a Skype<sup>29</sup>; dos ultramóveis mais pequenos que um telemóvel com acesso à Internet<sup>30</sup>; ou a anunciada GRID que tornará a Internet obsoleta<sup>31</sup>. As novidades, no âmbito das tecnologias de informação e comunicação são diárias, os mais jovens absorvem sofregamente tudo quanto desafia a sua curiosidade própria da idade, em simultâneo, constroem uma cultura com códigos, sinais e ritos, por vezes, camuflados, indecifráveis e silenciosos. Assim, neste contexto evolutivo, é fundamental o papel dos pais e dos adultos, em geral, no sentido de acompanhar e compreender as preferências da criança na construção da sua própria cultura, é que quando as teclas falam, as palavras calam...

---

<sup>29</sup> Publicado a 05.01.2008, em <http://diariodigital.sapo.pt/>.

<sup>30</sup> Publicado a 09.01.2008, em <http://diariodigital.sapo.pt/>.

<sup>31</sup> Publicado a 07.07.2008, em <http://cienciahoje.pt/>.



## Referências Bibliográficas

- Andreoli, Vittorino (2007). *O Mundo Digital* (1ª edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Alvarez, Alvar; Martínez, António; Méndez, Roberto (1993). *Tecnología en acción*. Barcelona: Editorial RAP.
- Araújo, Emília Rodrigues (2004). *A Mobilidade como objecto sociológico*. Consultado a 11 de Janeiro de 2008, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt>.
- Associação para a promoção e desenvolvimento da Sociedade de Informação (2007). *Glossário da Sociedade da Informação*. Consultado a 1 de Setembro de 2007, em [www.apdsi.pt/](http://www.apdsi.pt/).
- Basalla, George (2001). *A Evolução da Tecnologia*. Porto Editora. (Coleção História e Filosofia da Ciência).
- Barra, Sandra Marlene; Sarmiento, Manuel Jacinto (2002). *Os Saberes das Crianças e as Interações na Rede*. Braga: Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Consultado a 29 de Dezembro de 2007, em [www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art14.doc](http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art14.doc).
- Bauman, Zygmunt (2003). *Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Belloni, Maria Luiza (2007). *Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização*. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. v. 25, n. 1, 57-82. Consultado a 29 de Dezembro de 2007, em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2007\\_01/5-Maria%20Luiza.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_01/5-Maria%20Luiza.pdf).
- Betti, Sílvia (2006). *La jerga juvenil de los SMS :-)*. *Cuadernos del Lazarillo*, n.º 31, 68-76. Consultado a 20 de Dezembro de 2007, em <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=226>.
- Cardoso, Gustavo (coord) (2007). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ISCTE – Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Consultado a 16 de Abril de 2008, em <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>.
- Castells, Manuel (1996). *La cultura de la virtualidad real: La integración de la comunicación electrónica, el fin de la audiencia de masas y el desarrollo de las redes interactivas*. Consultado a 16 de Novembro de 2007, em [www.cholonautas.edu.pe](http://www.cholonautas.edu.pe).

- Castells, Manuel (2002). *A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carrol, Lewis (2000). *Alice no País das Maravilhas* (1ª edição de bolso). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Davis, Erik (1998). *Tecnognose – Mito, Magia e Misticismo na Era da Informação*. Notícias Editorial. (Coleção Ciência Aberta).
- Derry, T.K.; Williams, Trevor I. (1986). *Historia de la tecnologia – Desde la antiguidad hasta 1750* (Vol. I). Siglo veintiuno de españa editores s.a.
- Espanha, Rita; Soares, Luís; Cardoso, Gustavo (2003). *Do Multimédia ao Wireless: As dietas mediáticas dos portugueses*. Consultado em 13 de Janeiro de 2008, em [http://cies.iscte.pt/linhas/linha2/sociedade\\_rede/pr\\_htdocs\\_network/apps/respanha.pdf](http://cies.iscte.pt/linhas/linha2/sociedade_rede/pr_htdocs_network/apps/respanha.pdf).
- Ferin, Isabel (2002). *Comunicação e culturas do quotidiano*. Quimera Editores. (Coleção «O que é»).
- Forster, E. M. (1909). *The Machine Stops*. Consultado a 17 de Outubro de 2007, em <http://brighton.ncsa.uiuc.edu/prajlich/forster.html>
- Garbin, Elisabete Maria (2003). *Cultur@s juvenis, identidades e Internet: questões atuais*. *Revista Brasileira de Educação*, nº23, 119-135. Consultado a 15 de Março de 2008, em [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200009&script=sci_arttext).
- Gibson, William (2004). *Neuromante*. Gradiva Editores.
- Girmino, José Manuel (2002). *La generación del pulgar*. Consultado a 15 de Março de 2008, em [www.laflecha.net/canales/moviles/articulos/generacion\\_pulgar/](http://www.laflecha.net/canales/moviles/articulos/generacion_pulgar/).
- Guimarães Jr, Mário José Lopes (1997). *A Cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade*. Consultado a 12 de Fevereiro de 2008, em [www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html).
- Harvey, David (2001). *Condição Pós-Moderna* (10ª edição) São Paulo: Edições Loyola.
- Instituto Nacional de Estatística (2008). *Estatísticas das Comunicações 2006*. Consultado a 18 de Outubro de 2007, em [www.ine.pt](http://www.ine.pt).
- Júlio, Bruno Gonçalo de Oliveira (2005). *Identidade e interação social em comunicação mediada por computador*. Consultado a 15 de Março de 2008, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Junqueiro, Raul (2002). *A Nova Era Digital*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Kerckhove, Derrick de, (1997). *A pele da Cultura – uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Leclerc, Gérard (1999). *A Sociedade de Comunicação – Uma abordagem sociológica e crítica*. Instituto Piaget. (Colecção Epistemologia e Sociedade).
- Lemos, André (2005). *Cibercultura e Mobilidade – A Era da Conexão*. Consultado a 15 de Março de 2008, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Lemos, André (1999). *Ciber-socialidade – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Consultado a 17 de Março de 2008, em [www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html](http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html).
- Lévy, Pierre (1997). *Cibercultura – Relatório para o Conselho da Europa no quadro do projecto «Novas Tecnologias: cooperação cultural e comunicação*. Éditions Odile Jacob/Éditions du Conseil de l'Europe. Instituto Piaget. (Colecção Epistemologia e Sociedade).
- Ling, Rich, Kaufman, Morgan (2004). *The Mobile Connection – The Cell Phone's impact on society*. San Francisco: Morgan Kaufman Publisher.
- Lipovetsky, Gilles (1983). *A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- López, Angel J. Gordo; Quirós, Ignacio Megías (2006). *Jóvenes e cultura Messenger: Tecnología de la información y la comunicación en la sociedad interactiva*. Consultado em 20 de Dezembro de 2007, em [www.fad.es/sala\\_lectura/Messenger.pdf](http://www.fad.es/sala_lectura/Messenger.pdf).
- Mantovani, Camila Maciel Campolina Alves (2006). *Informação e mobilidade*. Consultado a 15 de Março de 2008, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Mattelart, Armand (1996). *A Mundialização da Comunicação*. Instituto Piaget. (Colecção Economia e Política).
- Miles, Steven (1998). Consuming technology. In Miles, Steven. *Consumerism: as a way of life*. 70-79. Consultado a 20 de Outubro de 2007, em <http://books.google.pt>.
- Molinuevo, José Luís (2004). *Humanismo y nuevas tecnologías*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.
- Montardo, Sandra Portella (2005). *Comunicação como forma social: proposta de intersecção entre a comunicação e a cibercultura*. Consultado a 16 de Março de 2008, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Morin, Edgar (1975). *O Paradigma Perdido – a natureza humana*. Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária.

- Palmer, Mark T. (1995). Interpersonal communication and virtual reality: mediating interpersonal relationships. In Biocca, Frank; Levy, Mark R. *Communication in the age of virtual reality*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers. 277-299.
- Pinto, Casimiro (2006). *Diferentes experiências, as mesmas utilizações – culturas juvenis tecnológicas digitais*. Consultado a 10 de Fevereiro de 2008, em [www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?id=680&llengua=es](http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?id=680&llengua=es).
- Pinto, Manuel Luís da Silva (2002). *Práticas educativas numa sociedade global* (1ª edição). Edições Asa. (Colecção Horizontes da Didáctica).
- Plant, Sadie (2002). *On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life*. Consultado a 2 de Novembro de 2007, em [www.receiver.vodafone.com](http://www.receiver.vodafone.com).
- Ponte, Cristina; Candeias, Cátia (2006). 2006 em análise Crianças e Internet – que acesso e usos? Que potencialidades e que riscos dessa relação? Consultado a 15 de Novembro de 2007, em [www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ArtigoOBERCOM2006.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ArtigoOBERCOM2006.pdf).
- Ponte, Cristina; Vieira, Nelson (2007). *Crianças e Internet, Riscos e Oportunidades – Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. Consultado a 20 de Novembro de 2007, em [www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU Kids OnlineVersao170707.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU Kids OnlineVersao170707.pdf).
- Quintanilla, Miguel Angel (1989). *Tecnologia: un enfoque filosófico*. Madrid: Los Libros de Fundesco.
- Qvortrup, Jens (1999). *Crescer na Europa: Horizontes actuais dos estudos sobre a Infância e a Juventude – a Infância na Europa: novo campo de pesquisa social*. Consultado a 12 de Janeiro de 2008, em <http://cedic.iec.uminho.pt/>.
- Rheingold Howard (1996). *A Comunidade Virtual* (1ª edição). Gradiva Publicações Lda.
- Rieffel, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto Editora. (Colecção Comunicação – 3).
- Sáez, Victor Manuel Marí (2004). *Comunicación, redes y cambio social, La Rede es de todos – Cuando los Movimientos Sociales se apropiarian de la Red*. Editorial Popular.
- Saint-Exupéry, Antoine de (2001). *O Príncipezinho* (24ª edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Saramago, José (2005). *As Intermitências da Morte*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sarmiento, Manuel Jacinto; Barra, Sandra (2002). *Os saberes das crianças e as interações na rede*. Consultado a 17 de Fevereiro, em <http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art14.doc>.
- Sarmiento, Manuel Jacinto (2002). *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Consultado a 18 de Fevereiro, em <http://cedic.iec.uminho.pt/>.

- Sartori, Giovanni (2000). *Homo Videns – televisão e pós-pensamento*. Lisboa: Lisboa Terramar.
- Strasburger, Victor C. (1995). *Adolescents and the media, Medical and psychological impact*. Vol. 33. *Developmental clinical psychology and psychiatry* Sage Publications.
- Standage, Tom (1999). *The Victorian Internet*. New York: Berkley Books.
- Silva, Adelina (2005). *Mundos Reais, Mundos Virtuais. Os jovens nas salas de chat*. *Revista Textos de la Cibersociedad*. Nº 6. Consultado a 2 de Março, em <http://www.cibersociedad.net> .
- Teixeira, José (2003). *O q é q é + importt n1 msg? - Mensagens SMS e novos usos da escrita*. Consultado a 22 de Fevereiro de 2008, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt>.
- Toffler, Alvin (1980). *The Third Wave*. Bantam Books.
- Turkle, Sherry (1995). *Life on the screen – Identity in the Age of the Internet*. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- Virilio, Paul (1997). *Open sky*. Verso.

## Webografia

<http://www.search.eb.com/eb/article-10381>  
<http://faculty.frostburg.edu/phil/forum/ModernTimes.htm>  
<http://www.unicef.pt>  
<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/H/heteronimo.htm>  
<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=24359&op=all>  
<http://www.ine.pt>  
<http://www.iconoculture.com>  
<http://www.miudossegurosna.net>  
[http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=292825](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=292825)  
<http://www.vodafone.pt>  
<http://www.tmn.pt>  
<http://www.optimus.pt>  
<http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue3/jones.html>  
[http://dn.sapo.pt/2006/07/31/media/77\\_adeptos\\_messenger.html](http://dn.sapo.pt/2006/07/31/media/77_adeptos_messenger.html)  
<http://www.pewinternet.org/>  
<http://www.cs.cmu.edu/~sef/Orig-Smileys.htm>  
[http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section\\_id=44&id\\_news=297866](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=44&id_news=297866)  
<http://www.arlindo-correia.com/100602.html>  
<http://www.nerdtimes.com/smileys.htm>  
<http://dn.sapo.pt/>  
<http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>  
[http://www.fad.es/sala\\_lectura/Messenger.pdf](http://www.fad.es/sala_lectura/Messenger.pdf)  
[http://www.ese.ualg.pt/ciccom/Mediappro\\_Portugal.pdf](http://www.ese.ualg.pt/ciccom/Mediappro_Portugal.pdf)  
<http://diariodigital.sapo.pt/>  
<http://diario.iol.pt/sociedade/telemoveis-juventude-dependencia-jovens-telemovel/950646-4071.html>  
<http://cienciahoje.pt/>

## ANEXOS

# Proposta de Investigação

A utilização do telemóvel e do Messenger por crianças do  
5º e 6º ano do ciclo do ensino básico



Teresa Sofia Pereira Dias de Castro

Aluna do 2º ano do Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação  
Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança





Ex.mo Senhor Presidente

Conselho Executivo

Teresa Sofia Pereira Dias de Castro, aluna do 2º ano do Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação da Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, a realizar dissertação sobre a orientação da Professora Doutora Maria José Machado, vem por este meio solicitar a Vª Ex.cia permissão para aplicar um questionário nas turmas do 5º e 6º ano.

Para apreciação do meu pedido, junto se enviam os seguintes elementos:

- Objectivos do estudo;
- Proposta de questionário.

Apresento-me, desde já, disponível para esclarecimentos adicionais, bem como receber sugestões de melhoramento do questionário proposto.

Na expectativa do melhor acolhimento e anuência para o assunto, subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Braga, 28 de Janeiro de 2008

## Objectivos do estudo

O principal objectivo desta investigação é contribuir para o estudo das tendências de utilização do telemóvel e do Messenger por crianças do 5º e 6º ano do ciclo do ensino básico.

Em função deste objectivo geral, e no seguimento da recolha documental e bibliográfica efectuada e de entrevistas exploratórias pouco estruturadas propõem-se os seguintes objectivos específicos:

- Compreender a importância, frequência e modos de utilização que atribuem a estes dois dos mais populares meios de comunicação assentes na escrita;
- Compreender se as características sócio-demográficas das crianças influenciam na utilização do telemóvel e do Messenger.
- Compreender a relação de dependência que as tecnologias de informação e comunicação: o telemóvel e o Messenger exercem na vida de crianças do 5º e 6º ano.

## Proposta de Questionário

**Este questionário, integrado num trabalho de investigação no âmbito de uma tese de mestrado, pretende recolher dados acerca das tendências de utilização do telemóvel e do Messenger.**

**Peço a tua colaboração no seu preenchimento. Tempo estimado de preenchimento: 20 minutos.**

**As informações recolhidas são de carácter anónimo, pelo que te peço que não o assines.**

**Este questionário não é um teste e por isso não há respostas certas ou erradas.**

**A tua colaboração é muito importante!**

### Dados Pessoais

**1. Quantos anos tens?**    |\_\_|\_\_| anos

*(Assinala a tua resposta às perguntas 2 a 4 com um X)*

**2. Sexo**

Masculino |\_\_|    Feminino |\_\_|

**3. Ano que frequentas**

5º ano |\_\_|    6º ano |\_\_|

**4. Onde resides?**

Braga – cidade |\_\_|    Braga – arredores |\_\_|    Outra localidade |\_\_|

**5. Profissão dos pais**

Pai |\_\_\_\_\_|    Mãe |\_\_\_\_\_|

**O telemóvel**

**6. Tens telemóvel?** (Assinala a tua resposta com um X)

Sim  Não  (Se respondeste não, passa ao nº 8)

**7. Com que idade tiveste telemóvel pela primeira vez?**

anos

**8. Na tua opinião, é importante os jovens da tua idade terem telemóvel porque...**

(Para cada afirmação assinala com um X a resposta escolhida)

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Assim, os meus pais podem contactar-me sempre que queiram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se me acontecer alguma coisa, posso telefonar a alguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Me permite falar com os meus amigos sempre que quero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O telemóvel é uma companhia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os meus amigos podem falar comigo quando quiserem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permite guardar recordações como fotos e mensagens especiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque uso o telemóvel como relógio, leitor de mp3, agenda, máquina fotográfica....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**9. Quando é que desligas o telemóvel?** (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

Desligo  Quando? \_\_\_\_\_

Não desligo, mas tiro o som.  Quando? \_\_\_\_\_

Nunca desligo, nem tiro o som

**10. Certamente já te aconteceu ficar sem telemóvel, porque por exemplo ficaste sem saldo ou sem bateria... O que sentiste nesse momento?** (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

Desespero

Alívio

Tédio

Tristeza

Alegria

Liberdade

Indiferença

Outra  Qual? \_\_\_\_\_



## O Messenger

### 11. Tens Messenger?

Sim  Não  (Se respondeste não, passa à questão 13)

### 12. Quando é que utilizas o Messenger? (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

Todos os dias

À noite

No fim-de-semana

Na escola

Quando os meus pais autorizam

Outra situação  Qual? \_\_\_\_\_



### 13. Na tua opinião, o Messenger é importante porque...

(Para cada afirmação da coluna da esquerda assinala a tua resposta com um X)

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Posso falar com várias pessoas ao mesmo tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posso conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É divertido (com os <i>smiles</i> , fotos, cor de letra...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É parecido com uma conversa a sério	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É mais barato do que o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permite partilhar informação: fotos, documentos, músicas, vídeos....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### 14. Quantos contactos tens no Messenger?

| \_\_\_\_\_ | Contactos

### 15. Com quantos contactos falas regularmente?

| \_\_\_\_\_ | Contactos

### 16. Algum desses contactos conhecestes via Internet?

Sim  Não

### 17. Quando não gostas da atitude de uma pessoa no Messenger o que fazes?

Bloqueio e excluo o contacto

Apenas bloqueio

Apenas excluo

Não faço nada

**Telemóvel | Messenger**

**18. Os teus pais controlam o tempo que usas o telemóvel ou o Messenger?** (Assinala a tua resposta com um X)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Telemóvel					
Messenger					

**19. Consideras-te dependente do telemóvel e do Messenger?** (Assinala a tua resposta com um X)

**Telemóvel** Sim |\_\_| Não |\_\_|

**Messenger** Sim |\_\_| Não |\_\_|

**20. Qual é a tua opinião quanto ao uso que rapazes e raparigas fazem do telemóvel e do Messenger?**

(Para cada afirmação assinala com um X a resposta escolhida)

	Rapazes	Raparigas	Rapazes e Raparigas
Quem é mais dependente do Telemóvel?			
Quem é mais dependente do Messenger?			
Quem utiliza melhor as funções do telemóvel?			
Quem utiliza melhor as funções do Messenger?			

**21. Quando conheces uma pessoa qual é o 1º contacto que lhe dás?**

Messenger |\_\_|

Telemóvel |\_\_|

Messenger e telemóvel |\_\_|

**Por favor, verifica se respondeste a todas as questões. OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!**



## Anexo II

Este questionário, integrado num trabalho de investigação no âmbito de uma tese de mestrado, pretende recolher dados acerca das tendências de utilização do telemóvel e do Messenger.

Peço a tua colaboração no seu preenchimento. Tempo estimado de preenchimento: 20 minutos.

As informações recolhidas são de carácter anónimo, pelo que te peço que não o assines.

Este questionário não é um teste e por isso não há respostas certas ou erradas.

A tua colaboração é muito importante!

### Dados Pessoais

1. Quantos anos tens? |\_\_|\_\_| anos

(Assinala a tua resposta às perguntas 2 a 4 com um X)

2. Sexo

Masculino |\_\_| Feminino |\_\_|

3. Ano que frequentas

5º ano |\_\_| 6º ano |\_\_|

4. Onde resides?

Braga – cidade |\_\_| Braga – arredores |\_\_| Outra localidade |\_\_|

5. Profissão dos pais

Pai |\_\_\_\_\_| Mãe |\_\_\_\_\_|



**O telemóvel**

**6. Tens telemóvel?** (Assinala a tua resposta com um X)

Sim  Não  (Se respondeste não, passa ao nº 8)

**7. Com que idade tiveste telemóvel pela primeira vez?**

anos

**8. Na tua opinião, é importante os jovens da tua idade terem telemóvel porque...**

(Para cada afirmação assinala com um X a resposta escolhida)

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Assim, os meus pais podem contactar-me sempre que queiram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se me acontecer alguma coisa, posso telefonar a alguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Me permite falar com os meus amigos sempre que quero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O telemóvel é uma companhia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os meus amigos podem falar comigo quando quiserem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permite guardar recordações como fotos e mensagens especiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque uso o telemóvel como relógio, leitor de mp3, agenda, máquina fotográfica....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**9. Quando é que desligas o telemóvel?** (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

Desligo  Quando? \_\_\_\_\_

Não desligo, mas tiro o som.  Quando? \_\_\_\_\_

Nunca desligo, nem tiro o som

**10. Certamente já te aconteceu ficar sem telemóvel, porque por exemplo ficaste sem saldo ou sem bateria... O que sentiste nesse momento?** (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

- Desespero
- Alívio
- Tédio
- Tristeza
- Alegria
- Liberdade
- Indiferença
- Outra  Qual? \_\_\_\_\_



## O Messenger

### 11. Tens Messenger?

Sim  Não  (Se respondeste não, passa à questão 13)

### 12. Quando é que utilizas o Messenger? (Podes assinalar com um X mais do que uma resposta)

Todos os dias

À noite

No fim-de-semana

Na escola

Quando os meus pais autorizam

Outra situação  Qual? \_\_\_\_\_



### 13. Na tua opinião, o Messenger é importante porque...

(Para cada afirmação da coluna da esquerda assinala a tua resposta com um X)

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Posso falar com várias pessoas ao mesmo tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posso conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É divertido (com os <i>smiles</i> , fotos, cor de letra...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É parecido com uma conversa a sério	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É mais barato do que o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permite partilhar informação: fotos, documentos, músicas, vídeos....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### 14. Quantos contactos tens no Messenger?

| \_\_\_\_\_ | Contactos

### 15. Com quantos contactos falas regularmente?

| \_\_\_\_\_ | Contactos

### 16. Algum desses contactos conhecestes via Internet?

Sim  Não

### 17. Quando não gostas da atitude de uma pessoa no Messenger o que fazes?

Bloqueio e excluo o contacto

Apenas bloqueio

Apenas excluo

Não faço nada

**Telemóvel | Messenger**

**18. Os teus pais controlam o tempo que usas o telemóvel ou o Messenger?** (Assinala a tua resposta com um X)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Telemóvel					
Messenger					

**19. Consideras-te dependente do telemóvel e do Messenger?** (Assinala a tua resposta com um X)

**Telemóvel** Sim  Não

**Messenger** Sim  Não

**20. Qual é a tua opinião quanto ao uso que rapazes e raparigas fazem do telemóvel e do Messenger?**

(Para cada afirmação assinala com um X a resposta escolhida)

	Rapazes	Raparigas	Rapazes e Raparigas
Quem é mais dependente do Telemóvel?			
Quem é mais dependente do Messenger?			
Quem utiliza melhor as funções do telemóvel?			
Quem utiliza melhor as funções do Messenger?			

**21. Quando conheces uma pessoa qual é o 1º contacto que lhe dás?**

Messenger

Telemóvel

Messenger e telemóvel

**Por favor, verifica se respondeste a todas as questões. OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!**

